



LIBRARY  
OF THE  
UNIVERSITY  
OF ILLINOIS

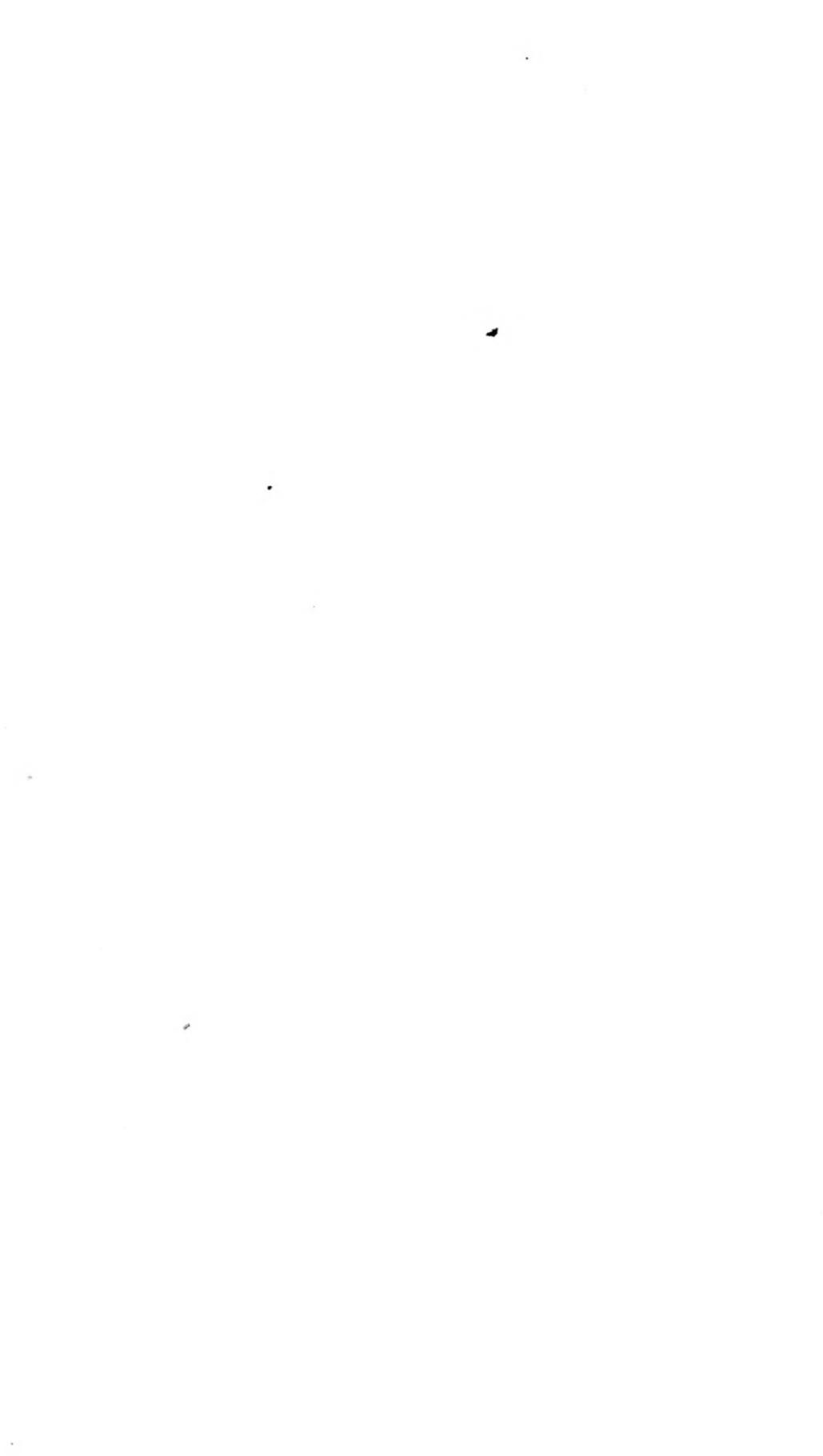
869.9081

T7582

1876

v. 1-5





# TROVADOR

COLLECCÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME I

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COSTINHO — Editor

75. Rua de S. José, 75

1876

# LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

- A. HERCULANO — O bobo, novo romance. — O Eurico. — O monge de Cister. 2 v. — Lendas e narrativas. 2 v. — Historia da inquisição em Portugal. 3 v. — Historia de Portugal. 4 v. — Estudos sobre o casamento civil. 5 folhetos. — A reacção ultramontana em Portugal. — A voz do propheta. — Ao partido liberal. — Poesias. — Opusculos. 2 v.
- PINHEIRO CHAGAS — Poema da mocidade, e o poemeto O anjo do lar. 1 v. — A flôr secca, romance. — A corte de D. João v. — Tristezas á beira-mar. — Ensaios criticos. — Novos ensaios criticos. — A Judia, drama. — A morgadinha de Val-flôr, drama. — Portuguezes illustres. — Madrid, scenas de viagem. — Durante o combate, pretexto n'um acto. — A vingança do sargento, por Landelle, trad. 3 v. — Em redor da minha secretaria, por Disforges, trad. — A fada de Auteuil, por P. du Terrail, trad. — A Sun Felice, por A. Dumas, trad. — Anigas e peccadoras, por M.<sup>me</sup> Giraud, trad. — O juramento da duqueza. — O testamento do conde, trad. — A virgem Guaraciaba. — Contos e descripções. — O major Napoleão. — O segredo da viscondessa. 1 v. — Os guerrilheiros da morte. 1 v. — Historia da communa de Paris. 2 gr. v. com estampas. — Ministros, padres e reis. 1 v. — Historia da guerra entre a França e a Prussia. 1 v. — A conspiração de Pernambuco. 1 v. — A mascara vermelha. 1 v. — Astuceias de namorada. 1 v. — O filho de Marat, trad. 4 v. — Historia de Portugal. 8 v. — Lenda da meia noite. 1 v. — O terremoto de Lisboa. 1 v. — A varanda de Julieta. 1 v. — Dramas do povo.
- REBELLO DA SILVA — Fastos da Igreja, historia da vida dos santos. 2 v. — A mocidade de D. João v, romance. 3 v. — Odio velho não cança. 2 v. — Historia de Portugal. 5 v. — Vida e escriptos de Martinez de la Rosa. — Lagrimas e thesouros. 1 v. — Varões illustres das tres épocas constitucionaes, com retratos. — De noite todos os gatos são pardos, romance. — Contos e Lendas. 1 v. — Compendio de economia industrial e commercial. 1 v. — Economia politica. 1 v. — Economia rural. 1 v.
- JULIO DINIZ — As apprehensões de uma mãe.
- JULIO C. MACHADO — Contos ao luar. — Historias para gente moça. — Passeios e phantasias. — Em Hespanha, scenas de viagem. — Recordações de Paris e Londres. — Scenas da minha terra. — Contos a vapor. — Do Chiado a Veneza. — Quadros do campo e da cidade. — Da loucura e das manias em Portugal. — Lisboa na rua. 1 v. — Os theatros de Lisboa. — Estevão. 1 v. — A vida em Lisboa. 2 v. — Claudio, 1 v. — Manhãs e noites. 1 v.
- CAMILLO C. BRANCO — Agulha em palheiro. — Amor de perdição. — Amor de salvação. — Os amores do Diabo, trad. — Anathema. — Anos de prosa. — Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado. — O bem e o mal. — Os brilhantes do brasileiro. — A bruxa do monte Cordova. — Carlota Angela. — O carrasco de Victor Hugo. — Cavar em ruinas. — Cousas leves e pesadas. — Cousas espantosas. — Coração, cabeça e estomago. —

869.9081

T7582

1876

v. 1-5

---

TROWADOR

---

# LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

- A. HERCULANO** — O bobo, novo romance. — O Eurico. — O monge de Cister. 2 v. — Lendas e narrativas. 2 v. — Historia da inquisição em Portugal. 3 v. — Historia de Portugal. 4 v. — Estudos sobre o casamento civil. 5 folhetos. — A reacção ultramontana em Portugal. — A voz do propheta. — Ao partido liberal. — Poesias. — Opusculos. 2 v.
- PINHEIRO CHAGAS** — Poema da mocidade, e o poemeto O anjo do lar. 1 v. — A flôr secca, romance. — A côrte de D. João v. — Tristezas á beira-mar. — Ensaaios criticos. — Novos ensaios criticos. — A Judia, drama. — A morgadinha de Val-flôr, drama. — Portuguezes illustres. — Madrid, scenas de viagem. — Durante o combate, pretexto n'um acto. — A vingança do sargento, por Landelle, trad. 3 v. — Em redor da minha secretaria, por Disforges, trad. — A fada de Auteuil, por P. du Terrail, trad. — A San Felice, por A. Dumas, trad. — Amigas e peccadoras, por M.<sup>me</sup> Giraud, trad. — O juramento da duqueza. — O testamento do conde, trad. — A virgem Guaraciaba. — Contos e descrições. — O major Napoleão. — O segredo da viscondessa. 1 v. — Os guerrilheiros da morte. 1 v. — Historia da communa de Paris. 2 gr. v. com estampas. — Ministros, padres e reis. 1 v. — Historia da guerra entre a França e a Prussia. 1 v. — A conspiração de Pernambuco. 1 v. — A mascara vermelha. 1 v. — Astucias de namorada. 1 v. — O filho de Marat, trad. 4 v. — Historia de Portugal. 8 v. — Lenda da meia noite. 1 v. — O terremoto de Lisboa. 1 v. — A varanda de Julieta. 1 v. — Dramas do povo.
- REBELLO DA SILVA** — Fastos da Igreja, historia da vida dos santos. 2 v. — A mocidade de D. João v, romance. 3 v. — Odio velho não cança. 2 v. — Historia de Portugal. 5 v. — Vida e escriptos de Martinez de la Rosa. — Lagrimas e thesouros. 1 v. — Varões illustres das tres épocas constitucionaes, com retratos. — De noite todos os gatos são pardos, romance. — Contos e Lendas. 1 v. — Compendio de economia industrial e commercial. 1 v. — Economia politica. 1 v. — Economia rural. 1 v.
- JULIO DINIZ** — As apprehensões de uma mãe.
- JULIO C. MACHADO** — Contos ao luar. — Historias para gente moça. — Passeios e phantasias. — Em Hespanha, scenas de viagem. — Recordações de Paris e Londres. — Scenas da minha terra. — Contos a vapor. — Do Chiado a Veneza. — Quadros do campo e da cidade. — Da loucura e das manias em Portugal. — Lisboa na rua. 1 v. — Os theatros de Lisboa. — Estevão. 1 v. — A vida em Lisboa. 2 v. — Claudio, 1 v. — Manhãs e noites. 1 v.
- CAMILLO C. BRANCO** — Agulha em palheiro. — Amor de perdição. — Amor de salvação. — Os amores do Diabo, trad. — Anathema. — Annos de prosa. — Aventuras de Basilio Fernandes Exertado. — O bem e o mal. — Os brilhantes do brasileiro. — A bruxa do monte Cordova. — Carlota Angela. — O carrasco de Victor Hugo. — Cavar em ruinas. — Cousas leves e pesadas. — Cousas espantosas. — Coração, cabeça e estomago.

# TROVADOR

COLLECCÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

---

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

---

VOLUME I

---

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor

75, Rua de S. José, 75

—  
1876

ANNUNZIO

---

PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancellia Velha, 62

—  
1876

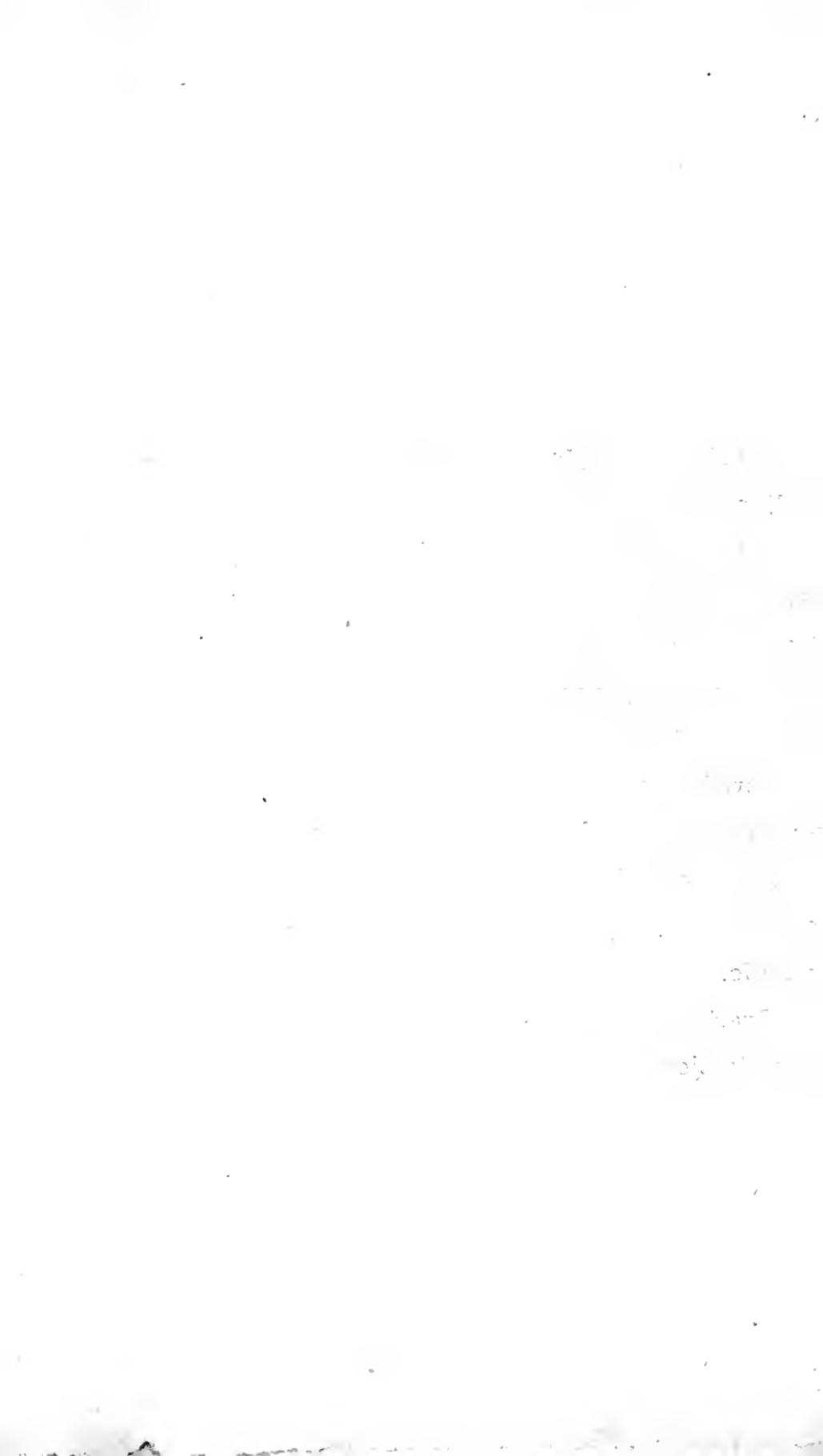
A primeira edição do TROVADOR, collecção de modinhas, recitativos, arias, lundús, etc., esgotou-se.

Isto quer dizer que o publico acolheu-a com o devido apreço, e sem duvida era digna d'isso; pois que em nenhum outro ramilhete poetico, e por tão commodo preço, se encontram reunidas mais variadas e coloridas flôres, tanto brazileiras como portuguezas.

Levado, pois, pelo desejo de agradar aos amadores d'este genero de poesia popular, resolvemos fazer esta nova edição, valendo-nos de todos os recursos para que ella seja em tudo digna do publico illustrado.

Oxalá que este trabalho corresponda aos nossos bons desejos.

O EDITOR.



# TROVADOR

## MODINHAS

### O CANTO DO CYSNE <sup>1</sup>

(MODINHA SENTIMENTAL)

Poesia do fallecido dr. Laurindo e musica do ill.<sup>mo</sup> snr.  
A. J. S. Monteiro

Quando eu morrer, não chorem minha morte;  
Entreguem o meu corpo á sepultura  
Pobre, sem pompa, e sejam-lhe mortalha  
Os andrajos que deu-me a desventura.

LATIN  
Não se insulte o sepulchro, apresentando  
Um rico funeral de aspecto nobre;  
Como agora a zombar me dizem vivo,  
Podem morto dizer-me: Ahi vai um pobre.

<sup>1</sup> Esta poesia foi feita pelo dr. Laurindo José da Silva Rebello, dias antes do seu fallecimento, em 1864.

Dos amigos hypocritas não quero  
Publicas provas de afeição fingida;  
Deixem-me morto só, como deixaram-me  
Luctar só contra a sorte toda a vida.

Outros prantos não quero que não sejam  
Esses prantos de fel amargurado  
De minha companheira de infortunio,  
Que me adora, apesar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma,  
Do coração sincero, d'alma sã,  
De um anjo que tambem sente os meus males,  
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo, tambem quero  
Que junte em minha eça os prantos seus  
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me  
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos, eu sei que terei preces,  
Saudades e lagrimas tambem,  
Que não tenho lembrança de offendel-os,  
E sei quanta amizade elles me tem.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego,  
Peccador de mil culpas carregado;  
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem  
E o muito que tambem tenho chorado.

---

## RISO E MORTE

Quando eu deixar de chorar,  
Quando eu contente me rir,  
Não se enganem, — desconfiem  
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio  
Assim ligada se tem,  
Como termo da desgraça  
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,  
É chorar o meu viver;  
Quando eu deixar de chorar  
Estou prestes a morrer.

Vem, ó morte! — de meu pranto  
Não receies; pódes vir:  
Choro nos braços da vida,  
Nos teus braços me hei-de rir.

Muitas vezes um momento  
Que parece de ventura,  
Não é mais que um riso d'alma,  
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se da vida,  
Por vêr n'ella seu jardim;  
O desgraçado na morte,  
Por vêr da desgraça o fim.

---

## RECITATIVO

## TEU DÔCE AMOR

Da luz sublime, que te inunda os olhos,  
Vem dar-me um raio de eternal fulgor;  
E no meu peito a suspirar amante  
Dá-me as delicias do teu dôle amor.

Quero-te muito, matutina estrella,  
Celeste musa, peregrina flôr;  
Por ti velando, suspirei saudoso,  
Chorando a falta do teu dôle amor.

As auras brandas do correr da tarde,  
O ether puro de azulada côr  
Não tem perfumes como tens nos labios,  
Nos ternos beijos do teu dôle amor.

O céu e os astros, a prateada lua,  
O fogo ethereo que nos dá calor  
Não tem imperio no meu sêr inteiro,  
Como os perfumes do teu dôle amor.

Não era um sonho que eu guardava n'alma,  
Nas vivas chammas de um sentido ardor;  
Eram as rosas de um affecto immenso,  
Eram saudades do teu dôle amor.

Mas hoje sinto que acordei de novo,  
Que ás faces volta o juvenil rubor,  
Nova existencia no teu seio encontro,  
Nos teus afagos, no teu dôle amôr.

*Bettencourt da Silva.*

## CANÇÃO

## O ARTISTA

(ROMANCE)

Musica do ill.<sup>mo</sup> snr. Antonio Luiz de Moura

Curvado em lucta constante  
Da vida co'as incertezas,  
Soffre o artista desgraçado  
Da sorte as duras cruezas.

Chorando — coitado!  
Da sorte ao rigor,  
Seus bens são o pranto,  
Seus gozos a dôr.

Apenas desponta o dia  
Corre veloz ao trabalho,  
A noite longa já vai,  
Não busca dôce agasalho.

Chorando — etc.

Quando — quebradas as forças —  
Dorido — quer repousar,  
Cuidados mil que o anceiam  
Seu somno vem perturbar.

Chorando — etc.

Vê sua esposa e os filhinhos  
Às vezes faltos de pão;  
Sem meios p'ra adquiril-o  
Fugir-lhe sente a razão.

Chorando — etc.

No leito da dôr ás vezes  
De tudo vê-se privado,  
Que em vão procura o artista  
Mudar o rigor do fado.

Chorando — etc.

Estranho vive — coitado!  
Do mundo aos gozos mesquinhos;  
O pobre artista por bens  
Só tem acerbos espinhos.

Chorando — etc.

Até que em campa esquecida  
Das lides acha o repouso,  
Soffreu do mundo os desprezos,  
As dôres teve por gozo.

Não mais do destino  
Tem nada a temer;  
O artista repousa  
Sómente ao morrer.

*A. J. de Sousa.*

---

# LUNDÚS

## A CÔR MORENA

Para ser cantado com a musica do lundú — *A Moreninha*

Côr morena delicada,  
Apreciada  
És por muitos com razão;  
Pois por ti tambem eu sinto,  
Ah! não minto,  
Quanto pôde uma paixão.

Tem tal côr tanta gracinha,  
Sinházinha,  
Que só por gracinha prende;  
E, seguro em tal prisão,  
O coração  
Inda mais culto lhe rende.

É gentil a moreninha,  
Engraçadinha,  
Muito viva e ardilosa;  
E se mais travessa é ella  
É mais bella,  
É mil vezes mais formosa.

Mas eu, que estes versos faço,  
Dou um passo  
Que parece mangação;  
E aposto que a sinhá,  
Linda yáyá,  
Crê-me um bello mocetão!

Pois não sou, minha senhora,  
 E sem demora  
 Desfaço este enganoso;  
 Amo, sim, a vossa côr,  
 E com ardor,  
 Mas por ser de meu bemzinho.

Eu gosto d'um rapazinho  
 Moreninho,  
 Também cheio de gracinha;  
 Não lhe ganha em travessuras,  
 Diabruras,  
 A mais viva moreninha.

É a côr mais feiticeira,  
 Candongueira,  
 Que creou a natureza;  
 E a ti, que tens tal côr,  
 Meu amor,  
 Juro amar-te com firmeza.

*Por uma joven fluminense.*

---

### BORBOLETA

Meninas ha que me chamam  
 Borboleta e beija-flôr,  
 Porque dizem que eu a todas  
 Faço protestos de amor.

Como se enganam  
 Em tal pensar!  
 Jonia que diga  
 Se eu sei amar.

Porque eu olhe com ternura  
Às vezes para uma bella,  
Me julgam sem mais nem menos  
Apaixonado por ella!

Como se enganam — etc.

Dizendo que as moças todas  
Meus mimos e graças tem,  
Decidiram em seu jury  
Que eu não adoro a ninguém.

Como se enganam — etc.

Passa por certo entre ellas  
Que a minha forte paixão  
Desfaz-se toda na lingua,  
Sem chegar ao coração.

Como se enganam — etc.

---

## MODINHAS

---

**OH SORTE MINHA CRUEL!**

Oh sorte minha cruel,  
Vem meus dias terminar,  
Já que Jonia, por quem morro,  
Não me quer feliz tornar.

Só o desejo  
De a gozar  
Mantem-me a vida  
Sempre a' penar.

Um momento de prazer  
Bem merece o trahidor,  
Que só tem por ti soffrido  
Tantos tormentos e dôr.

Só o desejo  
De a gozar  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

Céos! oh céos! por piedade  
Arrancai meu coração,  
Que sumiu-se a minha estrella  
Nas nuvens da ingratição!

Só o desejo  
De a gozar  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

---

### ROSTO D'ANJO

Rosto d'anjo, formosa donzella,  
Que as cadêas de amor me pozeste,  
Ah! não fujas — não leves-me a vida,  
Não me roubes um bem que me déste.

## ESTRIBILHO

Já não póde meu peito ser d'outra,  
Já não posso existir sem te amar;  
Só contigo entendi a existencia,  
Quero á campá contigo baixar.

São ligados os meus aos teus dias  
Como o calix da folha da flôr!...  
Não consintas que a flôr se desfolhe,  
Ah! não quebres os laços de amor!

## ESTRIBILHO

Já não póde meu peito ser d'outra,  
Já não posso existir sem te amar;  
Só contigo entendi a existencia,  
Quero á campá contigo baixar.

---

## RECITATIVOS

---

### BRAZIL, ACORDA!...

(RECITATIVO HEROICO)

Brazil, acorda do dormir profundo,  
O velho mundo—te contempla a furto,  
Vendo tolher-te—da molleza o laço—  
Da gloria o passo—para ti tão curto.

Gigante immenso pelo céo votado  
 A marcio fado—de brilhantes louros,  
 Porque, fremente qual bramir das vagas,  
 Já não esmagas—quem te traz desdouros?!...

Em sonho, ao menos, meu Brazil, não vês,  
 Não entrevês—essa cohorte ousada,  
 Que—traíçoera—do teu somno á sombra  
 A honra assombra—sob a dextra armada?!...

E tu dormitas!... quem dormir te faz?...  
 Que mão audaz—o teu valor reprime?!...  
 Ah!... tens razão... que *do passado os guias*  
 Foram harpias a vender-te ao crime!...

Porém qu'importa!... do lethargo acorda!...  
 Esmaga a horda—que voraz—servil—  
 Ousou tocar o teu emblema santo,  
 Manchar-te o manto—traíçoera e vil!...

Vê de teus filhos como jorra o sangue!...  
 Um povo exangue—já descrito clama!...<sup>1</sup>  
 Eia!... em teus olhos, meu Brazil valente,  
 Brilhe fremente—do valor a chamma!...

Tens elementos que os inveja o mundo;  
 És sem segundo—a cobardia pune;  
 Ergue terrível esse busto—e mostra  
 Que não se arrostra—teu furor impune!...

Ah!... estremeces, meu Brazil querido?!...  
 Emfim!... ouvido foi da patria o grito?!...  
 Moves os membros do torpôr escravos,  
 Ao som dos bravos—do teu povo afflicto!...

<sup>1</sup> O povo de Matto-Grosso.

Ergueste o collo, e teu olhar certo  
 O quadro — inteiro — devassou — terrível;  
 A fronte enrugas — teu olhar é 'chamma  
 Que o raio inflamma — de vingança horrível!...

Hosana!... hosana!... povo-rei, hosana!...  
 Do céo dimana — nossa gloria certa!...  
 Em marcio fogo, meu Brazil, já ardes!...  
 Tremei, cobardes! meu Brazil desperta!...

1865.

*A. J. de Sousa.*


---

**ELVIRA**

Serenos threnos de alaude rude,  
 Da juventude, venho aqui depôr;  
 Sonhando, amando teus encantos santos,  
 Virgem, meus cantos pedem só amor!

Formosas rosas n'esse rosto, posto,  
 Ha, só por gosto, da natura a mão;  
 Teu seio, cheio de ternura pura,  
 Tem na brancura virginal condão!

Não minto. Sinto que minh'alma a palma  
 Sonha da calma n'esse teu sorrir...  
 Tristonhos sonhos do futuro, eu juro,  
 Teu riso puro poderá banir!

Florída a vida se tornára, e cara,  
 Se pouco avára fosses tu no amar;  
 De amores dôres não carpira a lyra,  
 Se alento, Elvira, me quizesse dar!

Divinos hymnos, — não lamentos lentos,  
 Soltára aos centos teu fiel cantor,  
 Se anhelos bellos, perfumosos gozos,  
 Dias ditosos lhe trouxesse amor!

Meu peito, leito de amarguras duras,  
 De crenças puras se nutrira um dia,  
 Se Elvira d'ira a meus amenos threnos  
 Dissesse ao menos que valor daria!

J. F. N.

---

## ARIA

---

### A CORDA SENSIVEL

Traducção de F. P. Brito, da comedia do mesmo titulo

Da sorte aos acasos nada é impossivel  
 E tudo de amor se deve esperar,  
 Porque das mulheres a — *corda sensivel*  
 Mais tarde ou mais cedo se sente vibrar.

É sempre a *loureira* em tudo accessivel  
 A todos aquelles que bem podem dar;  
 O fraco lhe movem, a — *corda sensivel*,  
 O carro, o vestido, o brinco, o collar.

A grata *burgueza* é mais susceptível,  
Com certa reserva se faz respeitar;  
Se dão-lhe, porém, na — *corda sensível*,  
Assim como vive se deixa levar.

A nobre *fidalga* se mostra inflexível  
Brazões e grandezas querendo mostrar,  
Mas cede ao vibrado da — *corda sensível*,  
Se ha mão amestrada que a saiba tocar.

Sagaz *bailarina* é tal combustível  
Que o fogo de amor faz logo atear,  
Mas d'ella é o fraco, a — *corda sensível*,  
Folia, brinquedo, passeio ou jantar.

A bella *criada*, se está disponível,  
Na casa dos amos quer brios mostrar;  
Ao toque, porém, da — *corda sensível*,  
Por dadiua simples se deixa levar.

A sonsa *beata*, na igreja infallível,  
Que em Deus só parece rezando pensar,  
Ao simples vibrado da — *corda sensível*,  
Nem mais um momento se occupa em rezar.

À pura *innocencia*, empresa é temível  
Fazel-a de amores nas luctas entrar,  
Porque ninguem sabe da — *corda sensível*  
No peito innocente onde é o lugar.

Comtudo na terra nada é impossivel  
E tudo de amor se deve esperar,  
Porque das mulheres a — *corda sensível*  
Mais tarde ou mais cedo se sente vibrar.

---

# LUNDÚS

## PONTO FINAL

Poesia de F. P. Brito, e musica do snr. J. J. Goyanno

Tive por certa menina  
Uma paixão sem igual,  
Que escapou de dar commigo  
Dos doudos no hospital.

Porém agora  
Meu coração  
Poz na oração  
*Ponto final.*

Amei com pontos e virgulas,  
Divisões e reticencias...  
Tiradas as consequencias,  
Tudo era artificial!

Porém agora  
Meu coração  
Poz na oração  
*Ponto final.*

O que ella por mim fazia  
Fazia a outros tambem;  
Não ter amor a ninguem  
É seu timbre natural.

Por isso agora  
Meu coração  
Poz na oração  
*Ponto final.*

---

### A MARREQUINHA

Poesia de F. P. Brito, e musica do snr. F. M. da Silva

Os olhos namoradores  
Da engraçada yá-yázinha,  
Logo me fazem lembrar  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Se dançando a *brazileira*  
Quebra o corpo a yá-yázinha,  
Com ella brinca pulando  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Quem a vê terna e mimosa  
Pequenina e redondinha,  
Não diz que conserva presa  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Na margem da Caqueirada  
Não ha só bagre e tainha,  
Alli foi que ella creou  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Tanto tempo sem beber,  
Tão *jururú*... coitadinha...  
Quasi que morre de sêde  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

---

## MODINHAS

---

### SÃO CIUMES DE UMA INGRATA

Sinto no peito uma dôr  
Que me consome e maltrata;  
A dôr que sente minh'alma  
*São ciumes de uma ingrata.*

Tenho no peito um amor  
Que meu socego arrebatá;  
Os tormentos por que passo  
*São ciumes de uma ingrata.*

Porque perto já dá campá  
A agonia se dilata?  
Não são saudades do mundo,  
*São ciumes de uma ingrata.*

---

### A AUSENCIA

Poesia do ill.<sup>mo</sup> snr. dr. D. J. G. Magalhães, e musica  
do snr. Raphael C. Machado

Se os meus suspiros voassem  
C'os meus tristes pensamentos,  
E narrando os meus tormentos,  
No teu coração vibrassem;  
Ficaria commovida,  
Oh! minha Urania querida!

Levai, ó céos,  
Aos seus ouvidos,  
Meus ais saudosos  
E meus gemidos.

Ausente de ti, ó bella,  
Só tristeza me rodeia;  
Não vês a noite tão feia,  
Sem lua, sem uma estrella?  
Assim tenho est'alma agora,  
Est'alma que por ti chora.

Levai, ó céos — etc.

Que de vezes passeando  
N'esta horrenda soledade,  
Consumido de saudade,  
Adormeço em ti pensando!  
Sonho então, e assim só vivo  
Com esse prazer esquivo.

Levai, ó céos — etc.

---

## RECITATIVO

---

### DÁ-ME UM SORRISO

Porque me foges? teu desprezo mata,  
Maltrata o seio que se abraza em chamma,  
Com teu rigor, foge-me a razão,  
E o coração mais a mais se inflamma.

E se de longe, para mim sorrindo,  
Além fugindo, teu zombar conheço,  
Tratos do inferno me acabrunham alma,  
Da vida a calma a teu amor off'reço!

Nas lindas pregas d'esse teu vestido,  
Vejo tolhido meu prazer futuro;  
Ah! não te volvas, quero vêr teu rosto,  
Dá-me um só gosto no teu riso puro.

Ah! não me fujas, vem ser minha um dia,  
Sacra magia para mim desprende,  
Vem ser o anjo a me guiar na vida,  
Louca, perdida, que a ti só me prende!

Olha o meu peito succumbindo á dôr,  
Lê santo amor nos meus rubros olhos,  
Lança-me — boa — n'um caminho liso,  
Dá-me o p'raiso n'um trilhar de abrolhos.

Eis-me curvado p'ra beijar-te as plantas,  
Pois me supplantas n'um penar tão forte;  
Move estes labios dôce — sim —, me dando,  
Cedo mudando minha fera sorte.

Dá-me um só gesto, te darei a vida,  
Louca, perdida, que a ti só me prende,  
Junta-te ao seio de um fervente amar,  
Sente o pulsar que de si desprende.

Dar-te-hei um beijo, morrerei contente,  
Crente da vida que em ti bebi;  
Embora eu morto, sem calor na arteria,  
Torpe materia — pensarei em ti! —

*Rodrigues Proença.*

## PORQUE ME FITAS?

Porque me fitas esses olhos languidos?  
Porque interrogas a minh'alma assim?  
Não vês que soffro — que padeço tanto,  
Que de ti fujo por fugir de mim?

Ave cançada de pairar no espaço,  
Buscas a sombra? que fallaz miragem!  
Oh! não te illudas... porque em vez d'oásis  
Talvez encontres a fatal voragem.

Vir de tão alto procurar na terra  
Um ramo verde para ao sol pousar!  
Ai! volve prompta... não te arrisques... treme,  
Não é um lago o que tu vês... é o mar!

Tens tu coragem d'affrontar as ondas  
Que além se alteiam em feroz tropel,  
E á tempestade confiar afouta  
De teu destino o festival baixel?

Se tens, escuta: caminhemos juntos,  
Embora eu sinta vacillar-me o pé;  
Serás o facho dispersando as trevas  
Em que eu já via abandonar-me a fé!

Estreito abraço nos enlaça as vidas  
Presas, bem presas pelo gozo e odôr;  
Quando tu gemas, gemerei contigo;  
Quando sorrirés, sorrirei d'amor!

Iremos ambos aos confins do mundo  
Pedir ao ermo a solidão capaz;  
Vagar á tarde na lagôa amena,  
Cantar dos astros ao luzir fugaz!

Mas se o tufão accommetter bramindo  
O lenho fragil da amorosa nau,  
Perdidos ambos entre as vagas doudas,  
Onde encontrar da salvação o vau?

Entre os extremos de tão vária sorte  
Lucto, mesquinho, a procurar a luz  
Que nos aponta da ventura a senda,  
Ou dar os braços á espinhosa cruz!

---

## ROMANCE

---

### JÁ NÃO VIVE DÉLIA

Poesia do snr. F. d'A. Pereira Castro, e musica  
do snr. Elias Alvares Lobo

Sinto a morte no meu peito,  
Sinto a febre da agonia;  
Já não vive Délia — virgem  
Por quem minh'alma vivia.

Vou vêl-a, vou procural-a,  
A virgem dos sonhos meus;  
Se não achal-a nas tumbas,  
Hei-de encontral-a nos céos.

Ai! não chores, mãe querida,  
Não augmentes minha dôr;  
Já não soffro, — na agonia  
Ouço as dulcias ao Senhor.

Querida flôr de minh'alma,  
 Minha mãe, eu parto... adeus!  
 Adormeço nos teus braços,  
 Acordarei lá nos céos.

---

## LUNDÚS

---

### FEITIÇOS DA MULATA

Quando vejo da mulata  
 Um reverendo braço,  
 Cabello liso e bem negro,  
 Largo, chato cadeirão;

Eis-me já todo rendido,  
 Já captivo da paixão,  
 Perco os sentidos de todo,  
 Não fico mais gente, não.

Se brilham dentes de prata  
 Entre um beijo arrebitado,  
 E se este tem bigodinho  
 Bem compacto e azulado;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se um nariz arrebitado,  
 E um olhar desdenhoso,  
 Se seus gestos dão symptomas  
 De ter um peito amoroso;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se vejo pomos de Venus  
Entre as vestes empurrar,  
Se tem pulso feito a torno,  
Cinturinha de matar;

Eis-me já todo rendido — etc.

Mais que o corpo, escurecido,  
Se o sovaquinho diviso,  
Todo bom, todo cheiroso,  
Bem côr do céu, por bem liso;

Eis-me já todo rendido — etc.

Se acaso o vento estampa  
Nas vestes certo retrato,  
Por quem suspiro morrendo,  
Por quem morrendo me mato;

Eis-me já todo rendido — etc.

Com andar meigo — gingando,  
Se me faz certos tremidos,  
Aformoseando o rodaque  
Com compassados bulidos;

Eis-me já todo rendido — etc.

Se a final a gozar venho  
Tão subida formosura,  
Me torno divinizado,  
Deixo de ser creatura;

Eis-me então mais que rendido,  
Mais captivo da paixão,  
Entre soluços expiro,  
Não fico mais gente, não.

## NÃO POSSO COM MAIS NINGUEM

Para ser cantado pela musica do lundú — *Eu posso com mais alguem*

É mentira quem lhe disse  
Que muitas me querem bem,  
Tenho apenas uma amante,  
Não posso com mais ninguem.

Pois já trago esfrangalhado  
O meu pobre coração,  
Me deixem por piedade,  
Não posso com ninguem, não.

Esta amante, que possuo,  
Verdade é — me quer bem,  
Mas creiam, já me aborrece...  
Não posso com mais ninguem.

« Se por falso ou inconstante »  
Alguma outra me tem,  
Paciencia — uma é bastante,  
Não posso com mais ninguem.

Eu bem sei que as mocinhas  
Me julgarão toleirão,  
Mas por modestia é que eu digo:  
Não posso com ninguem, não.

G. P.

---

# MODINHAS

---

## AMOR PERFEITO

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Rôxa saudade*

Amor perfeito,  
Terna florinha,  
Tu és a cópia  
Da vida minha.

Tu só conheces  
O que é paixão,  
Pois que do amor  
Tens a expressão.

Tua côr linda,  
E delicada,  
É p'los amantes  
Apreciada.

Cada folhinha,  
Que em ti se prende,  
Nas almas ternas  
Amor accende.

Vives, florinha,  
Tal como eu vivo,  
De amor ardendo  
Em fogo activo.

Só tu exprimes  
Perfeito amor :  
Paixão igual  
Dá-me calor.

Adeus, mimosa,  
Galante flôr;  
Deus te conserve  
Symb'lo de amor.

P'ra mim só peço  
Um terno peito,  
Que me consagre  
Amor perfeito.

*Por uma joven fluminense.*

### DESALENTO

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica de \*\*\*

Quando eu morrer, minha morte  
Não lamentes, caro amigo ;  
O sepulchro é um jazigo  
Onde eu devo descançar ;  
A minha triste existencia  
É tão pesada, é tão dura,  
Que a pedra da sepultura  
Já não me póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,  
Eis quanto custa o morrer ;  
Custa-nos sempre o viver  
Prantos, suspiros sem fim :

Que tormento fôra a vida  
Se não fosse transitoria!  
Não me risques da memoria,  
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro,  
Mas ninguém d'elle se queixa;  
Quando o morto os olhos fecha  
Não quer luz — quer descansar;  
Aquelle fundo silencio,  
Aquelle extremo abandono,  
Dão-lhe tão tranquillo somno,  
Que não póde despertar.

Já tive medo da morte,  
Agora tenho-o da vida;  
Sinto minh'alma abatida,  
Sem vigor o coração;  
Já cansado de viver  
Para a morte os olhos lanço,  
Vejo n'ella o meu descanso,  
A minha consolação.

---

### A DESPEDIDA

Musica de \* \* \*

A herva nasce no prado,  
Dá-lhe impulso a natureza,  
Florece, murcha, se extingue,  
— Esta vida é sem firmeza.

\*

Linda rosa desabrocha,  
Ostenta gentil belleza,  
Logo após perde o perfume,  
— Esta vida é sem firmeza.

Nada no mundo se exime  
D'esta lei a tal fereza,  
Tal é dos mortaes a sorte,  
— Esta vida é sem firmeza.

Às delicias de um só dia  
Succede logo a tristeza,  
Aos prazeres succedem prantos,  
— Esta vida é sem firmeza.

Infancia, sonhos dourados,  
Brilhantes de gentileza,  
Tudo passa vindo a morte,  
— Esta vida é sem firmeza.

Alegre busco teu canto,  
Em ti louvo a natureza,  
Ámanhã tudo é mudado,  
— Esta vida é sem firmeza.

Eu parto com a saudade,  
No peito levo a tristeza,  
Tu ficas, logo te esqueces,  
— Esta vida é sem firmeza.

## RECITATIVOS

## O CANTO DA VIRGEM

Eu sou qual rosa, na manhã serena,  
Ao sol rompendo o coralino encanto;  
Se a briza passa, na singela aragem  
Aos céos envio meu sincero canto...

No liso espelho de azuladas aguas,  
Eu miro ás vezes meu gentil semblante;  
E as estrellas de meus olhos lindos  
Alli retratam seu luzir brilhante.

Das meigas flôres que no prado colho  
Não ha nenhuma, como eu, tão bella...  
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos  
E d'ellas teço virginal capella.

À claridade de um luar ameno,  
Nas verdes folhas de meus louros annos,  
Eu passo a vida descuidosa e pura,  
Do mundo longe, dos mortaes enganos.

Se as avesinhas, ao alvor d'aurora,  
Nos seus gorgeios vem saudar o dia,  
Eu rezo á noite uma oração de amores,  
Gratos perfumes d'immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,  
Caricias gozo de uma mãe querida;  
No seu regaço dôce amor me enleia  
E aos seus afagos eu entrego a vida.

*Bettencourt da Silva.*

## REMORSOS

Possa meu pranto perpassar a lousa  
Onde repousa um coração trahido;  
Possam remorsos que minh'alma sente  
Ferir a mente do mortal descrido.

Mas elle dorme n'este chão gelado,  
Já descansado do fervor da lida;  
Eu, á perjura, sem pensar na sorte,  
Doei-lhe a morte no festim da vida!

E hoje choro, sem achar alento,  
Um só momento, no soffrer tyranno;  
Busco nas trevas mitigar as dôes,  
Cruéis fervores do passado ufano!...

Oh briza amiga, que passaes gemendo,  
Eu vou morrendo sem achar abrigo;  
Vem, companheira, que eu te peço ainda,  
Na dôr infinda vem-te unir commigo.

Agora quero recostar meu peito,  
Todo desfeito, de chorar magoado;  
Quero na lousa ir occultar meu pranto,  
Meu triste canto — concluir meu fado.

Não quero a vida que passei sorrindo,  
Quando fruindo — desprezei amores;  
Quero na campa descansar da lida,  
Da quadra infida de fingidas flôres!...

Adeus, ó mundo, fui cruel bastante,  
Hoje constante eu serei na morte;  
Fingidos sonhos, para sempre adeus,  
Suspiros meus — vou buscar a sorte!...

Morreu chorando, no alvor da vida,  
A mulher fingida, sem gozar amores;  
Louca sentindo os remorsos n'alma,  
Buscou a palma de mirrhadas flôres!...

*S. de Barros Albuquerque.*

---

## BARCAROLA

---

### O GONDOLEIRO

Gondoleiro, as velas solta,  
Correr deixa o teu batel;  
Toma o leme, o baixo evita,  
Não vás dar contra o parcel.

Canta, e corre sobre as aguas,  
Que abrandarás tuas maguas.

Já é dada a meia noite,  
Hora propria de chorar;  
Gondoleiro, o triste canto  
Pódes agora entoar.

Canta, e corre sobre as aguas,  
Que abrandarás tuas maguas.

A lua já vai bem alta,  
 Não se escuta um só rumor,  
 A briza manda os queixumes  
 De teu desgraçado amor.

Canta, e corre sobre as aguas,  
 Que abrandarás tuas maguas.

---

## LUNDÚ

---

### IMBERNIZATE, ENGRAXATE, A LA MODE DE PARIS

(NOVO LUNDÚ)

Poesia do snr. M. M., e musica do snr. V. A. B.

Que maldita é esta vida,  
 Soes e chuvas supportar,  
 Escovas, graxas em potes,  
 Eu sósinho a carregar!

Não sabem? Já meu retrato  
 No caixão mandei pregar,  
 Para vêr se com tal luxo  
 Attenção vou despertar.

Porém se eu vejo um freguez,  
 Com força o collega diz:  
*Imbernizate, engraxate,*  
*A la mode de Paris.*

Então fico a vêr navios,  
 N'um mar de graxa atolados,  
 Quando os pés dos taes freguezes  
 Pedem ser assim chamados.

Mas aos males tão crueis  
Que sente meu coração,  
Encontro meus namoricos  
Por terna compensação.

Namóro toda a creoula,  
Seus olhos tem attracção;  
Das brancas nem mesmo a côr  
Me causa mais sensação.

Que casamento feliz  
Dentro em pouco irei gozar,  
Indo abrir co'a creoulinha  
Uma casa de engraxar!

Seremos muito felizes,  
O meu coração me diz,  
A ella unido p'ra sempre  
*A la mode de Paris.*

---

## MODINHAS

---

### TROVADOR

(ACCUSAÇÃO)

Trovador, o que tens? o que soffres?  
Porque choras com tanta afflicção?...  
O teu pranto demais me compunge,  
Trovador, ah! não chores mais, não!

Que se acaso a mulher que tu amas  
Te tratou com acerbo rigor,  
Trovador, ah! por isso não chores,  
Ah! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é qual nuvem  
Quando o vento a sacode no ar;  
O amor da mulher é voluvel  
É tão vario qual onda do mar.

O amor da mulher é qual fragil,  
Pequenino, adoudado batel,  
Que vaguêa sem norte — sem rumo,  
'Té quebrar-se n'um fraco parcel.

O amor da mulher é qual facho  
N'uma noite de inverno a luzir;  
É estrella do céo, entre as nuvens,  
Quando a espaços se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,  
Tem maneiras de mais p'ra enlevar;  
Mas, no meio de seus attractivos,  
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena  
Que os muros de Troya abateu,  
Que — infida — deixando o consorte  
Para os braços do amante correu.

A mulher tem feitiço nos olhos  
E nos labios veneno lethal;  
A mulher nos illude chorando  
E — sorrindo — nos crava o punhal.

O amor da mulher é qual rosa,  
Desabrocha, mas logo fenece,  
O que hoje a mulher idolátra  
Ámanhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,  
Não mendigues a sua afeição;  
Ah! não queiras a quem te maltrata,  
Trovador, ah! não chores mais, não!

---

### DÁ-ME UM SORRISO

poesia do snr. J. J. Bernardo, e musica do snr. J. F. das Chagas

Diz-me ó bella, se me adoras,  
Escuta com attenção,  
Dá-me um riso de teus labios,  
Consola meu coração.

Se teu affecto é voluvel,  
Porque me illudes em vão?  
Pede a teu anjo um punhal  
E me crava o coração.

Ah! como sou infeliz,  
Amar e não ser amado!  
Ser pelo anjo que adoro  
Pouco a pouco desprezado!

Prudencia, tu és a mãe  
D'um infeliz como eu;  
Já gozei horas felizes,  
Meu coração já bateu.

---

## JÁ PASSEI DIAS FELIZES

Já passei dias felizes,  
Minha dita foi sem par;  
Já gozei com Lilia bella  
Lindas noites de luar.

A minha vida hoje é triste,  
Não é vida, é um penar;  
Porém eu ainda espero  
Felizes dias passar.

Quantas vezes vi seu rosto  
Tinto de brando carmim!  
Os seus olhos, amorosos,  
Não se volviam de mim.

A minha vida hoje é triste — etc.

Quantas vezes no meu collo  
Dôcemente adormecia!  
Quantas veses me fallava  
D'amor e de sympathia!

A minha vida hoje é triste — etc.

Saudade tenho do tempo,  
D'aquelle tempo passado;  
Saudades, por ter perdido  
O meu anjo idolatrado.

A minha vida hoje é triste — etc.

---

## RECITATIVOS

## A PENSATIVA

Qual Magdalena sobre a cruz pendida,  
Vi-a embebida nos scismares seus;  
Talvez pensasse nos affectos idos,  
Ou ais sentidos enviasse a Deus.

Eu vi-a triste, qual marmorea imagem  
Exposta á aragem d'uma noite bella;  
Tendo as madeixas de côr negra — soltas —  
N'ellas envoltas — virginal capella.

Vi-a tão triste, qual a rôla, quando  
No ramo brando entoar vai queixas;  
D'aquella alma, pela dôr magoada,  
Ella — coitada — desprendia endeixas.

Tinha no rosto pallidez patente,  
Era fervente seu orar de virgem;  
— Talvez nas preces perguntasse a Deus  
Dos males seus a primitiva origem...

Tão pensativa! e na flôr da idade!  
A inflicidade ella tem por norte;  
Em vez de affectos lhe guardarem n'alma,  
Deram-lhe a palma de sinistra sorte.

Busca prazeres innocentes, virgem,  
Qu'essa vertigem passará veloz;  
Procura o templo, e com fervor — no altar,  
Vai segredar com o Senhor — a sós.

## OLHAR DE VIRGEM

Poesia do snr. Eduardo Villas-Boas, e musica do snr. Raphael Coelho

O olhar de virgem — é tão puro e lindo  
Qual raio infindo de celeste luz;  
Reflecte a santa candidez da alma  
E a dôce calma que lh'a banha a flux.

O olhar de virgem — santamente amada,  
É madrugada de gentil luar;  
É a innocencia transcolando odores,  
Briza que ás flôres vai frescura dar.

O olhar de virgem — é o lago ameno  
Que o céo sereno retratou gentil;  
É livro d'alma — que por Deus aberto  
Não tem incerto um pensamento vil.

O olhar de virgem fulgurante brilha  
Se ella trilha — da candura a senda;  
Mas, transviada pelo amor immundo,  
Quem ha no mundo que o fulgor lhe accenda?

Ninguem: que ao fogo d'esse olhar tão terno,  
Foi o Eterno quem pureza deu:  
Perdida ella — n'um fatal delirio,  
Murcha-se o lyrio que o candor perdeu.

---

## ROMANCE

---

### CONFISSÃO E DESENGANO

Poesia e musica de H. A. de Mesquita. Composto em Paris  
pelo author, e recentemente publicado n'esta côrte

Tu és bella, teu rosto é tão lindo  
Como um astro de noite a luzir;  
São teus labios a rosa entre-abrindo,  
É de um anjo teu mago sorrir.

Mas que importa que sejas um nume,  
Se és um'alma de affectos descrida,  
Uma rosa de amor sem perfume,  
Uma estatua formosa sem vida?

Tu serias de amor minha estrella,  
Dos meus sonhos o puro ideal;  
Fôras tu, anjo meu, menos bella,  
Mas teu peito mais firme e leal!

Esses cantos de outr'ora acabaram,  
Para ti minha musa findou,  
Teus desprezos as cordas quebraram  
D'esta lyra que a ti se votou.

---

## LUNDÚS

## EU JÁ TIVE UMA MENINA

Eu já tive uma menina  
A quem amei mais que a ti;  
Ausentou-se, foi-se embora,  
Eu fiquei, mas não morri.

Menina traidora,  
Que falta á promessa,  
Não fique em lembrança,  
Melhor é que esqueça.

Antes quero vêr-me  
Queimado do lume,  
Do que andar soffrendo  
O negro ciume.

Comprei para a cuja  
Um lindo retrato,  
De um genio inconstante,  
Voluvel, ingrato.

Gastar a gente  
Os seus cabedaes,  
Em fitas bonitas  
E outras cousas mais;

Andar a gente  
Feito gato ladrão,  
Em risco de achar  
Pedrada ou bordão;

Passar pela rua,  
Parar na esquina,  
Julgando que ouvia  
A voz da menina;

Olhando p'ra lá,  
Se chega á janella,  
Como a noite é escura  
Não sabe se é ella!

Accender o charuto  
P'ra dar o signal,  
E ella namorando  
Outro no quintal;

Sósinho n'um canto  
Com ares de tolo,  
E ella com outro  
Fazendo tijolo;

Estar sempre ao canto  
Sósinho ou em pé,  
Chocando c'os olhos  
Como o jacaré;

Gostar da menina,  
Dar a picholeta,  
Sem ao menos poder  
Fallar com a preta:

Trabalhos crueis,  
Que já foram meus,  
Não fallem-me n'elles  
Pelo amor de Deus.

## MULATINHA DO CAROÇO

Eu gosto da côr morena,  
Sempre amena,  
Que mimosa me arrebatava;  
Essa côr é da faceira,  
Feiticeira,  
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos d'ella,  
Quando ella  
Para mim os quer volver;  
Esses olhos melindrosos,  
Tão formosos,  
Dizem — sim — até morrer.

Não gosto da côr do lyrio,  
Que delirio  
Vi causar já de repente;  
Nem tambem da côr nocturna,  
Que da furna  
O sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca  
Na pipoca,  
Na parte que não rebenta;  
Essa côr assim querida,  
Conhecida  
Nos bolinhos da mãe Benta.

Oh! que sim, por essa côr  
De meu amor,  
Me derreto, me espatifo;  
Tenho febre, tenho frios,  
Calefrios,  
Tenho gosma, tenho typho.

Mulatinha do carço  
 No pescoço,  
 Eis aqui o teu cambão;  
 Mette o ferro d'aguilhada,  
 Minha amada,  
 No teu dengue cachorrão.

Fura, fura, minha bella,  
 Na costella  
 De teu grato camapheu;  
 Dar-te-hei o que pudér,  
 Se és mulher,  
 Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres,  
 Se fizeres  
 Quanto trago em minha mente...  
 Nos meus braços, meus cuidados  
 Oh! peccados!  
 Vai-te embora, que vem gente!...

---

## MODINHAS

---

### TROVADOR

(PRIMEIRA DEFEZA)

Trovador, tudo isso é verdade:  
 A mulher é tyranna — é cruel;  
 A mulher, com ternura nos olhos,  
 Vos embebe nos labios o fel.

\*

Porém, vós, ó tyrannos, não vêdes  
Que sois causa de todo o seu mal?  
Que sem pena, sem dó, sem piedade,  
Sem cessar lhe cravaes o punhal?

Podeis vós, por ventura, negar  
Ser com ella em tudo tyrannos?  
Vossas leis são tornal-a uma escrava,  
Ou mantel-a com vossos enganos.

Podereis, por ventura, negar  
Que, senhores de sua fraqueza,  
Abusaes d'essa força que tendes,  
Para bem rebaixar vossa presa?!...

A mulher é um ente sublime,  
Porém vós não amaes as fieis;  
Com o exemplo de vossos enganos  
As fazeis igualmente crueis.

Não amaes, certamente, a mulher  
Que, sincera, por vós dá a vida;  
Abusaes d'um amor extremo,  
Com excesso amaes a infida.

Porque então fallaes, ó infames,  
No geral, insultando a mulher,  
Se, depois de roubar-lhe o socego,  
D'ellas gozos o homem só quer?

Se a mulher, em astucia, vos vence,  
Se, sensível, por vós é pisada;  
Não amaes a doçura — os excessos,  
Só astucia por vós é prezada.

Quereis, inda, ó monstros, negar  
Ser verdade o que digo de vós?  
Que, sem pejo de serdes malvados,  
Infamantes sois sempre de nós!

Se soubesseis prezar a virtude  
Da mulher que vos sabe adorar,  
Poderieis, então, conhecer  
Que a mulher só nasceu para amar.

---

### SE EU FÔRA DA NOITE O ASTRO FORMOSO

poesia do snr. F. M. A., e musica do snr. José Rufino d'Oliveira Costa

Se eu fôra da noite o astro formoso,  
Em teus lindos olhos quizera brilhar;  
Teus negros cabellos soltára aos ares,  
Se fôra das praias a briza a rolar.

Se eu fôra da noite o echo sentido,  
Tua falla — inspirado — quizera imitar;  
Se eu fôra das aves a ave mais linda,  
No braço de neve iria pousar.

Se eu fôra das flôres — a flôr predilecta,  
De teus meigos olhos quizera um olhar;  
Se eu fôra uma pomba — ou rola innocente,  
Teus dôces afagos quizera gozar.

Se eu fôra uma trova — ou verso singelo,  
Em teus dôces labios quizera pousar;  
Se eu fôra uma lyra de cordas douradas,  
Por teus debeis dedos quizera passar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem echo,  
Nem ave, nem trova, nem briza do mar;  
Sou homem que sente, que soffre, que geme,  
Que canta na terra, o que pôde amar.

## ANJO

Poesia de Casimiro de Abreu, e musica do snr. Hugo Bussméyer

Eu era sombrio e triste...  
 Contente minh'alma é,  
 Eu duvidava sorrir,  
 E já no amar tenho fé.

Um anjo veio — e deu vida  
 Ao peito de amores nú,  
 Minh'alma, agora remida,  
 Adora um anjo — que és tu.

---

 RECITATIVOS
 

---

## A VIRGEM DOS MEUS SONHOS

Poesia de A. L. Ferraz Castro, e musica de \*\*\*

Nas horas tristes da mudez da noite  
 Eu velo, eu scismo — sem poder dormir;  
 Vejo — entre sombras — a gentil donzella,  
 Por quem meu peito sabe só sentir!

E se adormeço — nos meus sonhos passa  
 Sua tão linda e divinal visão!  
 Busco fallar-lhe, e esmoreço a medo,  
 E embalde intento lhe beijar a mão!

Que sina a minha! — que cruel supplicio!  
Tel-a a meu lado — sem um gosto ter,  
Que genio é esse que o temor me inspira,  
Que em tantas dôres me fará morrer?

E quando acordo — delirante sempre —  
Choro esse sonho que passou-se então,  
Embora eu saiba que é mentido tudo,  
Loucas insomnias de fiel paixão!

Ai! quanto soffro n'este amor que nutro!  
Quanto tormento por amar sem fim!...  
E quantas scismas — que crueis delirios  
Não sinto sempre se passar em mim!

---

### PERDÔA

(A \*\*\*)

Perdôa, ó virgem, se em momento louco  
Calquei aos pés de tua c'rôa as flôres;  
Perdôa ao joven que te amou com ancia,  
Perdôa ao crente a quem só dêste dôres.

Perdôa, ó anjo, o desvairar de um moço,  
Que envolto em mágoa se atirou á orgia;  
Perdôa ao naufrago de escrabosa senda,  
Perdôa áquelle que te amára um dia.

Perdôa, archanjo, ao atrevido nauta  
Que, sobre as vagas, seu batel partiu,  
Perdôa ao peito do descrente moço,  
Que acerbos dôres só por ti cortiu.

Perdôa, deusa — me horrorisa a morte,  
 E eu já me vejo do abysmo ás bordas;  
 Perdôa ao vate que cantou-te n'harpa,  
 Tendo-lhe o tempo carcomido as cordas.

Mulher, perdôa meus impuros beijos  
 Que sobre a face te imprimi com ancia;  
 Mulher perjura, me roubaste as flôres  
 De minha c'rôa, no sorrir da infancia.

Perdôa vibora, ao marinheiro ousado,  
 A quem murchaste sua verde palma;  
 Perdôa, e vê como eu vivo triste,  
 Condemna o corpo, mas perdôa á alma.

*J. M. Mancebo.*

---

## ROMANCE

---

### A VIDA

(TRES PHASES)

Poesia do snr. A. J. de Sousa, e musica do snr. A. L. Moura

### MANHÃ

Ao primo alvôr  
 Da vida em flôr,  
 É tudo odôres,  
 Tudo primores.

O céu é puro,  
Bello o futuro,  
Sempre folgança,  
No peito esp'rança.

É a vida um céu de amores  
Matizado de mil flôres,  
É um ledo paraíso  
De eterno riso.

Dôce illusão,  
Bafejo d'alma,  
Do coração  
Transpira a calma.

É a manhã  
Leda e louçã  
Da primavera  
Que n'alma impera.

## TARDE

Ao meio dia,  
Sem harmonia,  
Da existencia  
Muda a essencia.

Não é a vida  
Já tão florida,  
O céu tão puro,  
Ledo o futuro.

Nossa estrella empallidece,  
Nosso céu se obscurece,  
Nossas flôres matizadas  
Tombam crestadas.

Vacilla a crença,  
Duvida immensa  
No coração  
Sonda a razão.

Tarde da vida,  
Meio descrida,  
A nuvem d'ouro  
Muda em agouro.

## NOITE

À noite o céu  
De umbroso véo,  
Traja os negroses  
Cheio de horrores.

Soluça a alma  
Perdida a calma;  
Foge o futuro  
N'um cahos escuro.

É a vida um céu de horrores  
Semeado de mil dôres,  
Negra copia do inferno,  
De pranto eterno.

Morre o sorriso  
Perdido o siso;  
Da dôr no cumulo  
Só resta o tumulo.

Crenças e flôres,  
Perfume, amores,  
Tudo se esvai  
Da morte ao ai.

## LUNDÚS

---

### MENINA VOSSÊ ME DIGA

Menina vossê me diga  
Para que é tão ingrata?  
Se conhece os meus agrados,  
Porque tanto me maltrata?

A amizade que me tinha  
É possível que perdesse?  
Assim é que vossê paga?...  
Quem mais faz menos merece.

Não zombe tanto de mim,  
Attenda á minha expressão;  
Os meus labios só exprimem  
O que sente o coração.

Se seguir a maltratar-me,  
Tem de vêr-me exasperar;  
Eu já não posso viver  
Tanto tempo a suspirar!

---

### AS CLARINHAS E AS MORENINHAS

Babo-me todo,  
Vendo mocinhas  
Quer sejam claras,  
Quer moreninhas.

Gosto das claras,  
Fallo a verdade,  
Mas não lhes tenho  
Grande amizade.

Amo-as por gosto,  
Brinco — namoro,  
Mas, seriamente,  
Não as adoro.

Jámais por claras  
Sinto paixão;  
Eu nunca amei-as  
Do coração.

Brinco com ellas  
Por divertir,  
Matar o tempo,  
Zombar e rir.

Mas as morenas!  
Jesus! d'aquellas  
Que são da gema,  
Morro por ellas!

Ao vêl-as, fico  
De amor acceso,  
E pelo beijo  
Me sinto preso.

As moreninhas  
Fazem-me tolo;  
Ellas me tiram  
Todo o miolo.

Desmaio, chóro,  
Se chego a vêl-as;  
É meu destino  
Morrer por ellas.

## MODINHAS

## TROVADOR

(SEGUNDA DEFEZA)

Trovador, eu lastimo contigo  
D'essa ingrata o insano rigor;  
E do pranto que vertes — tão triste —  
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito  
Te cravára o espinho da dôr;  
Ah! esquece a perjura que adoras,  
Mas, por Deus! acredita em amor!

O amor da mulher é sublime,  
É do céu qual lampejo divino;  
É estrella brilhante e serena,  
Que precede ao clarão matutino.

O amor da mulher é qual briza  
Quando á tarde suspira saudosa;  
É a fonte que, dôce, murmura  
N'uma praia deserta — arenosa.

A mulher é um ente infeliz,  
O seu fado é soffrer e amar;  
Quando os homens as tornam escravas,  
Inda os ferros vão meigas beijar.

A coitada, illudida, sincera,  
 Quiz no homem firmeza encontrar;  
 Não prevê que quando elle jura,  
 Á mulher só procura enganar.

A mulher é ludibrio da sorte  
 Quando é firme, constante e fiel;  
 Mas os homens o culto lhe rendem,  
 Quando é falsa, perjura e cruel.

Para exemplo tu tens essa Helena,  
 Que o consorte, trahindo, deixou;  
 Pois por ella ser falsa e perjura,  
 Foi que Páris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume  
 Que se exhala de niveo jasmim;  
 O amor da mulher é constante,  
 Não conhece limites nem fim.

E porque uma quebrára os seus votos,  
 Todas ellas perjúras não são;  
 No amor da mulher acredita...  
 Trovador, ah! não chores mais, não!

---

### LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

Qual quebra a vaga do mar  
 Carcomendo as duras fragas,  
 Assim da saudade as vagas  
 O meu peito vem quebrar:  
 O meu destino é pensar,  
 Ingrata, no teu rigor;  
 Vê que contraste de horror:  
 Tu na minh'alma gravada,  
 Da tua mente apagada  
 Lembranças do nosso amor.

Se o sol desponta, eu lamento;  
Se o sol se despede, eu choro;  
Se a briza passa, eu imploro  
Compaixão p'ra meu tormento:  
Como não gozo um momento  
Do somno o dôce favor,  
Alta noite, com fervor,  
Em ti minh'alma se inspira,  
Canto ao som da minha lyra  
Lembranças do nosso amor.

Mulher, a lei do meu fado  
É o destino em que vivo,  
Depois de ficar captivo  
D'um gesto, d'um teu agrado:  
Sinto meu corpo vergado  
Ao peso do dissabor;  
Vai-me fugindo o calor...  
Ai que me matam, querida,  
Saudades da nossa vida,  
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa  
Na minha frente já fria;  
Vai passear algum dia  
Onde meu corpo repousa:  
Da sepultura — na lousa  
Que ha-de abafar minha dôr —  
Por piedade, por favor  
Planta um goivo, uma saudade,  
Signal da nossa amizade,  
Lembranças do nosso amor.

---

**A SAUDADE ME FLAGELLA**

A saudade me flagella,  
Mais não posso em ti fallar;  
O motivo por que peno  
Devo sempre em mim guardar.

Mas se a sorte melhorar  
O sensível peito meu,  
Hei-de vêr-te nos meus braços,  
E depois voar ao céo.

Eu adoro a uma ingrata  
E não posso aborrecel-a;  
É tão cruel minha estrella,  
Que estou sempre a suspirar.

Mas se a sorte — etc.

Recordando que teu nome  
N'um verde tronco escrevi,  
Fui beijal-o, e, quasi louco,  
Julguei dar um beijo em ti.

Mas se a sorte — etc.

*Salvador Fabregas.*

---

## RECITATIVOS

---

### NÃO SEI QUE SINTO

Não sei que sinto, quando junto a ti  
 Momentos passo de prazer immenso;  
 Não sei que sinto, se a teu lado gozo  
 Delicias puras d'um amor intenso.

Não sei que sinto, a minh'alma terna,  
 De dita infinda se embriaga então;  
 E n'essas horas, que se passam rapidas,  
 Esqueço dôres que pezar me dão.

Não sei que sinto, se um instante buscas  
 A minha mão para á tua unir;  
 Do encanto dôce, que me prende a ti,  
 Então quizera m'esquivar... fugir!

Não sei que sinto, — um tremor convulso  
 Me agita o corpo como o vento á flôr;  
 E, como ella, eu me curvo ao peso  
 De teus extremos e — constante amor.

Não sei que sinto, quando te não vejo,  
 Pena infinita me consome e rala;  
 Se te contemplo, meu penar olvido,  
 Meu peito exulta, — meu soffrer se cala.

Mas... ah! bem sei! este fogo intenso  
 Que o peito abraza, devorando a mente,  
 Estes transportes que me offuscam — são  
 Delirios d'alma — é um amor ardente!

*Por uma joven fluminense.*

## A BRUMA

Bruma cinérea de invernosa vida,  
 Onde, pendida, vaes esquivar assim?...  
 Ai! não me fujas, que este céo te mente,  
 Que elle não sente quanto eu sinto em mim.

Queres amores tu gozar no enleio  
 D'um triste seio, no harpejar da dôr?...  
 Não corras tanto, que o tufão te cança...  
 Ai! da bonança no cançado ardor...

Vês no infinito qual azul se ostenta?...  
 Vês suarenta, meiga nuve'alli?...  
 O sol requeima-a: — triste sorte dura!  
 Fôra tão pura, como és pura aqui.

Vês tanto azul de que se tinge agora  
 A meiga aurora n'essa negra côr?  
 Vês mais a nuvem junto ao sol ainda?  
 Eil-a que finda no tormento a dôr.

Rouco trovão a estalar de irado,  
 Esse enrubado — e assustador fuzil,  
 Não vês, louquinha, este mentir perjuro?...  
 Ai! tanto escuro no teu céo de anil!...

Ai! que sumidas na procella as côres  
 Das tristes flôres da esperança eu vi!  
 Hoje só restam resequidas crenças,  
 Trevas immensas, minha Bruma, a ti!...

Não corras tanto, que o tufão te cança,  
 Ai! que a esperança te fará soffrer...  
 Quebra a anciedade, no parcel da vida,  
 Se a tens perdida — vem aqui morrer.

*Julio da Gama.*

# LUNDÚ

---

## ESPANTA O GRANDE PROGRESSO

Espanta o grande progresso  
D'esta nossa capital,  
Decresce o bem por momento,  
Cresce a desgraça e o mal.  
A carestia de tudo,  
De grande já não tem nome,  
O pobre morre de fome,  
De miseria e de trabalhos.

Em bellos carros  
O rico corre,  
O pobre morre,  
Sem que comer;  
Tudo é soffrer  
Para a pobreza;  
Só a riqueza  
Vive contente:  
Mortal que vive  
De seu trabalho,  
Não tem um canto  
Para agasalho.

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho para lhe dar;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, eu vou rondar.

A carne secca tão cara!  
Cada vez o preço cresce,  
O monopolista á custa  
Da pobreza s'enriquece.

Nos açougues carne podre,  
Nas ruas leite com agua,  
Causa dôr e causa magua  
O pão de tão pequenino.

A dez tostões  
Pinto gosmento,  
Feijão bichento  
A peso d'ouro;  
Toucinho couro  
E já tocado,  
Café torrado  
Com milho podre;  
Todos os mezes,  
Por alugueis,  
Quatro paredes,  
Trinta mil reis.

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho para lhe dar;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, eu vou rondar.

Pejam as ruas mendigos,  
Ha ladrões por toda a parte,  
Em breve nos darão leis  
A faca e o bacamarte.  
Por altas horas da noite  
Invadem nossos poleiros,  
E nos levam, ratoneiros,  
A criação dos quintaes.

Té as torneiras  
Já não escapam,  
Pois tude rapam  
De um modo estranho;

Pretos do ganho  
São espreitados,  
Após roubados  
Pelos gatunos.  
Em grandes festas,  
Bailes, passeios,  
Sempre acham meios  
De ratonar.

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho çara lhe dar;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, eu vou rondar.

Feijão, milho e assucar,  
Carne e peixe já cozidos  
Nos vem das terra d'Europa,  
Vem dos Estados-Unidos;  
Em quanto o monopolista  
O seu negocio equilibra,  
Vendendo a pataca a libra,  
Vai o pobre á carne secca.

Quatro pimentas  
Por um vintem,  
Só quem o tem  
Póde gozar;  
Quem quer comprar  
Alguns limões,  
Dá dous tostões  
Por um sómente:  
Viva quem vive,  
Morra o regresso,  
Viva a nação,  
Viva o progresso!

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho para lhe dar;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, eu vou rondar.

---

## MODINHAS

---

### LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

(RESPOSTA)

Se os sentimentos de outr'ora  
Inda existem no teu peito,  
D'esse passado desfeito  
Não posso lembrar-me agora:  
Meu coração outro adora,  
Hoje não tenho-te amor;  
Se é fraqueza, ou se é rigor,  
Perdão imploro clemente,  
Não posso guardar na mente  
Lembranças do nosso amor.

Este peito não é meu,  
Já o dei a outro amante;  
Porque buscas, inconstante,  
O que não póde ser teu?  
Jurei-lhe á face do céu  
Amal-o com firme ardor;  
Vê o contraste de horror:  
De minha mente exclui,  
E nem me restam de ti  
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a magoa,  
Destroe humana grandeza,  
Da vida, gloria e riqueza  
Até a esperança se apaga;  
Talvez que o tempo te traga  
Remedio p'ra a tua dôr;  
Só eu mereço um favor:  
Se inda me tens amizade,  
Não conserves — por piedade —  
Lembranças do nosso amor.

Não suspires e não chores,  
Não me magôes est'alma,  
Vai amar outra — e acalma  
Teu soffrer n'estes amores;  
Quando cadaver já fôres,  
Não me pedes, trovador,  
Que vá plantar uma flôr?...  
Pois ella deve morrer,  
E nunca mais ha-de ter  
Lembranças do nosso amor.

---

### SUPPLICA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Não te esqueças, Marília,  
de mim*

Não te esqueças de mim, ó donzella,  
Quando alegre gozares amores;  
Não te esqueças de mim, quando triste,  
Só, me vires lutando entre dôres!

Não te esqueças de mim, quando á noite  
Escutares o triste deserido;  
Não te esqueças de mim, quando á lua  
Um suspiro escapar-me sentido.

Não te esqueças de mim, quando, ó bella,  
Reclinada sonhares na ventura;  
Pois que o pobre, n'um leito d'espinhos,  
Liba o caliz de negra amargura.

Não te esqueças de mim, quando a lua  
Fôr, contente, teus labios beijar;  
Vem ouvir os pungentes lamentos  
De quem vive saudoso a chorar!

Não te esqueças de mim, ó meu anjo,  
Que padeço sem ter mais ventura;  
Corre a dar-me um sorriso dos teus,  
Emanado d'ess'alma tão pura.

Não te esqueças de mim, quando ouvires  
Os tangeres dos sinos da sorte;  
Lembra aquelle que amou-te na vida,  
Que hoje dorme no leito da morte.

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

## RECITATIVOS

---

### ESPERANÇA MORTA

Que me importam d'harpa sonorosos canticos,  
Que me importam graças, da manhã o alvor;  
Que me importam olhos chammejantes, vividos,  
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam bailes em salões esplendidos,  
Que me importam vozes do melhor cantor;  
Que me importam galas d'este mundo fulgidas,  
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam os lares que deixei na infancia,  
Que me importa o aroma da mais bella flôr;  
Que me importam gozos dos meus dias placidos,  
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam labios, ou sorrisos candidos,  
Que me importam faces de purpurea côr;  
Que me importam phrases, ou suspiros languidos,  
Se não tenho crença, se não tenho amor?

*D. Maria J. Martins de Carvalho.*

---

### PENSA E PROCEDE

Pensei, quando te dei de amores flôres,  
Que de tu'alma a palma obteria;  
É soffrer o prazer, descrença a crença...  
Meu Deus! quanto senti por ti, Maria!

Do paraíso um riso achavas, davas,  
A quem no peito um leito te sagrou!  
Mas hoje foge, vai-se, esvai-se o sonho  
Tão lindo, infindo, que a paixão matou!

Desperto, e perto, nevoeiro inteiro  
Ao pobre encobre festival porvir!  
D'outr'ora, agora, o desespero austero  
Renovo, provo n'um cruel sentir!

A fada amada, de cabellos bellos,  
Morena, amena, no gentil fallar,  
Jura, perjura, vai mentindo, rindo,  
Dando, tirando traíçoeiro amar!...

Repara... pára!... Vaes caminho asinho!  
Concede, cede a paz ao teu viver!  
Ai! tanto encanto dá contento, augmento,  
A calma d'alma que não faz soffrer!

Revive, vive nos teus passos lassos...  
Mas olha — antolha-se a mortalha fria!  
Então, perdão irás, contrita, afflicta,  
Dos males teus a Deus pedir, Maria!

Virge', a vertige' de um tormento lento  
Retira, atira a virgindade ao chão!  
Pensa na crença que á menina ensina  
O anjo archanjo, maternal condão.

Ainda és linda! Tão criança, lança  
A vista á lista das perdidas Láis!  
Nos factos gratos da materna, eterna,  
Rude virtude, uma lição terás!

*L. Felix.*

## LUNDÚ

## ESTAMOS NO SECULO DAS LUZES

'Stamos no sec'lo das luzes,  
 Já não ha que duvidar;  
 Temos gaz por toda a parte  
 Para nos alumiar!

A, E, I, O, U,  
 Vamos todos aprender,  
 Já se ensina de repente  
 Sem as letras conhecer.

Temos estradas de ferro  
 Para mais depressa andar,  
 Todos hão-de correr tanto  
 Que por fim hão-de cançar.

Ba, be, bi, bo, bu — etc.

Já com novo calçamento  
 Vejo as ruas se calçar,  
 De fino sapato e meia  
 Já se póde passear.

Ça, ce, ci, ço, çu — etc.

Já se alargam as ruas,  
 A da Cano é a primeira,  
 Hoje tudo são progressos  
 De famosa ladroeira.

Da, de, di, do, du — etc.

Agua suja, cisco e tudo  
 Já se não deve ajuntar,  
 É só lançar-se na rua  
 Que as carroças vem buscar.

Fa, fe, fi, fo, fu — etc.

Já se seguram as vidas,  
 Já se não deve morrer,  
 Quem tem sua creoulinha  
 Não tem medo de a perder.

Ga, gue, gui go, gu — etc.

Temos agua pelos cantos,  
 Que sempre estão a correr,  
 Sujo já por falta d'agua  
 Ninguem mais deve morrer.

Ja, je, ji, jo, ju — etc.

Já temos grandes theatros,  
 E a empresa quer crescer;  
 Estamos n'um céo aberto,  
 Isto, sim — é que é viver!

La, le, li, lo lu — etc.

Quando ha fogo na cidade  
 S. Francisco dá o aviso,  
 O castello corresponde  
 Com tres tiros á Gabizo.

Ma, me, mi, mo, mu — etc.

Os estrangeiros se empregam  
 N'essa nova exploração;  
 Nada tendo de fortuna,  
 Vem ganhar um dinheirão.

Na, ne, ni, no nu — etc.

Nacionaes de bocca aberta,  
 Nada fendo que comer,  
 Como boi de canga ás costas  
 Caladinho até morrer.

Pa, pe, pi, po, pu — etc.

Co'a carestia dos generos  
 Como o pobre ha-de viver?  
 Com um pequeno salario  
 Como honrado póde ser?

Ra, re, ri, ro, ru — etc.

Os poderosos não querem  
 Com os pobres se importar;  
 O pobre cheira a defunto,  
 Pois só sabe importunar.

Sa, se, si, so, su — etc.

Eis o que é o paiz natal  
 Dos filhos que viu nascer;  
 Qualquer estrangeiro á tóa  
 Vem aqui enriquecer.

Ta, te, ti, to, tu — etc.

Já temos, por f'licidade,  
 Melhor colonisação;  
 Felizmente se acabou  
 A *negra* especulação.

Va, ve, vi, vo, vu — etc.

Os transportes são immensos,  
 Quer por terra, quer por mar;  
 Até se póde seguro  
 Já navegar pelo ar.

Xa, xe, xi, xo, xu — etc.

Emfim, ninguem póde já  
 Duvidar da perfeição;  
 Que não ha sec'lo, como este,  
 De maior illustração.

Za, ze, zi, zo, zu,  
 Já podemos aprender,  
 Já se ensina de repente  
 Sem as letras conhecer.

---

## MODINHAS

---

QUANTO ÉS BELLA!...

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha—*Sonhei com mil flôres*

Amor, enraivado  
 Um dia se achava,  
 Por vêr que só d'elle  
 Armania zombava.

De seus attractivos  
 Então se esquecendo,  
 A setta prepara,  
 Mais nada prevendo.

Celeste beldade  
 Eis que lhe apparece...  
 A setta reprime,  
 A Venus conhece!...

« Em vós não quizera »,  
Lhe diz o menino,  
« Agora mostrar-me  
Tão duro e ferino.

« Tomei-vos por *ella*...  
Por cópia da ingrata,  
Que zomba de Amor,  
Que tanto o maltrata. »

*J. M. Mourão.*

---

### MINH'ALMA É TRISTE

Poesia de Casimiro de Abreu, e musica de \*\*\*

Minh'alma é triste como a rôla afflicta  
Que o bosque acorda desde o alvor da aurora,  
E em dôce arrulho, que o soluço imita,  
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,  
Minh'alma chora as illusões perdidas,  
E no seu livro de fanado gozo  
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa  
Seu pobre canto com a dôr desmaia,  
E seus gemidos são iguaes á queixa  
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos  
Procura o brinco que levou-lhe o rio,  
Minh'alma quer resuscitar nos cantos  
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gozos nas mundanas galas,  
 Mas eu não sei em que o prazer consiste,  
 Ou só no campo, ou no rumor das salas,  
 Não sei por que, mas a minh'alma é triste!

### VIVENDO DE TI DISTANTE

Poesia de uma nitheroyhense, e musica de J. J. Bernardes

Vivendo de ti distante  
 E sempre em grande afflicção,  
 De saudades tenho oppresso  
 O meu leal coração.

Se tu de mim  
 Não te esqueceres,  
 Ainda terei  
 Divos prazeres.

Se inda em teu peito existe  
 Aquella mesma paixão,  
 Vem, que ancioso t'espera  
 Um saudoso coração.

Se tu de mim  
 Não te esqueceres,  
 Hão-de ter fim  
 Os meus lazeres.

Juraste—eu tambem jurei  
 Por Deus, que então nos ouvia,  
 Que findaria esse amor  
 No fundo da campa fria.

O juramento  
 Não quebres—não,  
 Que ainda é constante  
 Meu coração.

## GEMO NA DURA PRISÃO

Quando de Analia eu reparo  
A sublime perfeição,  
Cáio nos laços de amor,  
Gemo na dura prisão.

De Analia vencer não posso  
A menor contemplação,  
Cadêas, ferros arrasto,  
Gemo na dura prisão.

Se a linda Analia quizesse  
Socegar meu coração...  
Mas não quer, sou desgraçado,  
Gemo na dura prisão.

## RECITATIVOS

## À LUA

Que fazes, risonha, mirando estes mares,  
Suspensa nos ares — vagando nos céos?  
Quem és? que mysterio! revela o segredo,  
Revela, que é cedo — se és filha de Deus!

O dôce cortejo de estrellas mimosas,  
Gentis, luminosas — te seguem p'ra além!  
— Expande, não temas — teus languidos raios,  
E n'esses desmaios — me falla tambem!

Se fallas, conversas — conversas sósinha?  
Caminha... caminha — mas diz-me o que és:  
És mundo perdido no céu *purpurino*,  
Ou throno divino — da Virgem aos pés?

Espera! não fujas, não fujas do dia,  
Celeste magia — não cances, derrama!  
Eu amo-te os meigos — os ternos palores  
No laivo de amores — que o peito m'inflamma!

As flôres te adoram, que orvalhas sahindo,  
Das nuvens fugindo — ligeira a brilhar,  
O lago alvacento nas aguas de prata  
Teu porte retrata no seu soluçar!

Os montes altivos e serras tu beijas,  
A relva vicejas — do campo a morrer!  
És astro de amores — vagando nos ares,  
Tombando nos mares — rolando a correr!

Ah! dize, não cales, se és praga de fada;  
Ou alma penada — no espaço perdida,  
Ou noiva de um santo — tão alto embalada,  
Ou prece sagrada — de um anjo cahida?

Se foste da terra, que sina é a tua?...  
Não fujas, oh lua — não fujas do dia;  
Eu conto-te os transes — e as magoas do seio,  
E o férvido aneio — qu'est'alma angustia.

As paginas soltas do livro da vida  
Soletra, querida — se foste da terra!  
Porém, vagabunda — se foges errante,  
Na luz vacillante teu manto descerra!

São horas propicias — que dōces momentos!  
Aplaca os tormentos — que eu soffro contigo!  
— Espera! do vento no placido açoite,  
Princeza da noite — conversa commigo!

*Pelo fallecido João Rodrigues Proença.*

---

### AO SOL

Que fazes — possante — no ar dominando,  
Teu fogo espalhando — por montes e valles?...  
Revela quem deu-te tamanho poder,  
Revela o teu sêr — revela, não cales.

O mundo se agita apenas despontas,  
Apenas apontas — ao longe fulgindo;  
Mil hymnos da terra ao céo se levantam  
Das aves que cantam — aos ninhos fugindo.

Do prado as florinhas esperam contentes  
Teus beijos ardentes, repletos de amor;  
A relva mimosa, de orvalho banhada,  
Espera curvada — teu dōce calor.

Em toda a natura renasce alegria,  
Apenas o dia — em teu carro se mostra;  
Até do deserto o selvagem feroz,  
Correndo veloz — contrito se prostra.

Que mago deleite, que dōce langôr  
Teu vivo calor — nos lança dos ares,  
Nas horas da sésta, lá quando dominas  
As verdes campinas — o leito dos mares!...

Então tu imperas da briza aos bafejos,  
Mil loucos desejos — fazendo sonhar;  
Porém — sobranceiro — ao mundo sorrindo,  
Tu vaes proseguindo — no teu caminhar.

E quando completas teu giro no espaço,  
E vaes no regaço — do mar t'inclinando;  
Que santo mysterio! que dôce magia,  
Que meiga poesia vaes tu espalhando!...

Do prado os cantores te mandam do seio,  
Em dôce gorgueio, canções sonorasas;  
Nas azas da briza te mandam as flôres  
Suaves odores — das pet'las mimosas.

Oh sol!... quem és tu, que lá d'essa altura  
A toda a natura — dás tanto esplendor?...  
És rei do universo, do céo habitante,  
Ou facho brilhante — nas mãos do Senhor?...

Ah!... diz-me o segredo de tua existencia,  
Revela a essencia — que encerras contigo;  
Á luz de teus raios, em basta floresta,  
Nas horas da sésta — *conversa commigo*.

A. J. de Sousa.

---

## MAGOA E SAUDADE

Pallido o rosto, sobre a mão mimosa,  
Vejo-a saudosa, succumbindo á dôr;  
Sua alma apraz-se na agonia lenta,  
Que mais lhe augmenta um desgraçado amor.

Longe, bem longe, no scismar ancioso,  
 Busca o ditoso, a quem outr'ora amou,  
 E que, sem alma, desprezando prantos,  
 Laços tão santos, sem pezar quebrou.

.....  
 .....  
 .....  
 .....

Porque, sem dó, espedaçaste os sonhos  
 Meigos, risonhos, de tão puro amor?  
 Porque trouxeste em apparencia calma,  
 A morte d'alma á mais *bella flôr*?

Dize-me: acaso não choraste ao vê-la  
 Tão triste e bella na fatal mudez?  
 E sem piedade a tão leaes extremos,  
 Disseste: amemos, a sorrir, talvez?

Dize-me: acaso mereceste a chamma  
 Que ainda inflamma o seu ardente olhar?  
 Dize-me: acaso mereceste os prantos  
 E os lindos cantos de quem soube amar?

Maldito aquelle que murchou a rosa,  
 Pura, mimosa, de celeste alvor!  
 Maldito aquelle que zombou da crença  
 Unica, immensa, do mais santo amor!

*Por um nitheroyhense.*

---

## LUNDÚ

---

### É PENEIRA NOS OLHOS QUE TEM

As peneiras no mundo só servem  
Para riso, vergonha e desdem,  
E os homens os mais intruidos  
Tem peneira nos olhos tambem.

Toda a moça que vai p'ra a janella  
Esperar o amante que vem,  
Quando a mãe vem a ser sabedora,  
Tem peneira nos olhos tambem.

Toda a moça que gosta de bailes,  
É porque n'isso interesse ellas tem,  
Quasi sempre por estes lugares  
Ha peneira nos olhos tambem.

A mamã que deixa suas filhas  
Com seus primos — por homens de bem,  
E depois arrependem-se e casam,  
É peneira nos olhos que tem.

Certos velhos com falta de tino,  
Que inda tentam casar-se mui bem,  
Quando pensam que os filhos são d'elles  
É peneira nos olhos que tem.

Toda a moça que cose por machina  
E que julga coser muito bem,  
Dando pontos de legua e meia  
Tem peneira nos olhos tambem.

---

## MODINHAS

---

### VEM, DONZELLA, NA HORA EXTREMA

(NOVA MODINHA)

Vem, donzella, na hora extrema  
Cinge ao meu teu casto seio,  
E corando em mago enleio,  
Vem dizer um triste adeus.

Adeus, rosa d'innocencia,  
Ó virgem dos sonhos meus!

N'um sorriso teu divino  
Unge o raio de esperança,  
E qual astro de bonança  
A minha noite illumina.

Adeus, lyrio de candura,  
Adeus, fada peregrina.

Dá-me um só beijo... com elle  
Mitiga da ausencia as dôres;  
E bem como a aurora ás flôres,  
Me orvalha o sonho amoroso.

Adeus, flôr, celestes virgem,  
Minha fada, anjo formoso.

*Candido José de Araujo Vianna.*

---

## A DESPEDIDA

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica do snr. J. L.  
de Almeida Cunha

Adeus, adeus, é chegada  
A hora da despedida;  
Vou; que importa, se te deixo  
N'este adeus a minha vida?

Foste ingrata aos meus extremos,  
Não te peço gratidão;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores perdão.

Eu era um ente na terra,  
Tu eras um cherubim;  
Deus tirou-te dos seus anjos,  
Não nasceste para mim.

Perdôa ao louco d'amor  
Esta estulta elevação;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores perdão.

O crime que commetti  
Foi muito punido já;  
Castigou-me o teudes prezo,  
Maior castigo não ha.

Castigado, reconheço  
Quanto é justa a punição;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores perdão.

Pouca vida já me resta;  
Eu sinto que esta amargura  
Tão intensa — muito cedo  
Ha-de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te  
Vem dar-me absolvição;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores perdão.

---

#### ALÉM DE MEUS MALES

Além de meus males  
Vêr Marcia infiel,  
Zombar de meus prantos,  
Ser sempre cruel.

É tão caprichosa,  
É tão fementida,  
Não sabe essa ingrata  
Que me rouba a vida!  
Oh Marcia, adeus,  
Eu morro, adeus.

Da sorte os caprichos  
Não me tribulavam,  
Quando os labios d'ella  
Um riso me davam.

É tão caprichosa — etc.

E agora se uniram  
 A ingrata e a sorte,  
 Para gota a gota  
 Me darem a morte.

É tão caprichosa — etc.

---

### ADEUS, MEU ANJO

Adeus, meu anjo, que eu parto,  
 P'ra longe de ti me ausento;  
 Vou soffrer saudosas dôres,  
 Vou passar cruel tormento.

Adora a triste saudade,  
 Emblema do meu amor;  
 Gravadas eu tenho n'alma  
 Seu padecer, sua dôr.

*Genuino José Tavares.*

---

## RECITATIVOS

---

### O SONHO

Eu tive um sonho em que vi — senti  
 Lucinda, linda, para mim partir;  
 E os labios bellos entr'abrindo — rindo,  
 Ditoso gozo demonstrar fruir.

Era seu rosto de encantos tantos,  
 Sereno, ameno, de morena côr;  
 Pedi-lhe um beijo, e n'um engano lhano,  
 Delirei, manchei seu juvenil pudor.

Ella, anciosa, n'esse enredo ledo  
 Furtivo, 'squivo um olhar lançou-me;  
 Julguei estar n'esse instante, ante  
 Estrella bella que o céu fadou-me.

Foi d'esses sonhos que a mente sente...  
 Dourado fado ao perpassar da vida...  
 Sonho que indica mil venturas puras,  
 Estreito preto de existencia fida.

Engano d'alma que existe triste,  
 Soffrendo, crendo em ideaes primores...  
 Illusão ficticia que n'um momento lento,  
 Contente sente quem sonhar amores.

Mas despertando do risonho sonho,  
 Lucinda, linda, jámais pude achar!  
 Não pude vê-la! mas... embora... agora  
 Desperto certo de que a devo amar.

*Ricardo Francisco de Almeida.*

---

## A NEBULOSA

Poesia do snr. Tito Livio, e musica do snr. José de Sousa e Aragão

Já lêstes a *Nebulosa*  
 Do fluminense cantor?  
 Não vistes a peregrina  
 Que matou ao trovador?!

Assim, mulher, tu me matas  
Com teus desprezos sem fim;  
Não tenhas tal isenção,  
Meu anjo, tem dó de mim.

A flôr de minha esperança  
Assim tu queres murchar?  
Não te commove meu pranto,  
Inda queres me matar?

Queres que faça em pedaços  
A minha lyra querida,  
Que te diga eterno adeus,  
Ao depois termine a vida?

Que eu morra porque te amo,  
Não consintas, lindo archanjo;  
Mulher, acolhe os meus ais,  
Tem pena de mim, meu anjo.

---

## CANÇÃO

---

### O MARUJO

Triste vida a do marujo,  
Qual d'ellas a mais cançada,  
Por 'mor da triste soldada  
Passa tormentos.

Andar á chuva e aos ventos,  
Quer de verão, quer de inverno,  
Que parece o proprio inferno,  
Com tempestades.

As nossas necessidades  
Nos forçam a navegar,  
E passar tempos no mar  
Em aguaceiros.

Passam-se dias inteiros  
Sem se poder cozinhar,  
Nem tão pouco mal assar  
Nossa comida.

Arrenego eu d'esta vida  
Que nos dá tanta canceira;  
Sem a nossa bebedeira  
Não, não passamos.

Quando descançados 'stamos  
No rancho a socegar,  
Então ouvimos gritar:  
— Oh! leva arriba!

---

## LUNDÚ

---

### O BANQUEIRO

Musica do snr. J. L. de Almeida Cunha

O diabo da menina  
Commigo se enrabichou  
De tal modo, que por mim  
Um banqueiro abandonou.

Dava-lhe o rico banqueiro  
 Seiscentos mil reis mensaes,  
 Eu por dia dou-lhe cinco,  
 A menina pede mais.

Pede mais, mas não me deixa,  
 Gosta mais do meu dinheiro,  
 Acha mais gosto nas minhas  
 Que nas notas do banqueiro.

Trata as minhas com apreço,  
 Trata as d'elle com desdem;  
 Eu não sei, ella é quem sabe  
 As minhas que gosto tem.

O banqueiro é um labrego,  
 Grosseiro por natureza,  
 Talvez que as notas nem saiba  
 Dar-lhe com delicadeza.

Elle dá notas mensaes,  
 Eu dou as minhas por dia  
 Com toda a delicadeza,  
 Com toda a diplomacia.

Às vezes eu dou-lhe as notas  
 Com geitos e modos taes,  
 Que em suspiros, dá-me em troca  
 Ternas notas musicaes.

Feito o troco, diz tomando  
 A bolsa do meu dinheiro:  
 Quem é que troca esta bolsa  
 Pelo banco de um banqueiro?

---

## MODINHAS

---

### SE ÉS ANJO NO GESTO E BELLEZA

Musica do snr. José Leite

Se és anjo no gesto e belleza,  
Tens no peito de fera o rigor!...  
Ai! não temo teus feios enganos!  
Já não sinto por ti terno amor!

Desfolharam a flôr de meus dias,  
Como o vento desfolha uma flôr!  
Não quizeste que a flôr fosse minha,  
Já não sinto por ti terno amor!...

De teus olhos n'um terno desmaio  
Vi escripta a traição e furor!...  
Enganava-me a luz de teus olhos,  
Já não sinto por ti terno amor!...

Desfolharam a flôr de meus dias — etc.

---

### NAS HORAS QUE PASSO TÃO TRISTE

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *O descrido*

Nas horas que passo tão triste  
Bem recordo meus dôces amores,  
Esses sonhos dourados de outr'ora,  
Esses prados cobertos de flôres;

Esses tempos tão bellos, tão puros,  
De floridas manhãs de arrebol,  
Onde eu, em palmares virentes,  
Não sentia os ardores do sol;

Esses tempos... não quero lembrar-me!  
Morre o riso nos campos da dôr;  
Soffre o peito, de magoa tranzido,  
Ao lembrar-me da quadra de amor.

Da saudade o abutre voraz  
É só hoje meu dôce prazer...  
A pensar só nos dias de outr'ora,  
Eu só peço, — só quero morrer!

Corra em faces doridas o pranto  
Da tristeza cruel a mim dado;  
Finde o calix das fezes amargas  
Junto sempre do meu negro fado.

Tudo é findo p'ra mim, só as gotas  
D'esse pranto que corre-me forte  
Faz qu'eu triste — de tudo esquecido,  
Queira, rindo, abraçar-me co'a morte.

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

### ROSEAS FLÔRES D'ALVORADA

Roseas flôres d'alvorada,  
Teus perfumes causam dôr;  
Essa imagem que recordas  
E' meu puro e santo amor.

Ai! quem respira  
Os teus odores,  
Fenece triste,  
Morre de amores.

Não póde gozar venturas  
Quem de amor soffre afflicção,  
Não póde, afeito aos gemidos,  
Ter prazer meu coração.

Ai! quem respira — etc.

Sem os sonhos de ventura  
Murchou-se a flôr do desejo;  
Que m'importam outras flôres,  
Se a minha bella eu não vejo.

Ai! quem respira — etc.

Deixai que eu viva de penas,  
De saudade e de lembrança,  
Já que sequer me não resta  
Nem uma só esperança.

Ai! quem respira  
Os teus odores,  
Fenece triste,  
Morre de amores.

---

### MARILIA, ESCUTA

Marilia, escuta,  
Ouve os queixumes,  
Não ha quem ame  
Sem ter ciumes.

Marilia, escuta  
 Meu coração,  
 Tem dó, tem pena  
 D'esta afflicção.

Ouve, Marilia,  
 Dá-me um rival;  
 Crava em meu peito  
 Duro punhal.

Dá-me, ó Marilia,  
 Teu coração,  
 Ou dá-me a morte  
 Com tua mão.

O desgraçado  
 Suspira e chora,  
 E' delirante  
 Amor te implora.

---

## RECITATIVOS

---

### À LUA

Astro divino, que rompendo as trevas  
 O mundo inundas de esplendor brilhante;  
 Virtude acordas, e a crença elevas  
 Ao mortal triste que vagueia errante.

Se longas horas te contempla attento  
 Ó ente triste, de soffrer cançado;  
 Seu mal esquece, e um novo alento  
 Sente no peito, pela dôr magoado.

Na soidão da noite, se um scismar ardente  
Abysma o homem que, pensando — vela;  
Teus brandos raios dão-lhe calma á mente,  
Que se extasia de te vêr tão bella.

Fogo sagrado, teu celeste encanto  
No mundo impera com poder immenso;  
Só tu inspiras o amor mais santo,  
Paixão sublime d'um affecto intenso.

Teu dôce brilho que no ar fulgura,  
E' qual anjinho a doudejar sereno;  
Tranquillo corre, sua idéa é pura...  
Assim tu corres pelo céo ameno.

Astro divino, que rompendo as trevas  
O mundo inundas de esplendor brilhante:  
Ás almas puras que na terra enlevas  
Meigo illumina, dá-lhe luz constante.

*Por uma joven fluminense.*

---

### O VAGO

Não tenho *bago* no meu bolso — é facto:  
O meu sapato já roído é todo;  
Ando calçado, mas dos pés os dedos  
Lêem segredos que só ha no lodo.

Os cotovêlos da casaca usada,  
Uma risada tambem dão, se encolho  
Qualquer dos braços, p'ra chamar alguém  
Que vejo além a me piscar o olho.

A minha calça, nos seus dous joelhos  
 Tem espelhos p'ra mirar-se o home'  
 Que só procura pervertidos guias,  
 E nas orgias seu viver consome.

Chapéo não tenho, a *cachola* minha,  
 Ai! coitadinha! trago sempre núa;  
 Os meus cabellos (meu prazer!), coitados,  
 Arripiados, pavor tem da lua.

Minha camisa, que tambem foi nova,  
 Que grande sova tem levado — sei;  
 Porém não lembro se á lavadeira,  
 Ou á caseira p'ra lavar eu dei.

As minhas meias, se alguem as visse,  
 Talvez sentisse... (mas são meias finas)  
 ...Porque exhalam (sem ser lisonjeiro)  
 O *bello* cheiro de um *frescal* de Minas.

E no entanto, que namôro ás bellas  
 Que p'las janellas — ao passar eu vejo!  
 Algumas deixam escapar o riso,  
 Que de improviso fugir deixa o pejo.

E assim vivo — ora rio e canto,  
 Se a tanto chega meu prazer no dia;  
 Tambem ás vezes amanheço *ardido*,  
 Se hei dormido com cruel azia.

Se acaso peço com voz supplicante  
 A um passante, — pouca cousa — um *bago*;  
 O *tal* me lança um olhar feroz,  
 Muda de voz e me diz: sahe — *vago*.

Me chamam vago, *et cætera* e tal,  
'Té animal dizem já qu'eu sou;  
Pouco me importa qu'elles vão fallando,  
Mesmo vagando — bem vivendo vou.

*Gualberto Peçanha.*

---

## ROMANCE

---

### AMOR DE MÃI

Musica do snr. Elias Alves Lobo

Sob as azas plumosas da rôla  
O filhinho piando se acolhe,  
Como em seio de mãe carinhosa  
Terno infante mil beijos recolhe.

Sabe a rôla, arroubada de affecto,  
O seu filho contente afagar;  
E a mãe, com extremo e enlevo,  
Dôce somno d'infancia embalar.

Nossa mãe é o anjo inspirado  
Que na dôr ou prazer resplandece;  
Tudo acaba e destrõe-se na vida,  
Só de mãe o amor não fenece.

Se elle chora, ella chora com elle,  
Se elle ri, ella exulta tambem;  
Nossa mãe é um anjo sublime,  
Outro igual este mundo não tem.

Póde o crime manchar a existencia  
 D'um seu filho nos seios criado;  
 A mãe terna lamenta a desgraça,  
 Mas não deixa seu filho isolado.

Nossa mãe é um anjo inspirado,  
 Que na dôr ou prazer resplandece;  
 Tudo acaba e destróe-se na vida,  
 Só de mãe o amor não fenece.

---

## LUNDÚ

---

### A CÔR MORENA

(NOVO LUNDÚ)

Resposta ao lundú do mesmo titulo publicado no n.º 1 do TROVADOR  
 por uma joven fluminense. Para ser cantado pela musica do lundú — *Mulatinha do caroço*.

Eu bem sei que é delicada,  
 Apreciada,  
 Da morena a viva côr;  
 Eu por ella tambem sinto,  
 E não minto,  
 O mais puro e santo amor.

E' a côr mais delicada,  
 Enfeitçada,  
 Que captiva o coração;  
 Eu por ella sinto n'alma  
 Dôce calma  
 Da mais ardente paixão.

E' mimosa, engraçadinha  
A moreninha,  
Me seduz a todo instante;  
Puro amor eu lhe jurei,  
Viverei,  
Qual leal e fido amante.

Eu serei, e hei-de ser,  
Até morrer,  
Da morena bem constante;  
Só o fado, a negra sorte,  
Só a morte  
Me fará ser inconstante.

Eu gosto da moreninha,  
Firmezinha,  
Bem sincera e bem bondosa;  
Não é só a linda côr,  
Meu amor,  
Que a faz ser assim mimosa.

Eu aposto ser a côr,  
Meu amor,  
Que mais agrados inspira;  
É por ella que os cantores,  
Trovadores,  
As cordas vibram da lyra.

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

# MODINHAS

---

## A VIRGEM DO MEU AMOR

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Rôxa saudade*

Quando te vejo,  
Mimosa flôr,  
Louco — por ti  
Morro de amor.

Um teu sorriso  
E' meu viver;  
Longe de ti  
Vivo a soffrer.

Tuas madeixas,  
De negra côr,  
Me ateiam n'alma  
Voraz amor.

Olhinhos ternos,  
Tão seductores,  
São pyrilampos  
Por entre as flôres.

Tu és, ó virgem,  
O meu condão;  
Trago-te sempre  
No coração.

Aceita as provas  
Do teu cantor,  
Que só em vêr-te  
Morre de amor.

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

### QUE QUERES MAIS?

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica  
do snr. J. L. de A. Cunha

Que mais desejas?  
Tudo te dei,  
De tudo, em troca  
Nada alcancei.

Dei-te meu peito  
Em pranto e ais;  
Dei-te minh'alma,  
Que queres mais?

Juraste eterna  
Fidelidade:  
Seguiu-se á jura  
A falsidade.

Em toda a parte  
Vejo rivaes;  
A fé perdi-te,  
Não creio mais.

Se não me queres,  
Se não me adoras,  
Quando me queixo  
Que tens, que choras?

Ah! não me prendas  
No pranto teu;  
Não quero um pranto  
Que não é meu.

Mas ah, perdôa...  
Foi illusão;  
Dos meus transportes  
Tem compaixão.

Perdôa! esquece  
O meu rigor;  
Não fere offensa  
Que vem de amor.

---

### QUANDO NO TUMULO

Quando no tumulo  
Dormires um dia  
Da morte o somno,  
Na lousa fria;

Ouvirão meu pó,  
Gemer e carpir,  
Se o nome da bella  
Alguem proferir.

Será indelevel  
A minha ternura;  
Jurei adoral-a  
'Té na sepultura.

Porém se primeiro  
Morreres, Armia,  
Regará meu pranto  
Tua lousa fria.

Se guardas constancia,  
Amor e fé pura,  
Serei sempre teu,  
"Té na sepultura.

Nos rogos e preces,  
Na dôr e gemido,  
De Armia o nome  
Será proferido.

---

### A DESCRENTE

Foi ditosa e feliz minha infancia  
Toda cheia de crença e de amor,  
O porvir qu'eu amava com ancia,  
Que mais tarde devia transpôr.

Quão mentida me foi a esperança!  
Muito cedo perdi a illusão!  
Ai de mim, que inda sendo criança,  
Vi morrer este meu coração!

E morrer sem gozar um instante  
O porvir que no berço sonhei!...  
Inda moça, e do crime distante,  
Bem depressa no crime acordei.

Acordei... quiz voltar... era tarde...  
Já não pude á desgraça fugir!  
Só me resta hoje triste e cobarde,  
O meu negro destino carpir.

Essa crença de amores que eu tive,  
Ai! p'ra sempre, p'ra sempre perdi;  
Em vez d'ella o cynismo revive  
Junto ao fel qu'inda moça bebi.

•  
Que m'importa que nada me reste  
D'essa idade de crença e prazer;  
Que m'importa que o mundo deteste  
Este pranto que a dôr faz verter?...

Que m'importa a indiff'rença do mundo,  
Se p'ra o mundo indiff'rente já sou?...  
De meu crime o remorso profundo  
Já a esperança e a fé me roubou!

Só me resta o socego da campa  
Onde em breve eu irei repousar!  
Esta nodoa, que o crime m'estampa,  
Só co'a morte eu a posso apagar.

*D. Josephina Pitanga.*

---

## RECITATIVOS

---

### SAUDADE

Era mentira quando o seio ardente  
Inda tremente sobre o meu senti!  
Oh! que loucura n'esse vãõ desejo,  
N'aquelle beijo que ao te dar morri!

Lembra-me ainda o clarear da lua  
Quando na tua minha mão tremeu;  
Inda imagino teu vestido aereo  
N'esse mysterio que me enlouqueceu.

Humida nuvem de uma luz saudosa  
A face rosa te cobriu... passou;  
Como de orvalho esse véo nitente  
Que o lyrio algente de pudor curvou.

Oh! que alegrias, nos jardins, nas salas,  
As dôces fallas de te ouvir sonhei!  
Entre as roseiras, do luar queridas,  
Hoje esquecidas a memoria achei.

Ficou-me apenas n'esta curta idade  
Murcha saudade do sonhar fagueiro:  
E' flôr que exprime, quando passas linda,  
A vida finda do amor primeiro.

S. Paulo, 185..

*Conselheiro J. Bonifacio.*

---

## ENLEVO

À meia noite, silenciosa a terra,  
Eu quero a vida reviver contigo;  
Nova existencia de dourado enleio  
De amor ditosa, vem sonhar commigo.

Sobre o meu peito enrubecida, anciosa  
Eu quero vêr-te de meus — ais — rendida,  
De amor captiva, perfumados beijos  
Minh'alma triste colherá na vida.

E tu em gozos de um sentir profundo  
Caricias ternas, meu amor fruindo,  
Sempre a meu lado, divinaes prazeres,  
Celestes sonhos, gozarás sorrindo.

Assim da vida as esmaltadas flôres  
De nossas almas nascerão formosas;  
Aereo mundo habitaremos ambos,  
Amante imperio, que existir de rosas!

E então contigo, em anhelante abraço  
Vendo-te bella, a palpitar tremendo,  
Sobre o teu collo de volupia cheio  
Quero o meu rosto reclinar morrendo.

*F. J. Bettencourt da Silva.*

---

## ROMANCE

## BEM TE VI

Poesia do snr. Bettencourt Sampaio, e musica do snr. E. Alvares Lobo.

Debaixo d'este arvoredó  
Para te olhar me escondi,  
Tu passavas em segredo,  
Cantei baixinho com medo :

*(Imitando o passaro)*

Bem te vi.

Quiz dizer-te, atraz correndo,  
Morro de amores por ti ;  
Mas não sei porque tremendo  
Fiquei parado dizendo :

*(Imitando o passaro)*

Bem te vi.

Junto a fonte crystallina  
Scismando chegaste alli ;  
Sopra a briza a casualina  
Dôce nome Cipladina :

*(Imitando o passaro)*

Bem te vi.

E tu voltaste cantando !  
Que voz tão meiga que ouvi ;  
Fui então te acompanhando,  
Foste andando,

*(Imitando o passaro)*

Bem te vi.

# BARCAROLA

---

## BARCA BELLA

Pescador da barca Bella,  
Onde vaes pescar com ella,  
Que é tão bella,  
Ó pescador?

Não vês que a ultima estrella  
No céo nublado se vela?  
Colhe a vela,  
Ó pescador!

Pescador da barca Bella,  
Inda é tempo, foge d'ella;  
Foge d'ella,  
Ó pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,  
Que perdido é o remo e vela  
Só de vê-la,  
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela  
Que a serêa canta bella,  
Mas cautela,  
Ó pescador!

---

## LUNDÚS.

## CONTIGO SÓ POSSO EU

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú—*Eu posso com mais alguem*

Porque duvidas de mim?  
D'um amor que é todo teu?  
Apre lá, com teus ciumes!  
Contigo só posso eu.

Quem tão pouca confiança  
Na cabeça te metteu?  
Teus amúos não mereço,  
Contigo só posso eu.

Taes duvidas mortificam  
O sincero peito meu;  
Só eu posso supportar-te,  
Contigo só posso eu.

Diz-me pois, meu amuado,  
Esse zelos, quem t'os deu?...  
Taes ciumes são denguices,  
Contigo só posso eu.

Confia, meu bem, em mim,  
N'um peito que é todo teu;  
Amor, ternura e constancia,  
Quem te consagra —sou eu.

*Por uma joven fluminense.*

## LÁ NO LARGO DA SÉ

Lá no largo da Sé Velha  
 'Stá vivo um longo tútú  
 N'uma gaiola de ferro,  
 Chamado surucúcu.

Cobra feroz  
 Que tudo ataca;  
 'Té d'algibeira  
 Tira a pataca.

Bravo! da especulação  
 São progressos da nação.

Elephantes beberrões,  
 Cavallos em rodopios,  
 N'um curro perto d'Ajuda  
 Com macacos e bugios.

Tudo se vê,  
 Misericordia!  
 Só por dinheiro  
 Ha tal mixordia.

Bravo! da especulação — etc.

Garatujas mal cortadas,  
 Cosmoramas triplicados,  
 Fazem vêrmos toda a Europa  
 Por vidrinhos mal pintados.

Roma, Veneza,  
 Londres, Paris,  
 Tudo se chega  
 Ao nosso nariz.

Bravo! da especulação — etc.

Os estrangeiros dão bailes  
 P'ra regalar o Brazil;  
 Mas a rua do Ouvidor  
 E' de dinheiro um funil.

Lindas modinhas  
 Vindas de França,  
 Nossos vintens  
 Lá vão na dança.

Bravo! da especulação — etc.

Agua em pedra vem do norte  
 P'ra sorvetes fabricar;  
 De que nos serve os cobrinhos  
 Sem a gente refrescar?

A pitanguinha  
 Cajú, cajá,  
 Na guela fazem  
 Taratata!

Bravo! da especulação — etc.

*Candido Ignacio da Silva.*

---

## MODINHAS

---

### VIRGEM SANTA

em santa e meiga a quem eu amo  
 do que se ama a vida, a patria, os céos;  
 a que em teu collo eu deite a fronte,  
 na e sonhe com os amores meus.

Assim quero gozar tranquillo somno,  
 Sonhar contigo e te abraçar sonhando;  
 Tuas mãos sentir unidas ás minhas,  
 Um beijo teu, um beijo meu de quando em quando.

Bella virgem de amor, meu sêr conforta,  
 Tu és a flôr que me embriagas com perfume;  
 Quero vêr-me feliz, no céo julgar-me,  
 Ter esperança, ter fé, não mais ciume.

Escuta, ó virgem minha — quando á noite,  
 Nas horas do silencio e do pranto,  
 Surgir a lua clareando os montes,  
 Recorda-te de mim, que te amo tanto.

---

### SICILIANA

Musica de João Baptista Cimbres

Nas horas da tarde rubentes do outono,  
 O dôce susurro da lympha fugaz  
 Desperta em meu peito saudade voraz  
 De quem, bem o sabes, meu anjo — do ti.

Quem sabe se ainda te lembras de mim  
 Que trago indelevel, na mente gravada,  
 A tua imagem de tanto fulgor,  
 Teus olhos brilhantes, a face rosada.

No brilho dos raios do astro da noite,  
 No lindo horisonte em noite estrellada;  
 A luz que scintilla não é comparada  
 Àquella que brilha em teu casto semblante.

Mas ah! que bem penso, é triste pensar!  
Não sei o motivo porque a natureza,  
A tantos encantos, enlevos, belleza,  
Um coração firme deixou de ceder-te.

---

### NASCE RISONHA A AURORA

Poesia de M. P. de Ulhôa Cintra, e musica de Francisco de Salles Couto

Nasce risonha a aurora,  
Para todos ha prazer;  
Só eu triste, desgraçado,  
Vivo sempre a padecer.

Canta o terno passarinho,  
Vejo o campo florescer;  
Para mim não ha ventura,  
Vivo sempre a padecer.

---

### SE A ESPERANÇA JÁ NÃO TENHO

Poesia de M. P. de Ulhôa Cintra, e musica de Francisco de Salles Couto

Se a esperança já não tenho,  
Para que, ó céos, viver?  
Se Lisia de mim s'esquece,  
Meu allivio é só morrer.

Como é cruel  
A sorte dura,  
Que me condemna  
Á sepultura!

O céo castigue  
O teu rigor,  
Já que desprezas  
Meu terno amor.

---

### A VIDA E A MORTE

Olha, Marcia, aquelles campos  
De sepulchros alinhados;  
Alli dormirão bem cedo  
Os meus ossos descarnados.

Suspende o pranto de amor,  
Não chores, prinda querida,  
Porque a morte nos liberta  
Das desgraças d'esta vida.

Qual amamos sobre a terra,  
— Já da vida roto véo —  
Co'o mesmo extremo se póde  
Tambem amar lá no céo.

Suspende o pranto de amor — etc.

*Noronha.*

---

## RECITATIVOS

---

### VENUS

Vem, minha estrella, que te espero ancioso,  
Astro garboso a irradiar no céo;  
Vem, rutilante, a desparzir venturas,  
Lá nas alturas a fulgir sem véo.

Amo-te ao vêr-te, encantadora e bella,  
Ó minha estrella, corpo que seduz;  
Contemplativo olho-te, mimosa,  
Qual mariposa que procura a luz.

Venus esbelta que no espaço infindo,  
De aspecto lindo vens amor saudar;  
Oh! como ao vêr-te tão feliz me sinto,  
Quando presinto tua luz brilhar!

Ignea faisca, que minh'alma inflamma  
Com esta chamma magnetisadora;  
No azul celeste quando te namoro  
De prazer choro, minha seductora.

Tu és a imagem do objecto amado,  
Que captivado tem minh'alma afflicta...  
Parece, ao vêr-te, que a meu seio aperto  
Seu corpo esbelto, de belleza infinita.

Seu lindo rosto, sua tez mimosa,  
Bocca graciosa de um gentil sorrir;  
Negros cabellos, elegante porte,  
Que n'um transporte faz amor sentir.

Terno carinho que de amor captiva,  
Que ao ente priva ao coração da calma;  
Quem póde vê-la sem sentir d'amores  
Suaves dôres que nos pungem n'alma?

*Groseb.*

---

### RECORDAÇÃO

Triste lembrança de um passado ameno,  
Que tão sereno me sorria outr'ora;  
A vida era para mim delicias...  
Essas caricias — almejava agora...

Mas hoje, dura me tem sido a sorte,  
Porém seu norte seguirei ao fim;  
Suspiros tristes, magoados prantos,  
São os encantos de um viver assim.

Se da vida os gozos desfrutar podéra,  
Então quizera te offertar um canto;  
Os tristes ais se tornariam beijos,  
Loucos desejos que almejava tanto.

Não póde o tempo despertar n'est'alma  
A dôce calma de um viver de flôres;  
Não póde o tempo apagar da mente  
Aquelle ente que me deu amores.

Se um dia a vida me offertar venturas,  
Gozos, ternuras, sem cruentas dôres;  
Serei feliz, despertará n'est'alma  
A dôce calma de um viver de amores.

Porém se a sorte não quizer poupar-me,  
E offertar-me em vez de gozos — dôres,  
Co'a fronte baixa, entregarei meus braços  
Aos dôces laços da prisão de amores.

---

## CANÇÃO

---

### O AMOR PERFEITO

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr.  
Raphael Coelho

És um discurso eloquente,  
Mimosa flôr!  
Tu promettes mudamente  
Perfeito amor.

Por ti, sem que ella m'ò diga,  
Deve suppôr  
Que a ter-me sempre se obriga  
Perfeito amor.

Teu nome, que tanto exprime,  
Augmenta o ardor  
Do meu eterno e sublime  
Perfeito amor.

Eu grato e amante te aceito  
Como um penhor  
De que ha por mim em seu peito  
Perfeito amor.

---

## ROMANCES

---

### A FLÔR «SAUDADE»

Poesia do sur. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do sr.  
Raphael Coelho

Saudade, terna saudade,  
Flôr tão triste e tão mimosa;  
Tu és a imagem dest'alma,  
Dest'alma de amor anciosa.

Tua fôrma e côm retratam  
Meu coração magoado;  
Teu nome o affecto exprime  
Em que aqui vivo engolfado.

Linda mão roubou-te o vaso  
Do qual eras ornamento;  
Mas vens morar em meu peito,  
Vens acalmar meu tormento.

O que me dizes tão terna  
É um dôce lenitivo  
Para as ancias de minh'alma,  
Na solidão em que vivo.

---

**EU VI O ANJO DA MORTE**

Poesia do snr. dr. A. J. de Araujo, e musica do snr. Elias Alvares Lobo

Eu vi o anjo da morte  
Ferir minha mãe querida;  
Eu tambem morri com ella,  
Vivia com sua vida.

Vi morrer depois meu filho,  
Metade de meu viver;  
A esposa, uma filha mais,  
Senti-me inteiro morrer.

Não é vida a vida morta,  
Nem a sombra é realidade;  
Busco em vão a minha vida  
Na minha morta metade.

---

**LUNDÚ**

---

**EU POSSO COM MAIS ALGUEM**

É falso, meu bem, quem diz  
Que uma só me quer bem;  
Eu tenho quatro amantes  
E posso com mais alguem.

Tenho uma que me é dôce,  
Tenho outra que me quer bem;  
Eu amo a uma e a outra  
E posso com mais alguem.

Ao templo de amor jurei  
Não amar a mais ninguém;  
Mas o amor a amar me obriga  
E posso com mais alguém.

Se por falso ou inconstante  
Alguma d'ellas me tem,  
Eu as convengo o contrario,  
E posso com mais alguém.

Ellas amam como eu amo  
A mil amantes tambem;  
Ellas dizem como eu digo  
E posso com mais alguém.

---

## MODINHAS

---

### UMA CHAGA ME ABRISTE NO PEITO

Musica de J. S. Arvellos

Uma chaga me abriste no peito  
Que jámais não se póde curar;  
E coitado de mim, sem ventura,  
Sinto a vida querer-se findar.

Foste louca em me dar juramento  
Que jámais tu podias cumprir;  
Foi tormento que tu me engendraste  
Para agora eu viver a carpir.

Eu tão credulo, pensando commigo  
 Que era amado por ti, bella ingrata,  
 Só achei p'ra meu mal um tormento  
 Que enlouquece, que fere, que mata.

### O DESCRIDO

Que m'importam prazeres da terra,  
 D'esses raios o louco furor;  
 Que m'importa o rugir da tormenta,  
 D'essas vagas faiscas de horror?

Que m'importa que o mundo se acabe,  
 Que na terra só eu fique rei;  
 Que m'importa, se o mundo eu detesto,  
 Se desprezo e rancor lhe votei?

Venha embora coriscos e raios  
 Roubar dôce esperança de amor,  
 Que este peito de marmore e gelo  
 Só tem fé no tormento e na dôr.

Tive fé, muita fé, n'esta vida,  
 Crenças mil n'este meu coração; \*  
 Mas qu'importa se seccas, mirrhadas,  
 Eil-as todas përdidas no chão?

Já não tenho uma esp'rança n'est'alma  
 Que o cynismo varou-me de fel;  
 Além sim, que só podem caveiras,  
 N'esta fronte cingir um laurel.

Eia, ávante, meu peito, eia, ávante,  
 Solta um brado de terno estampido;  
 Que soando, soando nos ares,  
 Lá repita bradando — DESCRIDO.

**NOSSA MÃI**

Nossa mãe, dom celeste, precioso,  
 É um anjo piedoso  
 Dos céos á terra mandado  
 Para ter de nós cuidado:  
 Quando a primeira luz  
 Sobre nossos olhos desce,  
 Quem comnosco ri e folga,  
 Quem comnosco se entristece?  
 Nossa mãe!

Nossa mãe boa ou má, sempre nos ama,  
 Traz-nos no seu coração;  
 Não ha amor nem amizade  
 Que iguale á sua afeição:  
 Quando no termo da vida  
 A morte já nos espera  
 Com a sua fouce erguida,  
 Quem por nós morrer quizera?  
 Nossa mãe!

*Francisco Antonio de Carvalho.*

**RECITATIVO****FLÔRES D'ALMA**

As flôres d'alma que se alteiam bellas,  
 Puras, singelas, orvalhadas, vivas,  
 Teem mais aromas, e são mais formosas  
 Que as pobres rosas, n'um jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,  
Lucida chamma, sem ardor que mata;  
Banham-lhe as hastes, retratando as fronte,  
Limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amenidade! nos vergeis suaves,  
Cantam as aves, sem cessar, amores;  
Se ha céo na terra, se ventura ha n'ella,  
D'alma singela se achará nas flôres.

Filhas das crenças, como as crenças puras,  
De mil venturas mensageiras bellas,  
Se o vento um dia lhes soprar e as córte,  
Deus! — dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sósinho,  
Corra o mesquinho, por amor trahido,  
Quando o remorso lhe não turbe a calma,  
Nas flôres d'alma encontrará olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,  
Sem vêr as plagas em que almeja um porto,  
Embora o matem cruciantas dôres,  
D'alma nas flôres achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,  
D'um mundo falso os areaes percorre,  
Quando lhe entregam do martyrio a palma,  
Às flôres d'alma se encommenda, e morre.

---

# BARCAROLA

## A BORDA DO MAR

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr.  
Raphael Coelho

De noite, o véo cinzento  
Envolve a natureza,  
E cobre de tristeza  
O céo, a terra, e o mar.

.....

Ligeira barca ao longe  
Apenas se annuncia  
No trilho de ardentia  
Que deixa em seu passar.

Ouçõ bater o remo  
Monótono e pausado,  
É o canto do coitado  
Que alli vai a remar.

Da briza nas refregas  
Que vem aos meus ouvidos  
Em echos repetidos  
Amor! — ouço exclamar.

.....

E como solitario  
É triste este lamento  
Ao susurrar do vento  
Nas ondas, e ao luar!

E eu, que aqui sósinho  
 Escuto o mesmo canto,  
 Reter não posso o pranto  
 Que sinto borbulhar.

É que essa voz chorosa  
 Que sôa sobre as aguas  
 As minhas proprias maguas  
 Parece relatar.

Como este peito anciado  
 O mesmo affecto exprimo;  
 E gemo, e me lastimo  
 No meu vago scismar.

.....

---

## ROMANCE

---

### A TRISTEZA

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr.  
 Raphael Coelho

Porque o céu de repente  
 Perdeu a sua belleza?  
 D'onde vem esta tristeza  
 Que me envolve o coração?

Como o pano mortuario  
 Que sobre o tumulo s'estende  
 Ou como a nuvem que pende  
 Pejada de atro bulcão;

Eu não sei, oh minha amada,  
Eu não sei porque suspiro;  
Não sei mesmo se deliro  
No meu excessivo amor.

Mas agora estou tão triste  
Como o misero proscripto,  
Duvidoso, incerto e afflicto,  
Do seu destino no horror.

Temendo assim me definho  
Como o arbusto sequioso,  
Exposto ao sol rigoroso  
Que morre sem florescer.

Falla, minha amada, falla!  
De tua voz á magia  
Renasce minha alegria,  
Extingue-se o meu soffrer.

---

## LUNDÚ

---

### ESTES MOCINHOS D'AGORA

Estes mocinhos d'agora  
Já não sabem mais amar;  
Fazem tudo quanto podem  
Para as moças enganar.

Bandoleiros, inconstantes,  
Só querem pagodear;  
Namoram a todas ellas  
Para o seu tempo passar.

Estes mocinhos d'agora  
Só desejam 'specular;  
Procuram só moças ricas  
Para má vida lhes dar.

Estes mocinhos d'agora  
Sentimentos já não tem;  
Fazem mil promessas falsas,  
Dizendo que querem bem.

Estes mocinhos d'agora  
Só nos querem enganar;  
Façamos nós outro tanto,  
Para taboa a todos dar.

Estes mocinhos d'agora  
O seu prazer é mentir;  
Fingem tudo quanto podem  
Para melhor conseguir.

Estes mocinhos d'agora  
A vergonha já perderam;  
Da ronha e da maldade  
Muito succo já beberam.

Estes mocinhos d'agora  
Não merecem compaixão;  
Entes são mui abjectos,  
Devem ir p'ra a correccão.

## MODINHAS

---

### SE DISFARÇO QUANTO SINTO

Se disfarço quanto sinto  
O teu cruel proceder,  
É justo que tu conheças  
Quanto me custa soffrer.

N'alma se accende  
Odio e vinganças;  
Tornam-se amargas  
As esperanças.

N'esta afflicção,  
Nem mesmo amor  
Dá lenitivo  
Á minha dôr.

Mas se conheces  
O que é paixão,  
Não mais afflijas  
Meu coração.

Foste perjura,  
Foste cruel;  
Quebraste a jura,  
Foste infiel.

---

## PORQUE SOU TRISTE

(NOVA MODINHA)

para ser cantada na musica da modinha — *Quando eu morrer ninguem chore a minha morte*

Oh! queres tu saber porque sou triste,  
Porque vivo em constante soluçar!?  
É porque na minh'alma um sentimento  
Na desgraça cruel faz-me pensar.

É porque n'esta vida o desengano  
De tudo quanto existe, em mim pousou;  
E a descrença gelada e positiva  
Negro leito em minh'alma já formou.

Dirás tu que sou moço e que é fingido  
O tetrico suspiro que assim dou?  
É que onde um coração bate com vida,  
A descrença nem sequer jámais passou.

Ah! como és illudida... o meu peito  
Ao do velho se assemelha, está rugoso;  
E de moço as minhas faces desbotadas  
Não sentem da mocidade o dôce gozo.

O que póde esperar um pobre orphão  
Que as delicias de uma mãe cedo perdeu?  
E que os prazeres do mundo, n'um só dia  
Para sempre em seu peito elle escondeu?!

Escuta... que me importa de quem goza  
Do mundo mil prazeres com riqueza?  
Não invejo essa sorte ficticia,  
Pois encontro mais prazeres na tristeza.

*Adeodato Socrates de Mello.*

## ACABOU-SE A MINHA CRENÇA

Acabou-se a minha crença,  
Sem crença devo morrer;  
Quando deixei de crêr n'ella,  
Em quem mais poderei crêr?

Onde a verdade  
Póde fulgir,  
Se até um anjo  
Sabe mentir?

Como um anjo me fallou,  
Como um anjo me sorriu;  
Como um anjo me jurou,  
Quebrou a jura, mentiu.

Onde a verdade  
Póde fulgir? — etc.

No olhar e nas palavras,  
Onde a innocencia respira,  
Em tudo — que diz verdade,  
Só eu encontrei mentira.

Onde a verdade  
Póde fulgir? — etc.

## RECITATIVO

---

### ESCUta, VIRGEM!

Anjo d'encantos, porqu'és muda e triste?  
Acaso existe em teu peito — dôr?  
Porque teu rosto, tão risonho outr'ora,  
Se mostra agora de marmorea côr?

Dize, meu anjo, porqu'és triste assim?  
Porque ao jasmim subtrahiste a côr?  
Dize, meu anjo — o teu peito inflamma  
Celeste chamma appellidada — amor?

És qual criança que nascida ha pouco,  
Do mundo louco desconhece as fallas...  
Ai não te deixes enlevar por cantos,  
Nem por encantos de apparentes galas.

Lembra-te sempre que a pureza é flôr,  
De tanto odôr e perfeição dotada,  
Que mão impura se a tocar de leve,  
Eil-a mui breve para o chão tombada.

Ama, donzella, com amor immenso,  
Ardente, intenso, — a tua mãi querida;  
Entre teus braços com amor a aperta,  
— Sublime offerta p'ra quem deu-te a vida.

Irmã dos anjos, tu o és, donzella,  
Nivea capella te engrinalda a frente;  
Ainda ha pouco eu te vi no templo  
Dando um exemplo de uma fé fervente.

Deixa que o bardo, em cujo peito triste,  
 Sómente existem cruciantes dôres;  
 Fraco conselho te offereça, virgem,  
 —Louca vertigem de um scismar de amores.

Esquece tudo, p'ra adorar sómente  
 Áquelle ente que te deu a vida;  
 Quando o mau fado te offertar seus laços,  
 Lança-te aos braços de tua mãe querida!

*Gualberto Peçanha.*

---

## CANÇÃO

---

### O ESCRAVO

N'uma alta e frondosa  
 Brazilea floresta,  
 Que o sol açoutava  
 Em calida sésta;

Ao som compassado  
 Da fouce pesada  
 Que os troncos derruba,  
 Prepara a *queimada*;

Com voz rude e triste  
 Que ao longe echoava,  
 Um pobre captivo  
 Taes queixas soltava:

« Em simples palhoça  
Eu livre nasci,  
Mas preso e *vendido*  
Captivo me vi.

O filho, a mulher,  
Forçado deixei,  
A pobre familia  
Não mais avistei.

São livres os *brancos*,  
Não soffrem rigor;  
Mas, eu por ser negro,  
Eu tenho— um *senhor*.

Com elles nem devo  
Co'as dôres chorar;  
Mas devo, soffrendo,  
Chorando cantar.

A dôr, o prazer  
Em mim crimes são;  
Castigos por isso  
No corpo me dão.

À chuva e ao sol  
Sempre a trabalhar,  
De pouco descanso  
Eu posso gozar.

Os fructos da terra  
Que cavo a suar,  
Não são p'ra meus filhos  
Que vejo penar.

O ouro que ganho  
Me não faz ser rico,  
Por muito que dê,  
Eu forro não fico.

O mesmo sustento  
Que dão-me, grosseiro,  
Me dão porque temem  
Perder *seu dinheiro*.

De um tal captiveiro  
Soffrendo os rigores,  
Minha mocidade  
Gastou-se entre dôres.

Ao peso dos annos  
Já hoje curvado,  
P'ra todo o serviço  
Sou inda chamado.

Ao *branco*, se é velho,  
Teem todos respeito;  
Eu inda ao *chicote*  
Vivo hoje sujeito!

De que serve a vida  
A quem, como eu,  
Sem ter liberdade  
Já tudo perdeu?

Só uma esperança  
Eu sempre hei-de ter:  
Morrendo, outra vez  
Eu livre hei-de ser.

Meu bom Pai do céo,  
 Ah! tende clemencia!  
 Ouvi minhas vozes,  
 Findai-me a existencia!»

Aqui o captivo  
 Cançado parou,  
 E co'a mão callosa  
 O pranto enxugou.

E o echo passado,  
 Que a voz repetia,  
 — *Findai-me a existencia!*  
 Ao longe dizia.

*Pires Ferrão.*

---

## LUNDÚS

---

### A CLARA

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú — *Mulatinha do caroço*

Todos fallam com paixão,  
 E teem razão,  
 Da morena e linda côr;  
 Mas tambem a côr que é clara  
 Não é rara,  
 Tem encantos, tem amor.

A que é clara e bem rosada,  
    Idolatrada,  
Tem denguiços... tem carinhos;  
Seus encantos sempre exaltam,  
    Arrebatam  
Seus feitiços mimosinhos.

Eu por ella dou a vida  
    Tão querida,  
Meu amor, meu coração;  
A que é clara e tão mimosa,  
    Melindrosa,  
Faz-me perder a razão!

Linda côr de casta alvura,  
    Que tão pura,  
Tem dos anjos semelhança;  
Se as faces lhe cobre o pejo,  
    Que desejo  
Alimenta minha esp'rança!

A que é clara e bonitinha,  
    Jovenzinha,  
Tem de archanjo a perfeição;  
A morena não é tanto,  
    No encanto,  
Cá na minha opinião.

Mas se acaso eu m'enganei  
    Ou errei  
No que digo com razão,  
Moças claras e morenas,  
    Sempre amenas...  
A vós eu peço perdão.

## YÁYÁZINHA VOSSÊ MESMO

Yáyázinha vossê mesmo  
Foi a causa de meu mal,  
Nunca pensei que vossê  
Me fizesse cousa tal.  
(*Arranjou bem o seu papel*).

Sempre é moça!  
Renego eu d'ella!  
Com taes sujeitas  
Muita cautela.

Todo o tempo m'enganou,  
Fez de mim seu bôbosinho;  
Quando me via chorar  
Me dizia: Coitadinho!  
(*Que cabecinha tão leve!*)

Sempre é moça!  
Renego eu d'ella!  
Com taes sujeitas  
Muita cautela.

Que me amava com ternura,  
Trinta vezes me jurou;  
Quando me quiz ser ingrata,  
De uma só tudo negou.  
(*D'onde não s'espera, d'ahi é que vem*).

Sempre é moça!  
Renego eu d'ella!  
Com taes sujeitas  
Muita cautela.

---

## MODINHAS

---

### ADEUS, LYRA MALFADADA

N'estes troncos pendurada  
Ficará a minha lyra,  
Té que o vento as cordas fira,  
Te faça lembrar — amor.

Adeus, lyra  
Malfadada,  
Consagrada  
A meu — amor.

Leões, tigres e rochedos  
Tens movido com ternura;  
Mas de Lilia sempre dura  
Tu não moves o rigor.

Adeus, lyra  
Malfadada,  
Consagrada  
A meu — amor.

Vai, ó Lilia, d'este mundo,  
Vai viver na solidão;  
Lá mesmo receberás  
A minha triste canção.

Adeus, lyra  
Malfadada,  
Consummai  
Esta paixão.

## O TEU AMOR, PURA VIRGEM

O teu amor, pura virgem,  
Muito me faz padecer;  
Mas eu deixar de te amar,  
Isso não, não póde ser.

O nobre porque é rico,  
Me comprar não tem poder;  
Mas separar-me de ti,  
Isso sim, sim póde ser.

Póde o céo baixar á terra,  
E a terra em fogo arder;  
Mas eu deixar de te amar,  
Isso não, não póde ser.

Chovam raios e coriscos,  
A terra fique a tremer;  
Para te vêr em meus braços,  
Isso sim, sim póde ser.

Eu quero estar a teu lado  
Para contente viver;  
Mas vêr-te nos braços d'outro,  
Isso não, não póde ser.

Fiel ao meu juramento,  
Nunca me hei-de esquecer;  
Mas tu quebrares o teu,  
Isso sim, sim póde ser.

---

### N'ESTAS PRAIAS DE LIMPIDAS ARÊAS

N'estas praias de limpidas arêas  
Prateadas á noite pela lua,  
Passo as horas, scismando nos amores  
Que perdido bebi na imagem tua.

Quando o sol pelos montes declinando  
Vai ao mar sepultar os seus ardores,  
Uma lagrima me rola pelas faces,  
Recordando sósinho esses amores.

Ó campinas! ó praias seductoras!  
Ó montanhas! ó valles de saudade!  
Meus segredos guardai em vossos peitos  
D'esses tempos de tanta f'licidade!

Do recinto não passe d'esses mares  
Os votos que a ella dediquei;  
Guardem praias, campinas e montanhas  
Quantos ais e suspiros lhe enviei.

---

### PRAZERES QUE EU NÃO SONHAVA

Prazeres que eu não sonhava  
Teu amor me fez gozar;  
Bella Armia, tu não queiras  
A minha vida acabar.

Careço de ti, meu anjo,  
Careço do teu amor,  
Como uma gota de orvalho  
Carece do prado a flôr.

## EU SOFFRO ANGUSTIAS ME SUFFOCAR

Eu soffro angustias  
Me suffocar,  
Meu lenitivo  
É só chorar.

Eia, choremos,  
Comece o canto;  
Tambem cantando  
Se verte o pranto.

O pranto ás vezes  
É briza d'alma  
Que a dôr mitiga  
E o pranto acalma.

Então o canto  
Nos céos se isola;  
Penetra os ares  
E Deus consola.

O canto é prece  
Que vâa a Deus,  
Se o triste canta  
Os males seus.

Em cada nota  
Que o canto diz,  
A dôr traduz-se  
Do infeliz.

Depois que a ingrata  
Feriu-me tanto,  
Que de mim fôra  
Sem este canto;

Talvez as dôres  
Fossem mortaes,  
Se as não curasse  
Com estes ais.

---

## RECITATIVO

---

### ELISA

Poesia do snr. Bulhão Pato, e musica do snr. Furtado Coelho

Era no outono, quando a imagem tua  
Á luz da lua, seductora, vi;  
Lembras-te ainda d'essa noite, Elisa?  
Que dôce briza suspirava alli!...

Toda de branco, em tua frente bella  
Rosa singela se enlaçava então;  
Vi-te, e perdido de te vêr, buscava  
Se me apartava da gentil visão.

Oh! que era embalde! quanto mais te via,  
Mais me perdia delirante amor!  
Magicas fallas proferiste incerta,  
Toda coberta d'infantil rubôr.

Tremulo, ancioso, quiz pedir-te um beijo,  
Louco desejo, que fugir-te vi...  
Viste-me triste, para mim voltaste,  
Não me fallaste, mas eu bem ouvi.

Tibia, arroubada de perfume, a briza,  
Lembras-te, Elisa, suspirava então...  
Tu nos meus braços reclinaste a frente,  
E meigamente me disseste — não!...

---

## ROMANCE

---

### OS OLHOS DE URANIA

Poesia do snr. dr. D. J. G. de Magalhães, e musica  
do snr. Raphael Coelho

Gosto de vêr os teus olhos  
Quando pareces pensar;  
Meio-abertos, assombrados,  
Sem muita luz derramar.

Gosto de vêl-os radiantes,  
Espargindo almo fulgor;  
E nos peitos embebendo  
Alegria, vida e amor.

Tambem gosto quando exprimem  
A ternura, a compaixão;  
E qualquer ligeiro affecto  
De innocente coração.

Mas quando os volves furtivos  
Para mim, e após aos céos;  
Então é que nada ignora  
As graças dos olhos teus.

Então é que mesmo os anjos  
Não teem uns olhos iguaes;  
Quando assim de amor se inundam,  
Então é que gosto mais.

---

## LUNDÚ

---

### DO BRAZIL A MULATINHA

Do Brazil a mulatinha  
É do céo dôce maná;  
Adocicada frutinha,  
Saboroso cambucá.

É quitute appetitoso,  
É melhor que vatapá;  
É nectar delicioso,  
E boa como não ha.

É manjar bem delicado,  
É melado com cará;  
Agradavel bom bocado,  
Gostoso maracujá.

É cajú assucarado,  
E tem de manga o sabôr;  
É quibêbe apimentado  
Pelas mãosinhas de amor.

É dôce licôr de rosa,  
É melhor do que melado;  
Delicada e melindrosa,  
Vinho velho engarrafado.

É manguinha da Bahia,  
E doce favo de mel;  
Não é clara como o dia,  
Nem alva como o papel.

A mulatinha mimosa,  
(Fios d'ovos com canella)  
É morena côr de rosa,  
Tem uma côr muito bella.

É faceira, tem candura,  
Tem do côco o paladar;  
Tem meiguice, tem ternura,  
Tem quindins de enfeitçar.

Quando, leitor, vejo ella  
Tão terna, tão moreninha,  
Logo exclamo: Como é bella  
Do Brazil a mulatinha!

Os olhos sabe volver,  
Tambem sabe namorar;  
Oh! quem me dera poder  
Junto d'ella sempre estar!

---

## MODINHAS

---

### FOI CRUEL O MEU DESTINO

Foi cruel o meu destino,  
Foi sonho minha ventura;  
Nada penhora a uma ingrata,  
Só me resta a sepultura.

Já fui amante mui terno,  
E querido como doçura;  
Hoje só tenho tormentos,  
Só me resta a sepultura.

Por vêr negra ingratição,  
Não ha igual desventura;  
De tão crú e fero golpe,  
Só me resta a sepultura.

---

### A FLÔR DO MEU CULTO

A flôr do meu culto,  
A rosa que ha pouco  
Tão cheia de encantos  
Se via ostentar;  
De chofre o tufão  
Levou-a nas azas,  
As pet'las voaram,  
Dispersas no ar.

Que flôr é aquella?  
Que triste coitada!  
O crepe de luto  
Parece vestir;  
È flôr de saudade,  
Que ausente da rosa  
Commigo chorosa,  
Parece sentir.

Vem, flôr de minh'alma,  
Unir-te ao meu seio,  
Pois quero contigo  
Meu pranto verter;

O meu coração  
Partido ficou,  
As harpas não podem,  
Não podem gemer.

---

### ANJO DO CÉO, TU ME MATAS

N'esse teu rosto onde acatas  
O pundonor e o riso,  
Onde mil graças diviso,  
Anjo do céu, tu me matas;  
Meu peito tudo dilata  
No mais completo prazer;  
Quizera, meu anjo, ser  
O teu bem idolatrado;  
Com ternuras e agrados,  
Tu me matas sem querer.

Se voves um riso a mim,  
Oh! que dita, oh! que ventura!  
Se me adoras, virgem pura,  
De teus labios quero um *sim*:  
Mais leve, côr de carmim  
Faz teu rosto enrubecer;  
Nada tenhas a temer  
Em me fallar a verdade,  
P'ra minha felicidade  
Quero um — *sim* — depois morrer.

---

**NOVOS ARES, NOVOS CLIMAS IREI LONGE RESPIRAR**

Novos ares, novos climas  
Irei longe respirar,  
Lá mesmo serei ditoso  
Se meu bem nunca mudar.

Esses mares solitarios  
Vou chorando transitar,  
Mas depois vêr-me-hão alegre  
Se meu bem nunca mudar.

---

**RECITATIVOS**

---

**SEGREDO**

Quando eu ás vezes teu olhar surpr'endo  
Languido e terno sobre mim pairar,  
Em cada golpe d'este olhar compr'endo  
O que me queres talvez perguntar.

E sempre finjo que ignoro tudo!  
Que nem sei mesmo quem tu és, quem sou;  
E me conservo indifferente e mudo  
Como criança que a visão pasmou.

Talvez tu penses que evitar pretendo  
Essas promessas de um amor por vir,  
Perdôa á folha que arrebata-a o vento,  
Ella não sabe aonde vai cahir.

Queres ouvir-me que a razão me ensina  
A que me faça indifferente assim;  
E que não quero me curvar á sina  
Má, que do berço se engraçou de mim.

Não devo rir-me quando sinto dôres  
Nem illudir-me de esperanças mais;  
Minha alma esvai-se, como murcham flôres,  
Gemendo agora seus doridos ais.

Perdôa, virgem, esse modo ousado,  
Por que eu evito teu ingenuo amor,  
Eu cumpro apenas um dever sagrado,  
Fugindo aos gozos p'ra viver na dôr.

Tu és estrella, no fulgor princeza,  
Que a terra inundas de tão meiga luz;  
Eu sou o cyrio que só diz tristeza  
Quando alumia mortuaria cruz.

Tu és rainha, e de teu throno as galas  
Eu não podera contemplar sem medo,  
De longe escuto tuas meigas fallas,  
E se tal faço é por ser meu segredo.

Oh! se te amo! com amor tão santo,  
Que não pudera-te dizer jámais!  
Porém se fujo de tamanho encanto  
E que receio que o contar queiraes.

E sabe agora que esse amor de louco  
Que por ti nutro n'um fatal segredo,  
Eu acho ainda para ti mui pouco,  
Mas não o reveles porque tenho medo.

*Dr. Climaco A. B. Oliveira.*

## A CAPELLA DA VIRGEM

Que é feito das flôres da branca capella  
Que ornava-te, oh bella, da frente a pureza?  
Que é feito do riso com que descuidosa,  
Fruias gostosa — tão meiga belleza?

Que é feito das côres que o lyrio invejava,  
Que a rosa almejava — tambem possuir?  
Que é feito da paz que morava em teu peito,  
Jámais contrafeito — a pensar no porvir?

Que é feito dos brincos com qu'inda innocente  
Gozavas contente — dos annos a flôr?  
Que é feito do fogo dos olhos galantes,  
Tão negros, brilhantes, tão cheios de amor?

Que é feito da graça com que tão faceira,  
Qual corça ligeira — no prado saltavas?  
Que é feito dos cantos de dôce magia,  
De tanta harmonia — que alegre soltavas?

Ai triste! — que é feito de todo o passado,  
Tão bello, dourado — tão cheio de flôres?  
Ai! triste! trocaste-o, com tua imprudencia,  
Por triste existencia, tão cheia de dôres!...

A branca capella jaz murcha — esfolhada,  
Por terra lançada — p'ra mais não s'erguer;  
Ai, triste! sem ella que vale o ser bella?  
Sem branca capella — que vale o viver?

*S. G. Sousa.*

## ROMANCE

## OS OLHOS CHOROSOS

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica  
do snr. Raphael Coelho

Porque choraes, tristes olhos,  
Tão cançados de chorar?  
Quem vosso pranto motiva,  
Ah! não os ha-de enxugar.

Em vão lagrimas de sangue,  
Nascidas do coração,  
Mostrassem sobre o meu rosto  
A minha interna afflicção.

Suspendei amargo pranto,  
Suspendei, que a vossa dôr  
Não póde n'um peito frio  
Inspirar paixão e amor.

Mas se um destino de ferro  
Vos obriga que choreis,  
Então chorai, tristes olhos,  
Até que em fim estaleis.

## LUNDÚ

## QUANDO EU ERA CRIANCINHA

Quando eu era criancinha  
    Engraçadinha,  
Moças bellas me adoravam;  
Me beijavam dôcemente,  
    E tão contente,  
Só de amor a mim fallavam.

Hoje eu vivo desprezado,  
    Isolado;  
Sem beijinhos, sem doçura,  
Já não tenho mais prazer,  
    Que viver!...  
Mudou tudo de figura.

Se no berço em que eu chorava  
    Me embalava  
D'amor a sorte clemente,  
Hoje tudo mudo e triste,  
    Só resiste  
Ao negro fado imponente.

Já não sou mais criancinha  
    Innocentinha,  
Já não tenho mais candura;  
Já não tenho mais carinhos,  
    Nem beijinhos,  
Mudou tudo a desventura!

*Adeodato Socrates de Mello.*

## MODINHAS

---

### AMOR DE MÃI

Quão ephemeros que são  
Os gozos da nossa vida!...  
Quão trabalhosos e tristes  
Os dias de tanta lida!

Custa muito a supportar  
Tantos vaivens d'este mundo,  
Tanta esperança perdida,  
Tanto dissabor profundo!

A saudade é sobre tudo  
Martyrio do coração,  
Quando soffremos d'um filho  
Eterna separação!...

*D. A. Rosinha de S. (Portuense).*

---

### LAGRIMAS DA DÔR

Para ser cantada com o tom da modinha — *Quando o céu dá  
em teus labios*

Quando em torno aos olhos meus  
Virem nodoas azuladas,  
— São as lagrimas da dôr  
Ao infeliz offertadas.

Perdi o viço dos annos  
N'aurora da mocidade;  
Hoje só trago no peito  
Grata lembrança e saudade.

Quando virem eu verter  
Um pranto que não tem fim,  
Não zombem, por piedade,  
Tenham compaixão de mim.

Perdi o viço dos annos — etc.

Perdi meu guia da vida,  
Vivo no mundo isolado,  
Qual baixel singrando á tóa,  
À mercê do vento irado.

Perdi o viço dos annos — etc.

Só terá fim minha dôr,  
Só findará a saudade  
Quando eu, junto ao meu guia,  
Habitar na eternidade.

Lá então serei ditoso...  
Findará minha agonia,  
Junto áquella, que no mundo,  
Me serviu de firme guia.

*Gualberto Peçanha.*

---

## EU AMEI UMA INCONSTANTE

Eu amei uma inconstante  
Que foi ingrata e perjura;  
Trocou os dias ditosos  
Só por dias de amargura;  
Eis pois como ella pagou  
Minha tão grande ternura!

Mas inda um dia virá  
Que o inferno, devorando  
Monstro tal de ingratição,  
Seus crimes irá pagando.

Seu prazer é só lograr,  
Ser ingrata, ser perjura;  
Maltratar com seus ciumes,  
Cavar fundo a sepultura;  
Abusar da sympathy,  
Dôces mimos de ternura!

Mas inda um dia virá— etc.

Quando, em fim, de ti gostei,  
Que eras assim não sabia;  
Monstro tal de ingratição,  
Symbolo da tyrannia;  
Eis pois como ella pagou  
Tão sincera sympathy!

Mas inda um dia virá— etc.

---

## RECITATIVO

## UM NAMORADO DA ÉPOCA

Passeia á tarde, quando o sol é posto,  
P'ra vêr seu resto, mendigar-lhe um riso;  
Porém, se avista a seu lado, o *velho*,  
Fica vermelho—quasi perde o siso!

Volta a esquina, fuma seu charuto,  
Qual o matuto que á cidade vem!  
Ahi espera por algum escripto,  
E fica afflicto se não vem ninguem.

Mira-se todo—limpa seu calçado—  
Que já rasgado, tinha posto ao lado;  
Mesmo os tacões elle não dispensa...  
Sómente pensa em fazer-se amado!

Expõe-se á chuva, se expõe á lama,  
P'ra ter a fama de a conquistar!  
Mas se reflecte, marcha direitinho,  
— Mui caladinho—para o Alcazar.

Ahi disfarça da paixão as mágoas,  
Com certas *aguas* de diversas côres;  
Bebe cognac—capilé composto—  
Tudo por gosto d'esquecer amores!

E quando acaba de uma tal folia,  
De *poesia* se lh'escalda a mente...  
Caminha, acceso qual ardente braza,  
E chega a casa por demais contente!

R. F. d'Almeida.

# LUNDÚ

---

## A VIDA DO FRADE

Tristè vida é a do frade,  
Inda peor que a da freira,  
Andar de noite á carreira,  
Na penitencia.

É preciso paciência  
Com nosso noviciado;  
Andar um anno encerrado,  
Eu não sabia.

Eu bem disse — não queria  
Ser frade n'este convento —  
Porque tão grande tormento  
Exp'rimentei.

Á força eu professei,  
Por meu pai assim querer,  
Sou defunto sem morrer,  
Amortalhado.

Vivo n'um fogo abrazado  
Com este burel vestido,  
Quando me vejo despido  
Estou contente.

Quando me vejo doente,  
Deitado na enfermária,  
É quando tenho alegria  
Pelo descanso.

Se alguma licença alcanço  
De meus paes ir visitar,  
Se vão outros passear,  
Eu também vou.

Assim que o canto voltou...  
O meu leal companheiro  
Procura a rua — primeiro  
De seus amores.

Se é doente, não tem dôres  
Porque solto assim se vê;  
Inda que a gota lhe dê,  
Não é tão forte.

Cuido ir buscar a morte  
Quando subo esta ladeira;  
Eu desço-a toda á carreira,  
A toda a pressa.

De missas uma remessa  
O guardião sempre tem;  
Ganhar um frade um vintem,  
Ora... essa é boa!...

Se morre alguma pessoa  
Que officio vamos rezar,  
Todos juntos a cantar  
Eu quero vê-la.

De noite á porta da cella  
Certas matracas tocando,  
Vamo-nos já levantando  
Orar p'ra o côro.

Eu com isso quasi morro,  
Às vezes *somnambulando*;  
Se estou sonhando ou dormindo,  
Tambem não sei.

Acordado dormirei...  
Toca o officio d'agonia,  
Vamos para a enfermaria  
Versos cantar.

O frade, perto, a expirar,  
Sem acabar de morrer;  
Quando o dia amanhecer  
'Stá estendido.

Já morreu arrependido  
O nosso frade doente,  
Ponha-se isso bem patente  
Que officio temos.

Graças a Deus já rezemos,  
Toca o sino — a refeitório,  
P'ra tomar um vomitorio  
De arroz cozido.

Se algum meu conhecido  
Frade quizer-se metter,  
Antes se exponha a morrer  
Do que ser frade.

\*

Do mesmo se queixa a madre  
Por não acompanhar o frade...  
Por não ter mais liberdade...  
E nada mais.

---

### AO PARAGUAY

Brilha a estrella tão formosa,  
Luminosa,  
Do Brazil grande poder;  
Eia! bravos, com valor,  
Sem terror,  
Mas ás armas sem temer!

De Lopez e a sua gente,  
Que valente  
Quer a custo a nós vencer,  
Não temaes, oh brazileiros  
Verdadeiros;  
A gloria nossa ha-de ser!

O Brazil jámais da guerra  
Não se aterra,  
Tem valor e tem nobreza;  
É muralha rija e forte,  
Quem á morte  
Se arroja com gran firmeza!

De Santo Borja expulsai-os,  
Mergulhai-os  
Em sangue, tão vis tyrannos,  
Que só sabem affrontar  
E desgraçar,  
Dar a morte, causar damnos!

Nosso pai tão carinhoso  
E amoroso,  
Nossos mares já sulcou,  
Sua coragem e amor,  
Com ardor  
Nossos brios avivou!

*Augusto Eugenio da Silva Santiago.*

---

## MODINHAS

---

### DÁ-ME UM BEIJO

Poesia do dr. Laurindo, e musica de A. Cunha

Se me adoras, e me queres,  
Como dizes com ardor,  
Dá-me um beijo tão sómente  
Em prova do teu amor...

A paixão em que me abrazo,  
Dilacera o peito meu;  
Dá-me prazer, dá-me vida,  
Dá-me, dá-me um beijo teu.

Amor anima e accende  
Em chammas, do céu nascidas,  
Dous corações n'um abraço,  
Em um beijo duas vidas.

Uma vida que me falta...  
A metade do meu sêr,  
Quero um beijo amoroso  
Dos teus labios receber.

---

### ESCUA, DONZELLA

Poesia de H. Machado, musica de Virgilio

Escuta, donzella, escuta  
O meu continuo penar;  
Ausente de ti... distante,  
Passo a vida a suspirar.

Ao vêr-te logo jurei  
Ser sómente teu amante;  
Dar-te-hei a propria vida  
Se tu me fôres constante.

Porém a sorte infiel  
Quiz de ti me separar,  
Mas não póde de meu peito  
Tua lembrança riscar!

Trago gravado na mente  
O teu mimoso semblante,  
E jámais te esquecerei  
Se tu me fôres constante.

Escuta, donzella, escuta  
Do bardo triste cantar,  
Até que a morte dê fim  
Ao meu continuo penar!

N'este retiro em que vivo,  
Bem longe de ti distante,  
Juro amar-te até morrer  
Se tu me fôres constante.

### DORME, DORME, Ó MORENA

Dorme, dorme, ó morena,  
O somno da eternidade,  
Que só deixaste ao esposo  
A triste flôr da saudáde.

Roubou-me a parca tyranna  
O meu mais caro penhor;  
Com elle a flôr dos meus dias,  
Minha vida, meu amor.

Que sorte desventurada  
Traz meu pranto em amargura!  
Dorme, dorme ó morena,  
Lá na fria sepultura.

Se tu meu pranto escutares,  
Envolto com o meu soffrer  
Passarei contente a vida,  
Até findar meu viver.

Se os meus lamentos ouvires,  
Repassados de ternura...  
Dorme, dorme, ó morena,  
Lá na fria sepultura.

Adeus, ó bella morena,  
Descançada d'este mundo;  
Fico só em cruel lucta,  
Com este ardor tão profundo.

---

### O CEGO

Pensam que vejo e não vejo,  
Não vejo, que cego estou;  
De que me servem os olhos  
Se a minha luz se apagou?

Ah! não deixes que eu me perca  
N'esta immensa escuridão;  
Oh anjo que me cegaste,  
Vem ao menos dar-me a mão!

Deixe passar o mendigo  
Quem a vista não perdeu;  
Só me póde dar esmolas  
Quem fôr cego como eu.

Ah! não deixes — etc.

Ao avistar-te, meu anjo,  
A luz divina senti;  
Mas ao perder-te de vista,  
A minha vista perdi.

Ah! não deixes — etc.

Se eu cahir, dá-me teus braços,  
Dá-m'os, pelo amor de Deus;  
Talvez que receba a vista  
Cahido nos braços teus!

Ah! não deixes — etc.

---

### LILIA BELLA, O TRISTE PRANTO

Lilia bella, o triste pranto  
Que me fizeste verter,  
É cruel sómente a causa  
Do teu falso proceder.

Vinde, ó furias do Averno,  
Depressa me ajudar;  
Hoje sómente procuro  
D'essa ingrata me vingar.

Não é bem que um peito fira  
Quem desconhece o amor,  
Zombando da cruel sorte  
Do meu peito abrazador.

Morra essa ingrata,  
Essa tyranna  
Que entre nós vive,  
Em fórma humana.

Morra a perjura,  
Já que assim quer;  
Como não ama,  
Não é mulher.

---

## RECITATIVOS

---

### QUERO FUGIR-TE

Quero fugir-te, mas não posso, virgem,  
Pois sou captivo de um poder sublime;  
Quero fugir-te, mas fatal vertigem  
Me dobra o corpo, como a briza o vime.

Do Eden de amor és meu vedado pomo,  
Ninguem no mundo minha dôr compr'ende!  
Quero fugir-te, quero, sim, mas como,  
Se um teu sorriso me seduz, me prende?

Para enganar-me digo muitas vezes  
Que és má, que és feia, que é loucura amar-te;  
Então deliro, bebo até ás fezes  
A taça amarga que o soffrer reparte.

Quero fugir-te, na floresta vago,  
Colho uma rosa, teu retrato é ella;  
Contemplo o céo, e lá teu rosto mago  
Inda admiro em cada nivea estrella.

Se mais te fujo, mais a ti me prendo,  
Não acho ausencia que de ti me ausente;  
Se os olhos gozam quando te estou vendo,  
Em te não vendo gozo-te na mente!

Tu és o iman que me attrahes a vida,  
Qual mariposa em teu olhar me abraço;  
Quero fugir-te, que imponente lida!  
Da minha sombra fugir posso acaso!?

Fugir não posso; não se foge á sina,  
Não foge o corpo quando é presa a idéa;  
Sou teu escravo; sobre mim domina,  
Eis os meus pulsos, lança-me a cadêa!

## ROMANCE

### A DESPEDIDA

Poesia de Bettencourt Sampaio, e musica de E. A. Lobo

Adeus, terra dos amores,  
Paulicea, adeus, adeus;  
Da saudade acerbos dôres  
Não findarão dias meus.

E tu, virgem peregrina,  
Anjo do céu que adorei;  
Quem sabe, terna Angelina,  
Se algum dia te verei!

N'este estado de incerteza,  
Que magoa sinto de amor!  
Até mesmo a natureza  
Parece chorar de dôr!

Ah! que saudade  
Na solidão!  
N'este meu canto  
Deixo alma e pranto  
E coração.

Felicidade, felicidade,  
 A ti, aos teus;  
 Anjo dos céos,  
 Adeus, adeus.

---

## LUNDÚ

---

### MENINA, PORQUE RAZÃO

Menina, porque razão  
 Passo, e foge da janella?  
 — É porque vou á cozinha  
 Botar fogo na panella.

Castiga, castiga,  
 Seu bem aqui está;  
 Quem d'elle não gosta,  
 De quem gostará?

Menina, porque motivo  
 Quando eu passo não diz — entre?  
 — Ora senhor, vá andando,  
 De compostas 'stou sciente.

Castiga — etc.

Não fujas, que eu não sou bicho,  
 Eu sou creatura humana;  
 — Ora senhor, vá andando,  
 Com compostas não me engana.

Castiga — etc.

Menina, esses seus dentinhos  
É que me faz repellir;  
— Ora senhor, vá andando,  
Por Deus, não me faça rir.

Castiga — etc.

---

## MODINHAS

---

### DEIXEI CABANAS

Deixei cabanas,  
Deixei meus gados  
P'ra vêr Analia  
Dos meus cuidados.

Eis a fortuna  
Que eu tenho achado:  
Amar constante,  
Sem ser amado,

Amar constante  
Sem ser amado,  
Por outro amante  
Ser desprezado.

Um infeliz  
Deve morrer  
Para uma ingrata  
Nunca mais vêr.

Eu vi Analia  
Não sei aonde,  
Chamo por ella,  
Não me responde.

Ah! vem, Analia,  
Entra em meu peito,  
Vem vêr o estrago  
Que me tens feito.

---

### OS CIUMES

Por outros labios passados  
Não posso seu nome ouvir;  
De todos tenho ciumes  
Quando te vejo sorrir.

Tenho ciumes das fôres  
Que a teus pés vejo abrir,

Aborreço os olhos todos  
Que ousam teus olhos mirar;  
Aborreço a aragem mansa  
Que vem teus labios beijar.

E' loucura ter ciumes,  
Mas são esses de matar.

Não me lances esses olhos,  
Que eu já não posso soffrer;  
Tenho medo de mim mesmo,  
De um amor como eu sei ter.

Ha na vida mil tormentos  
P'ra uma hora de prazer.

## ROLA

Des qu'o amor me deu qu'eu lesse  
Nos teus olhos minha sina,  
Ando como a peregrina  
Rola que o esposo perdeu;  
Seja noite ou seja dia  
Eu te procuro constante;  
Vem, oh! vem, querido amante,  
Tua sou e tu és meu.

Vem, oh! vem, que por ti clamo,  
Vem contentar meus desejos,  
Vem fartar-me com teus beijos,  
— Vem saciar-me de amor!  
Amo-te, quero-te, adoro-te,  
Abraço-me quando em ti penso,  
E em fogo voraz, extenso  
Anceio louco de ardôr!

Vem, que te chamo e te aguardo,  
Vem apertar-me em teus braços,  
Estreitar-me em dôces laços,  
Vem pousar no peito meu;  
Que se o amor me deu que eu lesse  
Nos teus olhos minha sina,  
Ando como a peregrina  
Rola que o esposo perdeu.

---

**MENINA DOS OLHOS NEGROS**

Menina dos olhos negros  
Morro por ti de paixão;  
Menina dos olhos negros,  
Queres tu meu coração?

Como tu não ha na terra  
Tão linda, tão bella flôr;  
Menina dos olhos negros,  
Queres tu o meu amor?

Da capella de um archanjo  
És luzinha desprendida;  
Menina dos olhos negros,  
Queres tu a minha vida?

Pódes vêr que são já tuas  
Estrellas do firmamento;  
Menina dos olhos negros,  
Queres tu meu pensamento?

Quero ser teu e tu minha  
Por uma dôce união,  
Dou-te todo o pensamento,  
Alma, vida e coração.

---

## RECITATIVO

---

### SONHO DE VIRGEM

Eil-a tão bella — sobre o leito — immersa  
No somno ameno da estação gentil!...  
Branca açucena que entreabre o calix,  
Amor lhe alenta o melindroso hastil!...

Amor de rola, que inda ha pouco o ninho  
Guardava implume a pipilar medrosa;  
Mede o espaço, e ensaiando o vôo,  
As tenras azas exp'rimenta airosa.

Eil-a tão bella!... mal cerrados ciliós,  
 Labios purpureos — um sorrir d'anjinho,  
 Madeixas d'ouro sobre o leito esparsas,  
 Seio de neve a se agitar mansinho.

Sonha e sorri-se; que horisonte azul  
 N'alma lhe esparge de esperança as flôres!  
 Sonha e sorri-se; que dourada nuvem  
 Lhe occulta aos olhos da descrença as dôres!

Dorme, donzella, teu dormir sereno...  
 Oh! não despertes da illusão dourada!...  
 Que são fallazes d'esta vida os gozos,  
 O sonho — um mundo — o despertar — um nada.

Teu leito é templo que a innocencia guarda;  
 Tecem os anjos as grinaldas tuas;  
 Baste-te o gozo das virgineas flôres,  
 Outros perfumes... ah! por Deus... não fruas!

---

## LUNDU

---

### SINHÔ JUCA

Sinhô Juca, vã-se embora,  
 Não me conte historias, não;  
 Já se esqueceu do que fez...  
 Na noite de S. João?

Ai, meu Deus, sinhô Juquinha,  
 Vossê é os meus peccados!  
 Vá-se embora, já lhe disse,  
 Não me queira dar cuidados.  
 As artes do sinhô moço  
 São mesmo artes do demonio,  
 Para vêr-me livre d'elle  
 Vou rezar a Santo Antonio.  
 Santo Antonio, meu santinho,  
 Valei-me n'esta afflicção,  
 Fazei com que sinhôzinho  
 Não me faça tentação.  
 Santo Antonio, Santo Antonio,  
 Que tentação do demonio!

Sinhô Juca, é forte teima!  
 Não bula commigo, não:  
 Não brinque como brincou  
 Na noite de S. João.

Ai, meu Deus — etc.

Sinhô Juca, arre de lá,  
 Senão leva um bofetão;  
 Eu não quero mais gracinhas  
 Da noite de S. João.

Ai, meu Deus — etc.

Sinhô Juca, você chora?  
 Já se viu tal tentação?  
 Não se vá, que já não ralho  
 Da noite de S. João.

Ai, meu Deus, sinhô Juquinha,  
 Vossê é os meus peccados;

Eis aqui mais outra vez  
Os meus protestos quebrados;  
As artes do sinhô Juca  
São mesmo artes do demonio,  
Não me posso livrar d'elle  
Nem rezando a Santo Antonio.  
Santo Antonio, meu santinho,  
Já não vales nada, não,  
O chorar de sinhôsinho  
Derreteu-me o coração.  
Santo Antonio, Santo Antonio,  
Que tentação do demonio!

---

## MODINHAS

---

### RETEM NOS LABIOS INGRATOS

Poesia do snr. Pereira Sousa, e musica do snr. Raphael Coelho.

Retem nos labios ingratos,  
Retem tanta crueldade;  
Em ti perdôo a mentira,  
Em ti detesto a verdade.

Essa verdade  
Póde matar,  
Esta mentira  
Póde animar.

Se desprezas meu amor,  
 Não n'ó digas, por piedade,  
 Cala no peito o que sentes,  
 Em ti detesto a verdade.

Esse silencio  
 Póde animar,  
 Essa verdade  
 Me vai matar.

---

### QUE NOITES QU'EU PASSO AQUI NO ROCHEDO <sup>1</sup>

Poesia do snr. dr. Villela Tavares, musica do snr. A. J. S. Monteiro.

Que noites qu'eu passo aqui no rochedo  
 Á borda do mar,  
 Inquieto e afflicto, com susto e com medo,  
 E sempre a cuidar!

Se chove ligeiro, as aguas correndo  
 A choça humedece;  
 Viuva não bebas, na gruta gemendo,  
 Minh'alma entristece.

Se o cume do pico a lua prateia,  
 Ao seu clarear  
 Meu peito infeliz suspira e aneia,  
 Começo a chorar.

<sup>1</sup> A musica d'esta modinha acha-se á venda na rua de Gonçal-  
 ves Dias n.º 61, estabelecimento musical do snr. Nicasso Garcia.

Passadas venturas me vem á lembrança,  
Que dôce painel!...  
Contemplo depois da sorte a mudança  
P'ra mim tão cruel.

Sem forças, em vão, deitado no leito  
Eu quero dormir;  
Saudade que fere, que rala-me o peito  
Eu entro a sentir.

Saudade da terra que longe deixei,  
E onde nasci;  
Saudade do povo, da gente que amei,  
Mas que eu já perdi.

Saudade da matta do meu sabiá,  
Dos plumeos cantores;  
Dos fructos tão bellos, tão bons que alli ha,  
Saudade das flôres.

Saudades das ruas, e rios e fontes  
Que ha na cidade;  
Saudade do prado, dos valles e montes,  
De tudo, saudade!

Que noites eu passo aqui no rochedo  
Á borda do mar,  
Inquieto e afflicto, com susto e com medo  
E sempre a cuidar!

Se durmo cansado de tanto lidar,  
De tanto soffrer,  
Vampiros dispersos pairando no ar  
Em sonhos vou vêr.

Idéas, imagens, crueis pensamentos  
 Se avivam então ;  
 Desperto, meus males, martyrios, tormentos  
 Mais graves me são.

Taes são minhas noites, que noites de horror,  
 Tal é minha sorte ;  
 São noites eternas de mágoas e dôr,  
 São noites de morte.

---

### POR ENTRE AS TREVAS DA NOITE

Por entre as trevas da noite  
 Que cercam minha existencia,  
 Brilha um astro de innocencia  
 Que é minha estrella polar.  
     Nos abysmos de minh'alma  
     Só ella póde brilhar.

O clarão frouxo da lua  
 Já desmaia no horisonte,  
 E o d'ella na minha frente  
 Inda não veio pousar.  
     Ide, ó sons de minha lyra  
     Em torno d'ella adejar.

Apenas n'este silencio  
 Ouço o cahir de uma fonte  
 Que vem descendo do monte  
 Com sonoro crepitar,  
     Eu ajunto ás vozes d'ella  
     Os echos do meu cantar.

Vem, flôr dos jardins celestes,  
Vem, meu anjo, sem receio,  
Entornar dentro em meu seio  
Teu perfume e teu olhar;  
    Por tu'alma innocentinha  
    Minh'alma quero trocar.

Mas talvez que adormecida,  
Recostada a seu postigo,  
Sonhando, ó virgem, commigo  
Vão meus cantos te acordar:  
    Adeus, ó virgem, que o bardo  
    Não quer teu somno turbar.

Olha que a noite é bem negra,  
Faz frio de inverno e gelo,  
Já sinto no meu cabello  
O sereno a gotejar;  
    Não erra estrella no céu,  
    Nem ouço o mocho piar.

---

## RECITATIVOS

---

### FADA DE ENCANTOS

Fada de encantos que eu adoro e amo,  
Por quem me inflammo sem venturas ter,  
Deixas que o pobre, suspirando amores,  
Sinta os rigores d'um cruel soffrer?

Deixas, ó virgem, que o meu negro fado,  
 Que me ha ligado á desventura assim,  
 Longe dos gozos, como a flôr pendida,  
 É minha vida um suspirar sem fim?

E tu, flôr bella no tapiz dos prados,  
 Dôces, bordados de mimosas côres,  
 Não vês o pobre que por ti clamando  
 Vive chorando n'um viver de dôres?

Oh! se eu nunca disse, te direi agora,  
 Minh'alma chora por teu dôce amôr;  
 Vem dar ao triste, que não tem abrigo,  
 Um peito amigo a mitigar-lhe a dôr.

Vem tu, ó virgem, dôce irmã dos risos,  
 Dar-me os sorrisos de uma vida pura;  
 Ai! dôce anjo, minha vida abrazas,  
 Roça-me as azas de feliz ventura.

Não temas nunca que eu te olvide, não!  
 Meu coração e meu amor são teus;  
 Se me desprezas vagarei perdido  
 Como o descrido nos desertos seus!

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

### DESPREZA O MUNDO

Despreza o mundo que caminha errante,  
 Que, ignorante, jámais crê — virtude!...  
 Despreza o mundo que a acção mais pura  
 Se lhe figura — sentimento rude!...

Despreza quem no lodaçal do mundo  
Vegeta immundo, sem virtudes ter;  
Despreza aquelle que o crime abraça,  
Sorvendo a taça do agro soffrer!

Os que te accusam de leviandades,  
São nullidades — só inspiram dó!...  
Sem se lembrarem que serão um dia  
P'la morte impia, reduzidos a pó.

Altiva e nobre tua fronte ergue,  
E firme segue da virtude o trilho;  
Ri-te d'aquelles que com falso agrado  
Tem procurado te offuscar o brilho...

Coração de anjo, fórmãs de mulher,  
E' bem cruel quem te impõe soffrer!  
Que desprezando todo teu encanto  
Vertendo o pranto te fará morrer!...

Eu te admiro, e comprehendo tanto  
Quanto teu pranto me traduz — delirio!...  
Que com puro affecto — serena calma  
Te offerto a palma do cruel martyrio!...

Despreza o mundo que caminha errante,  
Que, ignorante, jámais crê — virtude!...  
Despreza o mundo que a acção mais pura  
Se lhe figura — sentimento rude!...

S. J. S.

# LUNDÚ

---

## NÃO ME AMOFINE

Arre lá, não me amofine  
Com tamanha impertinencia;  
Não goza mais meu amor,  
Tenha santa paciencia.

Eu gosto de quem não tem  
Coração p'ra muita gente;  
Gosto de quem quando falla  
Não é fingida — não mente.

Não avive esses olhinhos  
Para vêr se me captiva;  
Uma vez já me enganou,  
Pois sem mim, agora viva.

Eu gosto de quem não tem — etc.

Se vossê não me queria,  
Dissesse logo á primeira;  
Agora não tem café,  
Não cáio na ratoeira.

Eu gosto de quem não tem — etc.

---

## MODINHAS

---

### PERDEU A FLÔR DE MEUS DIAS

Perdeu a flôr de meus dias  
Todo o perfume de amor;  
Ramos seccos pendem d'haste,  
Já não vive a minha flôr.

O tempo que tudo muda  
Não minora a minha dôr;  
Já não tenho primavera,  
Já não vive a minha flôr.

Só encontro no deserto  
Bafejo consolador;  
Fechai-vos, jardins do mundo,  
Já não vive a minha flôr.

---

### NO SEMBLANTE TENS IMPRESSO

No semblante tens impresso  
A constancia, a lealdade;  
Tu és um anjo de amor,  
Tens belleza e tens bondade.

Tens uns olhos scintillantes,  
Que bem exprimem — amor;  
Quem os vê, deixar não pôde  
De adoral-os com fervor.

Os teus dotes divinaes  
Deixa-me só contemplar,  
Já que a sorte acerba, injusta,  
Não nos deixa amor gozar.

---

### JUSTOS CÉOS, COMO É POSSIVEL

Justos céos, como é possivel  
Que seja a ternura um crime,  
Se tudo quanto é vivente  
Da lei de amor não se exime?

Se é delicto ser amante,  
Suspirar — morrer de dôr,  
Crime é da natureza  
Que ensina a ter amor.

Té o proprio deus do Averno  
Que os condemnados opprime,  
Se chegar a vêr teus olhos  
Da lei de amor não se exime.

---

### OS MANDAMENTOS

Eu confesso minhas culpas  
Todas pelos mandamentos;  
Depois que eu vi a Marilia  
Trago varios pensamentos.

O primeiro amar a Deus :  
Eu amo o meu bem querer ;  
Se Marilia fôr constante  
Hei-de amal-a até morrer.

Segundo é não jurar  
Pelo santo nome em vão ;  
Eu jurei amar Marilia  
De todo o meu coração.

O terceiro ouvir missa  
Nos dias de santa guarda ;  
Eu cem missas ouvirei  
'Stando a par de minha amada.

O quarto honrar pai e mãe,  
Pai e mãe respeitarei ;  
Só por ti, Marilia amada,  
Pai e mãe eu deixarei.

O quinto não furtarás  
Mesmo tendo precisão ;  
Eu só fiz ainda um furto :  
De Marilia o coração.

Sexto guardar castidade  
Que é virtude apreciada ;  
Eu serei sempre mui casto  
'Stando a par da minha amada.

O setimo é não matar,  
Eu nunca matei ninguem ;  
Eu só mato as saudades  
Que sinto por ti, meu bem.

Oitavo é não levantar  
Nunca, falsos a ninguém;  
Eu só disse que Marília  
Era só minha e meu bem.

O nono é não desejar  
Do proximo a mulher;  
Eu só desejo a Marília  
Porque eu quero e ella quer.

Decimo é não cubiçar  
Nunca as cousas de ninguém;  
Eu só cubiço a Marília  
Porque ella é o meu bem.

Estes dez mandamentos  
Só em dous é que s'encerra:  
Amar a Deus no céo,  
E a Marília cá na terra.

---

## RECITATIVO

---

### EU VI-TE, VIRGEM

Eu vi-te, virgem, sobre o collo a fronte  
Curvada á fonte a segredar queixumes!  
Eu vi-te triste, qual pendida rosa  
Hontem mimosa a exhalar perfumes!

Cabellos negros, no cahir esparsos,  
 Formosos traços estapavam n'agua!  
 Assim eu vi-te a extrahir da harpa  
 Acerba farpa de pungente mágoa!

Busquei-te! Achei-te! Em macia relva  
 Além da selva, recostei-te a mim!  
 «Por mim definhas?» — perguntei corando  
 E tu, chorando me disseste — Sim!

.....  
 .....

Depois, a sorte resequiou-me as flôres!...  
 Espinhos, dôres, entornou-me n'alma!  
 Mas inda espero n'um recente espaço  
 Prender-te ao laço de amorosa palma.

*Virginio Martins de Carvalho.*

---

## LUNDÚ

---

### O TODO DE SINHÁZINHA

Quem quizer venha escutar  
 Como é bella esta letrinha,  
 Como eu vou retratar  
 O todo de sinházinha.

Seus cabellos pretos, finos,  
A cabeça redondinha,  
Sua testa bem formada,  
Como é bella a sinházinha!

Seus olhos pardos e vivos,  
Sua bocca bem feitinha,  
Seu nariz bem afilado  
Como é bella a sinházinha!

Seus bracinhos torneados,  
Sua mão bem talhadinha,  
De cintura muito airosa  
Como é bella a sinházinha!

Brilha um sorriso em seus labios  
Como brilha uma estrellinha;  
É joven, é bello e meigo  
O todo de sinházinha.

É um anjinho de amor,  
É formosa e galantinha,  
A natureza esmerou-se  
No todo de sinházinha.

Não póde deixar de amar  
Quem ouvir esta letrinhá;  
Que a natureza esmerou-se  
No todo de sinházinha.

---

## MODINHAS

---

### COMO SE AMA A DEUS NO CÉO

Como se ama a Deus no céu  
Te adorou minh'alma pura,  
Mas tu desprezaste, ingrata,  
Meus extremos de ternura.

Se desprezar tu podeste  
Quem soube tanto adorar-te,  
Não devo amar quem me odeia,  
Devo também desprezar-te.

Porque se é crime o desprezo  
Em paga d'uma afeição,  
Também é loucura amar-se  
Quem pratica ingratitude.

Se desprezar tu podeste — etc.

---

### QUEM SABE!?!...

Tão longe de mim, distante,  
Onde irá teu pensamento?  
Quizera saber agora  
Se esqueceste o juramento.

Quem sabe se tu és constante,  
 Se inda é meu teu pensamento?  
 Minh'alma toda devora  
 Da saudade agro tormento.

Vivendo de ti distante,  
 Ai, meu Deus, que amargo pranto!  
 Suspiros, angustias, dôres  
 São as vozes do meu canto.

Quem sabe — etc.

Quem sabe, pomba innocente,  
 Se tambem te corre o pranto!  
 Minha alma cheia de amores  
 Te entreguei já n'este canto.

Quem sabe — etc.

---

### MARILIA, TEUS OLHOS TÃO TRISTES

Poesia de J. Verissimo da Silva, e musica de José Martins  
 de Santa Rosa

Marilia, teus olhos tão tristes  
 Se volvem magoados p'ra mim;  
 Diviso o pezar derramado  
 Na face de neve e carmim.

Desejo saber o que opprime  
 Tua alma tão virgem, tão pura;  
 Marilia, tu soffres, mas eu  
 Tambem soffro horrivel tortura.

Afflige minh'alma sensível,  
Marilia, teu longo scismar;  
O pranto rebenta em teus olhos,  
Eu quero contigo chorar.

Desejo saber—etc.

---

### EU SONHEI QUE NOS MEUS BRAÇOS

Eu sonhei que nos meus braços  
Dôcemente te apertava;  
Nos teus lábios, minha bella,  
Toda inteira a vida achava.

Oh! que prazer tão celeste  
Tivera n'esse sonhar!  
Se tal sonho fôra eterno,  
Quizera nunca acordar.

Antes fosse o sonho a vida  
Que então teria prazer,  
Pois acordado, só tenho  
Um continuo padecer.

Oh! que prazer tão celeste—etc.

---

## RECITATIVOS

---

### PERFUMES D'ALMA

Mancebo, escuta o que eu vi no mundo,  
Sentir profundo, soffrimento, dôres;  
Risos de gelo, bem amargo pranto,  
Lugubre canto em mausoléo de amores.

Amor não vi no fallar da virgem,  
Nem na vertigem de voraz paixão;  
Só vi enganos, mentirosos sonhos,  
Echos medonhos de cruel traição!...

Pulsar não vi um coração sómente,  
Nem ternamente murmurar amor!...  
Só vi desprezo, a mentira impura,  
A desventura no gemer da dôr.

Não vi um riso, nem um casto beijo,  
Terno desejo de um coração amante;  
Só os sorrisos de infernal traição,  
A ingratidão a se ostentar constante.

O vicio eu vi — bem veloz correr,  
E se perder no turbilhão das salas;  
Eu vi corôas lá no chão tombadas,  
E já manchadas da donzella as galas.

Pasmei ao vêr, no alcouce, ellas,  
Mulheres bellas, a vender amor;  
Vi suas faces com a côr da morte,  
Pungente sorte que lhe deu a dôr.

Chorei ao vêr uma virgem linda,  
De dôr infinda, praguejar, descrida!...  
Vendo que era por seu pai mandada,  
Era arrastada ao altar, vendida!

Amor não queiras, porque amor é morte,  
Comêço forte de um gemer profundo;  
Amor não queiras porque amor não ha,  
Nem ella o dá a ninguem, no mundo!...

*Verissimo José do Bomsuccesso Junior.*

---

### O ESTUDANTE

Hoje são quinze do meu mez de aulista,  
Ando com a crista para o chão cahida;  
Em os meus bolsos de estudante pobre  
Dez reis em cobre já não tem guarida.

Aonde pára a infeliz mezada  
A mim mandada pela mãe querida?  
Talvez na bolsa de qualquer jurista  
N'esta hora exista, bem e bem cosida.

Ai! ai! meu Deus, que existencia agra!  
Parece praga sobre mim rogada!  
Ando nas ruas qual Judeu-Errante,  
Sujo, pingante, sem vintem — *sem nada*.

Escabriado qual um cão damnado,  
É meu estado quando vou p'las ruas;  
Porque s'encontro com credor audaz,  
Elle é capaz de me fazer das *suas*.

Eu devo a casa onde moro ha um mez,  
Ao meu freguez do *restaurant* devo,  
Ao armarinho do José Manoel  
Devo o papel que a sabbatina escrevo.

Do importuno alfaiate a conta  
Creio já monta a bem puxados cobres;  
Que quer que faça? oh que impertinentes!  
Os meus parentes tambem são mui pobres...

Credito, foi-se! minha lavadeira,  
A engommadeira, té meu sapateiro,  
Por seus cobrinhos mui zangados clamam  
E já me chamam de vil caloteiro.

Que amarga vida passa o estudante  
Sempre oscillante nos desejos seus!  
Passa tormentos que só elle sabe,  
Pois só lhe cabe o furor de Deus!

Pois não! se adora a ~~uma~~ moça bella,  
Votando a ella um amor eterno,  
Ella depois de o mirar mui bem  
Diz com desdem: É escolar! que inferno!

Inda não é tudo, o estudante estuda,  
De côres muda, de cançado tomba;  
Os seus exames vai fazer na escola,  
Por uma bola chupa ás vezes bomba.

Fica sem credito, perde o anno, a amante,  
Dá em vagante — o que quer que faça?  
Começa então a frequentar orgias,  
E vai seus dias terminar na praça.

*Gualberto Peçanha.*

# LUNDÚ

## O CARANGUEJO

Caranguejo anda ao atá  
Procurando a sua entrada,  
Veio seu mestre titio  
Fez dos c'ranguejos cambada.

Depois das cambadas feitas  
Sahiu p'ra a rua a gritar:  
—Chega, chega a freguezia!  
Vai caranguejo, sinhá?

Moças pobres que vê chamam,  
E vão logo a perguntar:  
—Quanto custa os caranguejos?  
—Meia pataca, sinhá!

—Mestre titio me diga  
O seu nomé como é?  
—Sinhá, p'ra que quer saber?  
Eu me chamo pai Manoé.

—Pois pai Manoel, vossê  
Vai dar passeio ligeiro,  
E quando vier de volta  
Venha buscar seu dinheiro.

—Moça, leva os caranguejos  
E deita-os a cozinhar,  
Que mestre titio não tarda  
O seu dinheiro buscar.

Palavras não eram ditas  
 Na porta o preto bateu:  
 Pergunta a moça:— Quem é?  
 Responde o preto:— Sou eu.

A moça veio de dentro  
 Dizer que agora não tinha  
 Dinheiro para lhe dar,  
 E seu marido já vinha.

Sinhá, não sabia  
 Que eu era captivo,  
 Que tinha de dar  
 Conta ao captiveiro?

Não me pregue calote,  
 Dê p'ra cá meu dinheiro.

## MODINHAS

### OH! QUE BOM SE EU MORRESSE

Oh! que bom se eu morresse amanhã!  
 Que feliz, oh meu Deus, que eu seria!  
 Do papá, da mamã, dos maninhos,  
 D'elles todos um pranto eu teria.

Do amigo sincero eu teria  
 Ternos beijos, na fronte já fria;  
 Uma lagrima vertida em saudade,  
 Do cruento soffrer da agonia.

Oh! que bom se eu morresse amanhã!  
Morreria commigo este amor  
Malfadado, infeliz, esta chamma  
Que meu peito crestou de amargor.

Amorosa mamã em soluços,  
A gemer e finar-se em saudade;  
E da amiga extremosa eu teria  
Uma prece de sua amizade.

Eu teria a maninha afflictiva  
Minha morte a carpir e a chorar;  
E no meu ataúde sombrio  
Desgrenhada o meu corpo abraçar.

Oh! que bom se eu morresse amanhã!  
Eu teria da amante... mas não,  
D'ella só, ainda morto, eu teria  
Negro riso de ingratitude.

Minha Lilia adorada, perdoa,  
Tu me amas, querida, eu sei bem;  
Se eu morresse amanhã, tu commigo  
A chorar morrerias tambem.

---

### SÃO RESTOS QUE EU JÁ DEIXEI

Não se me dá de que gozem  
Cousinhas que eu já gozei;  
Aproveita, pobresinho,  
São restos que eu já deixei.

De Marcia os bellos miminhos  
Em quanto eu quiz desfrutei;  
Os prazeres que hoje gozas  
São restos que eu já deixei.

Basta, para castigar-te,  
O tocar no que toquei;  
O lembrar que estes carinhos  
São restos que eu já deixei.

Pelo que gozas agora  
Imagina o que gozei!  
O que bebes tão sedento  
São restos que eu já deixei.

A flôr, o fructo de amor,  
Intactos n'elle encontrei;  
Tudo o mais que der aos outros  
São restos que eu já deixei.

---

## RECITATIVOS

---

### SONHA

Sonha, donzella, a mocidade é bella,  
P'ra quem só teve desde o berço flôres;  
A vida é triste para mim, coitado,  
Que vivo cheio de cruentas dôres!

Sonha, não penses no cantor perdido,  
Amante e crente do candôr dos lyrios;  
Sonha, não queiras partilhar commigo,  
Do mundo falso seus crueis martyrios.

Sonha, não olhes a impureza d'alma  
De um poeta que te amou com ancia;

Atira ao fogo esses loucos cantos  
De quem na orgia mareou a infancia.

Sonha, que os anjos sonharão contigo,  
A virgem pura guardará teus cantos;  
Mas não maldigas n'esse sonho puro  
A quem da lyra arrancou só prantos.

Sonha, não chores por me vêr perdido,  
Louco, descrendo da cruenta sorte;  
Não queiras vêr-me navegando afouto  
Por sobre as vagas da tremenda morte.

Sonha, que o pobre chorará sósinho,  
Sorvendo a taça d'amargosa lida;  
E quando a morte me riscar do mundo,  
Mesmo cadaver — te amarei, querida.

Sonha, não penses, é loucura a vida,  
É falso e negro teu viver dourado;  
Só não é falso o poema immenso  
Que sobre a campa deixarei gravado!

*J. M. Mancebo.*

---

### JOVITA

A bella, valente, guerreira *Jovita*  
O pasmo hoje excita com seu proceder;  
Quem é que diria que um peito tão fragil  
Teria a coragem d'aquella mulher?!

Deixando a familia, deixando seus lares,  
Da guerra os azares vai ella arrostar!  
Não quer (que coragem!) servir d'enfermeira,  
Quer, sim, ser guerreira p'ra muitos matar!

*Jovita* não teme pisar os espinhos  
 De horriveis caminhos co'a planta mimosa;  
 Não teme trocar esse clima do Norte  
 P'lo frio tão forte da plaga arenosa.

Que exemplo sublime! Que facto gigante  
 Se dá n'este instante no nosso Brazil!  
 O mundo hoje pasma, todo elle s'inclina,  
 Porque a mão divina nos guia o fuzil.

Permitte, heroína, que o bardo obscuro  
 Te augure um futuro risonho, feliz;  
 Que voltes da guerra coberta de gloria,  
 Que illustres a historia do nosso paiz.

*Gregorio Christino da Silva.*

---

## LUNDÚ

---

### A CASA MAL ASSOMBRADA

Vê-se a cidade abalada,  
 Todas as velhas rezando,  
 As criancinhas chorando,  
 E a policia agitada:  
 —A casa mal assombrada!—  
 Grita em côro a multidão;  
 É tão grande a confusão  
 Que a folhinha postergou-se,  
 E a Quaresma mostrou-se  
 Depois da Resurreição!

Mas vamos do caso ao fundo ;  
Diz, Quaresma, o que é isto?  
É um caso nunca visto,  
É um'alma do outro mundo,  
Reina um mysterio profundo  
N'esta misera casinha?  
Porque mal chega a noitinha,  
Logo um defunto brejeiro  
Bate como um leiloeiro  
Lá na porta da cozinha.

Um gato preto já vi  
Que era tudo, menos gato;  
Vi arrastar um sapato  
Que eu não calcei nem buli;  
Andando d'aqui p'ra alli  
Encontrei uma tripeça,  
Vi um caixão e uma eça,  
Um gallo cacarejando,  
E lá no quintal rinchando  
Um cavallo sem cabeça.

Safa! o caso faz terror!  
Estou com medo, não nego!  
Uma alma que bate o prego  
Contra ás ordens do inspector!?  
Diz o tal martellador:  
Como bate? e com que som?  
Faz assim: tem, tam, tom, tom;  
Esta agora é diabolica!  
Com tal pancada symbolica,  
Só se é alma de maçon.

Acode a policia ousada,  
Dous pedestres com archote

Invadem arrostando a morte  
A casa mal assombrada :  
A tropa disciplinada  
Divide-se em pelotões,  
Ouve-se proclamações  
D'esses modernos zuavos,  
Firmes, intrepidos, bravos,  
Molham comtudo os calções.

Porta, janella e telhado,  
Sala, cozinha e quintal,  
Tudo em bloqueio infernal  
Ficou dous dias cercado.  
O povo aterrorisado  
De noite uma sombra viu,  
As tres pancadas se ouviu,  
Era a hora tão sinistra  
Que o pedestre de mais crista  
De cambalhotas cahiu.

Mas a visão 'stá filada,  
A tal alma do outro mundo ;  
De immenso gosto profundo  
Fica a cidade banhada...  
A alma achou-se trepada  
Em um velho paredão :  
Era um bello, um maganão...  
Por zombar dos assombrados  
Foi pagar os seus peccados  
Na casa da CORRECÇÃO...

# INDICE

	<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
A ausencia.....	25	Brazil, acorda!.....	17
A borda do mar.....	128	Como se ama a Deus no céo	193
A bruma.....	66	Contigo só posso eu.....	113
Acabou-se a minha crença..	134	Confissão e desengano.....	47
A capella da virgem.....	154	Dá-me um beijo.....	165
A casa mal assombrada....	204	Dá-me um sorriso.....	26
A clara.....	139	Dá-me um sorriso.....	43
A corda sensível.....	20	Deixei cabanas.....	173
A côr morena.....	13	Desalento.....	34
A côr morena.....	102	Despreza o mundo.....	184
A descrente.....	107	Do Brazil a mulatinha.....	148
A despedida.....	35	Dorme, dorme, ó morena...	167
A despedida.....	88	Elisa.....	146
A despedida.....	171	Elvira.....	19
Adeus, lyra malfadada.....	142	Enlevo.....	110
Adeus, meu anjo.....	90	É peneira nos olhos que tom	86
A flôr do meu culto.....	150	Escuta, donzella.....	166
A flôr « Saudade ».....	122	Escuta, virgem!.....	135
Além de meus males.....	89	Espanta o grande progresso	67
À lua.....	81	Esperança morta.....	73
A lua.....	98	Estamos no seculo das luzes	75
A marrequinha.....	23	Estes mocinhos d'agora.....	130
Amor de mãe.....	101	Eu amei uma inconstante...	159
Amor de mãe.....	157	Eu já tive uma menina.....	48
Amor perfeito.....	33	Eu posso com mais alguém.	123
A nebulosa.....	91	Eu soffro angustias me suffo-	
Anjo.....	54	car.....	145
Anjo do céo, tu me matas...	151	Eu souhei que nos meus bra-	
Ao Paraguay.....	164	ços.....	195
Ao sol.....	83	Eu vi o anjo da morte.....	123
A pensativa.....	45	Eu vi-te, virgem.....	190
A saudade me flagella.....	64	Fada de encantos.....	183
As clarinhas e as moreninhas	59	Feitiços da mulata.....	30
A tristeza.....	129	Flôres d'alma.....	126
A vida.....	56	Foi cruel o meu destino....	149
A vida do frade.....	161	Gemo na dura prisão.....	81
A vida e a morte.....	118	Imbernizate, engraxate, a la	
A virgem do meu amor....	104	mode de Paris.....	40
A virgem dos meus sonhos.	54	Já não vive Délia.....	29
Barca Bella.....	112	Já passei dias felizes.....	44
Bem te vi.....	111	Jovita.....	203
Borboleta.....	14	Justos céos, como é possível	188

	<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
Lágrimas da dôr.....	157	Perdôa.....	55
Lá no largo da Sé.....	114	Perfumes d'alma.....	196
Lembranças do nosso amor.....	62	Ponto final.....	22
Lembranças do nosso amor.....	70	Por entre as trevas da noite.....	182
Lilia bella, o triste pranto..	169	Porque me fitas?.....	28
Magoa e saudade.....	84	Porque sou triste.....	133
Marilia, escuta.....	97	Prazeres que eu não sonhava.....	144
Marilia, teus olhos tristes...	194	Quando eu era criancinha..	156
Menina dos olhos negros...	175	Quando no tumulto.....	106
Menina vossê me diga.....	59	Quanto és bella!.....	70
Menina, porque razão.....	172	Quem sabe!?!.....	193
Minh'alma é triste.....	79	Que noites qu'eu passo aqui no rochedo.....	180
Mulatinha do caroço.....	50	Que queres mais?.....	105
Não me amofine.....	186	Quero fugir-te.....	170
Não posso com mais ninguém	32	Recordação.....	120
Não sei que sinto.....	65	Remorsos.....	38
Nasce risonha a aurora.....	117	Retem nos labios ingratos..	179
Nas horas que passo tão tris- te.....	95	Riso e morte.....	9
N'estas praias de limpidas arêas.....	144	Rc'la.....	175
No semblante tens impresso	187	Roseas flôres d'alvorada....	96
Nossa mãe.....	126	Rosto d'anho.....	16
Novos arcos, novos climas irei longe respirar.....	152	Saudade.....	108
O amor perfeito.....	121	São ciumes de uma ingrata..	25
O artista.....	11	São restos que eu já deixei.	201
O banqueiro.....	93	Se a esperança já não tenho	117
O canto do cysne.....	7	Se disfarço quanto sinto....	132
O canto da virgem.....	37	Se és anjo no gesto e belle- za.....	95
O caranguejo.....	199	Se eu fôra da noite o astro formoso.....	53
O cego.....	168	Segredo.....	152
O descrido.....	125	Siciliana.....	116
O escravo.....	136	Sinhô Juca.....	177
O estudante.....	197	Sonha.....	202
O gondoleiro.....	39	Sonho de virgem.....	116
Oh! que bom se eu morresse	200	Supplica.....	71
Oh sorte minha cruel!.....	15	Teu dôce amor.....	10
Olhar de virgem.....	46	Trovador.....	41
O marujo.....	92	Trovador.....	51
Os ciumes.....	174	Trovador.....	61
Os olhos chorosos.....	155	Um namorado da época....	160
Os olhos de Urania.....	147	Uma chaga me abriste no peito.....	124
Os mandamentos.....	188	Vem, donzella, na hora ex- trema.....	87
O sonho.....	90	Venus.....	119
O teu amor, pura virgem...	143	Virgem santa.....	115
O todo de sinhásinha.....	191	Vivendo de ti distante....	80
O vago.....	99	Yáyazinha vossê mesmo....	141
Pensa e procede.....	73		
Perdeu a flôr de meus dias.	187		

A douda do Candal. — Doze casamentos felizes. — Duas horas de leitura. — Engeitada. — O esqueleto. — Estrellas funestas. — Estrellas propicias. — Fanny. — A filha do arcediogo. — A filha do doutor negro. — A filha do regicida. — O demonio do ouro. 2 v. — A freira do subterraneo. — Juden. 2 v. — Lagrimas abençoadas. — O livro negro do padre Diniz. — Livro de consolação. — Lucta de gigantes. — Memorias do carcere. 2 v. — Memorias de Guilherme do Amaral. — Memorias de fr. João de S. J. Queiroz. — Mystérios de Lisboa. 2 v. — O mosaico. — Aneta do arcediogo. — No Bom Jesus do Monte. — Noites de insomnia, publicação mensal. 12 vol. — Noites de Lamego. — Aonde está a felicidade? — O olho de vidro. — O que fazem mulheres. — Quatro horas innocentes. — A queda de um anjo. — O Regicida. 1 v. — Romance de um homem rico. — Romance de um rapaz pobre. — O retrato de Ricardina. — O sangue. — — Scenas contemporaneas. — — Scenas da Foz. — Scenas innocentes da comedia humana. — O senhor do paço de Nimães. — A serêa. — O santo da montanha. — As tres irmãs. — A mulher fatal. — Um homem de brios. — Vingança. — Vinte horas de liteira. — Virtudes antigas.

OBRA DIVERSAS DO MESMO AUTHOR  
 — Divindade de Jesus. — Horas de paz. — Os martyres. 2 v. tr. — O genio do christianismo. 2 v. trad. — A immortalidade, a morte e a vida, trad. — Jesus Christo perante o seculo, trad. — Apreciações litterarias. — O mundo elegante, collecção de romances, poesias, musicas e estampas. — Vaidades irritadas e irritantes. — D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, biographia. — A espada de Alexandre.

DRAMAS DO MESMO — Abençoadas lagrimas. — Como os anjos se vingam. — O condemnado. — Espinhos e flôres. — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres Novas. — Justiça. — O morgado de Fafe em Lisboa. — O morgado de Fafe amoroso. — Poesia ou dinheiro? — Purgatorio e paraiso. — O ultimo acto.

MENDES LEAL — Os primeiros amores de Boeage, comedia. — Canticos, poesias. — Os mosqueteiros d'África. 1 v. — Infaustas aventuras de mestre Marçal Estouro, victima de uma paixão. 1 vol. — O pavilhão negro, poemeto. — Os bandeirantes (chronica do ultramar). 3 v. — O ealabar, historia brasileira. 4. v. — Guerra do Nizam, trad. — A afilhada do barão, comedia. — Pedro, drama. — Pobreza envergonhada, drama. — Egas Moniz, drama. — A pobre das ruinas ou o corsario vermelho, drama e outros.

JULIO DINIZ — A morgadinha dos canaviaes, chronica da aldêa. 2 v.

ALMEIDA GARRET — Viagens na minha terra. 2 v. — Arco de Sant'Anna. 2 v. — Flôres sem fructo: Lyrica, poesias. — Fabulas, folhas calhidas. — D. Branca, poema. — Romancero. 3 v. — Canções, poema. — Catão, tragedia. — Merope e Gil Vicente. — Frei Luiz de Sousa. — D. Philippa de Vilhena. — Sobrinha do marquez. — O Alfageme de Santarem. — Tratado de educação. — Portugal na balança da Europa. — O retrato de Venus. — Discursos parlamentares. 1 v. — Helena, romance. 1 v.

CONSELHEIRO BARROS — Collecção de pensamentos, maximas e proverbios. 2 v. — O medico do deserto. — A virgem da Polonia. — Dous artistas, ou Albano e Virginia. — Meditações ou discursos religiosos. 1 v.

CASTILHO — Noites do castello, es

- ciumes do bardo.—Quadros historicos de Portugal. 1 v. com estampas.—Tratado de metrificacão portugueza.—O outono, collecção de poesias.—Cartas de Echo e Narciso.—Tratado de mnemonica.—A primavera.—Escavações poeticas.—As Georgicas de Virgilio, trad.—O avarento, trad.—O medico á força.—Tartufo.—As metamorphoses de Ovidio. 1 v.—Amor e melancolia.—Camões. 3 v.—As sabichonas, trad.—Methodo portuguez Castilho.—Os amores de Ovidio, trad.—A lyra de Anachreonte, trad.—O Fausto, trad.—O Misanthropo.
- R. ORRIGÃO—Em Paris.—Historias côr de rosa.—Mysterios da estrada de Cintra.—As Farpas, collecção completa.—Hygiene da alma, trad.
- PADRE THEODORO D'ALMEIDA—O feliz independente do mundo e da fortuna. 2 v. com estampas.—Recreação philosophica. 10 v.—Cartas physico-mathematicas. 3 v.
- PADRE ANTONIO VIEIRA—Obras. 27 v. sendo: Sermões.—Cartas.—Historia do futuro.—Arte de furtar.—Obras varias.—Obras ineditas e a vida do padre Antonio Vieira.
- PADRE JOSÉ A. DE MACEDO—Mottim litterario. 1 v.—A besta esfolada. 1 v.—Cartas. 4 v.—O desengano, periodico politico, e moral.—O espectador portuguez. 4 v.—Os burros, poema.—Oriente, poema.—A meditação, poema.—A natureza, poema.—A viagem extatica ao templo da Sabedoria, poema.—Newton, poema.—A verdade, ou pensamentos philosophicos sobre os objectos mais importantes á religião, e ao estado. 1 v.—Censura dos Lusíadas. 2 v.—O segredo revelado ou manifestação do systema dos pedreiros livres e illuminados, e sua influencia na fatal revolução franceza. 5 v.—O homem ou os limites da razão.—Cartas philosophicas a Attico. 1 v.—Refutação dos principios metaphysicos, e moraes dos pedreiros livres illuminados. 1 v.—Cartas a frei Pedro A. Cavroé, e outros folhetos. 1 v.—Os sebastianistas, refutação á mesma obra, pelos redactores do Correio da Peninsula. 2 v.—O novo argonauta, poema.
- A. PIMENTEL—Esboços e episodios. 1 v.—Contos ao correr da penna.—Idyllios á beira d'agua. 1 v.—O testamento de sangue.—O anel mysterioso.—A porta do paraizo.—Do portal á claraboia.—Peregrinações na aldea.—O livro das lagrimas.—O livro das flôres.—Mysterios da minha rua.—Nervosos, lymphaticos e sanguineos.—Entre o café e o cognac.—A virtude de Rosina, trad.—O degredado, trad.—Memorial de familia, trad.—O deseobrimento do Brazil, romance.
- OS PURITANOS DE PARIS, por Paulo de Bocage. 3 v.
- FREI LUIZ DE SOUSA—Historia de S. Domingos. 6 v.—Vida de D. frei Bartholomeu dos Martyres. 2 v.—Annaes de el-rei D. João III. 1 v.—Vida de Henrique de Susa. 1 v.
- LEONI—O genio da lingua portugueza. 2 v.—Estudo sobre os Lusíadas. 1 v.—Lições elementares de poetica. 1 v.—Lições elementares de rhetorica. 1 v.
- URCULLU—Tratado elementar de geographia astronomica, physica, historica e politica, antiga e moderna. 3 v.—O catecismo da doutrina christã explicado ou explicações do *Catecismo de Astete*.